

Bárbara Munhoz Villar
Izabelly Fernandes
Melissa Andrade



o florescer das mulheres no jornalismo

Bárbara Munhoz Villar
Izabelly Cristina Fernandes de Oliveira
Melissa Andrade Silva

Margaridas: o florescer das mulheres no jornalismo

Presidente Prudente- SP
Edição dos Autores
2021

FICHA TÉCNICA

Este livro é resultado do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado Livro-reportagem de perfil: um e-book sobre os desafios das mulheres nas redações jornalísticas do Oeste Paulista, apresentado à Escola de Comunicação e Estratégias Digitais da Unoeste (Universidade do Oeste Paulista), de Presidente Prudente-SP, no segundo semestre de 2021.

Produção e redação: Bárbara Munhoz Villar, Izabelly Cristina Fernandes de Oliveira, Melissa Andrade da Silva

Edição e revisão textual: Bárbara Munhoz Villar, Izabelly Cristina Fernandes de Oliveira, Melissa Andrade da Silva e Fabiana Aline Alves

Projeto gráfico e diagramação: Paulo de Souza Carneiro

Capa: Paulo Cremon

Fotografias: Acervo pessoal das entrevistadas

Orientação: Fabiana Aline Alves

Título: Margaridas: o florescer das mulheres no Jornalismo.

Copyright © 2021. As autoras.

Catálogo na Publicação

079.81	Villar, Bárbara Munhoz
V719m	Margaridas: o florescer das mulheres no jornalismo [recurso eletrônico] / Bárbara Munhoz Villar, Izabelly Cristina Fernandes de Oliveira, Melissa Andrade da Silva. -- 1. ed. eletr. – Presidente Prudente: [s.n.], 2021.
	E-book.: il., color. E-book. Bibliografia. ISBN 978-65-00-34068-6 1. Jornalismo. 2. Mulheres jornalistas. 3.Trabalho feminino – Brasil. 4. Mercado de trabalho. 5. Preconceito. 6. Discriminação. I. Oliveira, Izabelly Cristina Fernandes de. III. Silva, Melissa Andrade da. IV. Título. CDD /23ª ed.

Catálogo - Bibliotecária: Jakeline Margaret de Queiroz Ortega – CRB 8/6246

ISBN 978-65-00-34068-6

Reservados todos os direitos da publicação as autoras.

É proibida a duplicação ou reprodução deste volume, no todo ou em parte, sob quaisquer formas ou por quaisquer meios (eletrônico, mecânico, gravação, fotocopia, distribuição na Web e outros), sem permissão expressa das autoras.

Sumário

Prefácio1	6
Prefácio2	13
Apresentação	17
Introdução	21
Tatiane Ferreira — Além do reflexo	32
Heloise Hamada — O mundo sob outro olhar	71
Amanda Simões — Sua forma de expressar	111
Cássia Motta — Nos bastidores da vida	150
Luci Castro — Raízes da mulher arretada	190
Paula Sieplin — Mãe solo e com amor de sobra	222
Posfácio	261
Agradecimentos	264

Prefácio¹

Ser mãe, ser jornalista e ser mulher. Estou falando de três lutas diárias, que enfrento, concomitantemente, há mais de 20 anos. E foi justamente sobre esses papéis que passei a refletir quando comecei a ler “Margaridas: o florescer das mulheres no jornalismo”.

Lembrei-me, inicialmente, das brincadeiras com meu filho mais velho no comunicador entre ilhas de uma emissora de televisão nos plantões de final de semana quando meu marido também estava trabalhando.

– *Manhêê, estou aqui!* – dizia ele.

Eu olhava, dava um tchauzinho pelo vidro, abria aquele sorriso bobo de mãe e respondia:

– *Não mexe em nada que a mamãe já está acabando!*

Aí era momento de ouvir a sonora inteirinha de novo, porque tinha me desconcentrado com a brincadeira e precisava achar o ponto de corte correto da entrevista. Editor não pode errar, não é mesmo? Imagina a editora de texto recém-formada!

Não sei o porquê, mas tenho uma forte lembrança que, nessa época, ninguém se importava com a presença de crianças na redação. Será que o barulho das enormes teclas, na cor bege

encardida, sucumbia o correr deles entre as mesas de trabalho dos jornalistas?

Pois bem, não foi uma, nem duas e nem três vezes que trabalhei ao mesmo tempo em que assumi a responsabilidade de cuidar do marido, dos filhos e da casa. Tudo se tornou tão natural que as consequências dessa pandemia foram, “somente”, físicas. Uma hérnia de disco, hipermetropia e o cansaço em todo o corpo após a organização da casa para funcionamento de quatro escritórios para “home/studyoffice”. E tem ainda gente que duvida da capacidade da mulher.

Mas afinal, por que as crianças “preferem ir trabalhar” com as mães e não com os pais? Será que tem pai preparado para enfrentar esse desafio, mesmo que com todas as tecnologias do século XXI?

Nunca achei estranho a mãe levar o filho para o trabalho. Afinal, eu e meus três irmãos sempre convivemos com o filho da empregada de casa. E minha mãe sempre repetia:

- Brinquem todos juntos e não quero confusão. Aqui todo mundo é igual.

Sempre foi tudo tão igual, tão naturalizado... Mães devem assumir, independentemente da sua realidade, o cuidado com os filhos. Está estruturado e pronto. Mas por quem? A minha mãe é uma das que integram as estatísticas das mulheres que abandonaram suas carreiras para cuidar da família, a partir do momento que a constituiu. Nunca afirmou que se arrependeu de deixar a escola onde lecionava, mas é só mais uma vítima do quanto a sociedade vem decidindo pelas mulheres ao longo dos anos. Será que minha

mãe chegou a duvidar da própria capacidade de seguir em sua profissão e ainda cuidar da família? Será que em algum momento percebeu que forças externas definiram seu destino?

Avançemos agora na luta sobre ser jornalista e ser mulher ao mesmo tempo. Só quem é mulher vai entender o desespero que passei quando o telejornal estava ao vivo no ar sob a minha responsabilidade de editora-chefe e recebi uma ligação da minha rede de apoio – leia-se minha mãe – que meu filho estava num laboratório de análises clínicas e só iria coletar o sangue para fazer o exame quando a mãe dele – vulgo eu mesma – chegasse.

- *Segura as pontas aí mais um pouquinho* – lamentei à minha mãe. O TJ acabando já vou para o laboratório.

Afinal, mãe não pode errar, não é mesmo? Imagina um filho ficar doente!

Dito e feito. Despedi-me dos telespectadores, fui para o Laboratório de Análises Clínicas e segurei meu filho no colo para acalmá-lo e coletarem seu sangue, depois levei-o pra casa com a mãe e voltei para redação para a reunião de pauta. Mas antes...

- *Filho, almoça, come tudo com a vovó que a mamãe já volta.*

E se o filho cair no quintal e bater a cabeça? Nem dá tempo de entrar em pânico.

- *Dona Thaisa, ele caiu do andador e está chorando. Bateu a cabeça e resolvi avisar a senhora* – explicou nervosa a funcionária contratada para ficar com meu primogênito das 13h às 18h, até meu marido bater o cartão e chegar do trabalho.

Imagina uma mãe, que já começou ela mesma a sentir a dor do galo na cabeça do filho, nos quatro quilômetros do Calçadão

de Prudente, onde realizava entrevistas, até a minha casa, no Jardim Caiçara.

- *Como ele está?* – perguntei já partindo para um forte abraço e milhões de beijos no bebê que saboreava um pêssego com os olhos lacrimejados no sofá da sala.

O fato é que estava tudo bem. Sempre está tudo bem quando temos o controle das coisas e agimos com prudência e ânimo. Sempre está aparentemente tudo bem...

Mas o tombo dele foi também o meu. A cada nova ocorrência fora do controle, uma cobrança, um questionamento e as consequências de tentar carregar o mundo nas costas porque não há uma alternativa. Até que, depois de insistir em permanecer jornalista e ser mãe e mulher ao mesmo tempo, veio a percepção: é a fragilidade da mulher que a faz forte. É a sua humanidade que sustenta sua fortaleza. Um respiro, uma ligação para o pediatra e a recomendação:

- *Ele não pode dormir e fique em observação. Qualquer sinal diferente, você me avisa ou traz ele aqui.*

Aí veio o segundo respiro e a decisão:

- *Vou voltar para o trabalho e terminar um texto. Daqui a pouco estou de volta. Por favor, fique atenta a esses sinais e qualquer coisa me avise.*

Eram nesses alguns momentos que eu me sentia Jornalista de verdade. Sim, esse profissional do “J” maiúsculo, que é um substantivo derivado e “parcialmente” invariável. Nem a Língua Portuguesa difere o homem da mulher jornalista. Quem teria o direito de fazê-lo?

Chegando ao jornal, estufei o peito, ergui a cabeça e fui direto para a sala reservada do editor-chefe.

- Vou ter que sair mais cedo hoje. Mas fique tranquilo que vim fechar a matéria de capa. As outras não são importantes para hoje, posso passar as informações para alguém se precisar ou, então, finalizo todas amanhã. Em meia hora, a capa vai estar pronta. Meu filho precisa de mim.

Logicamente o olhar que me fitava não era de ânimo e nem de aprovação. Mas não me sucumbiu. Levei a solução do problema e me sentia confortável. Dito e feito de novo. Palavra é para ser cumprida, não é mesmo? Não há tempo para desviar o olhar. Foco nas laudas e a esperança de que, um dia, nem tudo vai depender de nós. Pois é aqui que está, justamente, a condição jamais explicada de ser mulher. Sempre tem alguém precisando de uma. A todo tempo. Em todos os lugares. Em todos os sentidos.

Percebe como ser mulher e ser jornalista é algo que combina? Não tem como pensar a sociedade sem elas. E com todas as suas particularidades fisiológicas, comportamentais e espirituais. Sim, eu escrevi particularidades, no sentido de características e não diferenças. Problemas com casa, relacionamentos, filhos, trabalho... Nada pode ser pior para uma mulher do que o problema da (in)diferença. Aliás, nada pode ser mais tenebroso do que pensar que tudo e todos devemos ser iguais. A riqueza da vida humana está nas diferenças. Por isso ainda me pergunto por que as mulheres jornalistas estão em menor número no mercado de trabalho se são a maioria nos cursos de graduação?

A resposta está neste livro que você vai degustar em instantes.

São seis grandes e importantes respostas, que levam o leitor para estradas sinuosas e cheias de obstáculos. Enredos de preconceito, assédio, violência, fardos pesados demais afrontando o tempo todo com muita humanidade. Vem a menina que perdeu a mãe cedo, constantemente avaliada pela cor preta da pele e dá seu recado: tudo bem ter cachos e nariz grande. Dá para ser jornalista assim, sim, senhor! A jovem jornalista de olhos puxados que tem um convite indecente de uma fonte e se desestabiliza por coisas que não é responsável, pois quem assedia e violenta que terá que acertar essa conta. A coragem de um depoimento que revela um erro de apuração jornalística e a renúncia a tudo para cuidar da mãe doente e recomeçar por muitas e muitas vezes. A jornalista experiente que até os últimos dias da redação foi questionada por ser mulher. Só por ser mulher! A nordestina que viajou 27 horas para viver uma experiência de solidão, tristeza e vontade de desistir. Mas que foi presenteada com o tesouro da maternidade que a faz lutar. E aquela adolescente que não teve oportunidade de seguir na carreira que sempre sonhou, mas identificou seu mesmo propósito no jornalismo e foi curar as pessoas por meio da tela de TV.

São seis histórias de realidade. Muitas parecidas com as que vi acontecer com amigas jornalistas, diante de mim. Outras, que eu mesma vivenciei. Por isso me sinto muito confortável em afirmar que “Margaridas” é um documento. Um registro importante do quanto as pessoas – sobretudo as mulheres – lutam para permanecer de pé diante de julgamentos estruturais.

Sempre considerei o ser humano como meu principal objeto de estudo e trabalho. Que as portas se abram para o entendimento

do quanto é importante falar do florescimento da alma humana. Nas próximas páginas estão os passos iniciais para um debate urgente de algo concreto que não habita apenas o imaginário das pessoas. Há, sim, muitas pétalas desabando. Vamos com nossos pensamentos e ações ser sol. É possível!

Thaís Sallum Bacco é jornalista e mãe.

Mas antes de tudo é mulher, por isso sobreviveu.

Prefácio²

Quando uma mulher se torna profissional? Não sei se existe exatamente um divisor, um marco, mas sei que ela se torna o que ela quiser, quando ela assim desejar. Lembro-me do meu primeiro dia na faculdade. Como muitas adolescentes, estava cheia de medos e inseguranças. Lembro-me de sentar-me nas carteiras do meio, não tão à frente e nem, tão atrás. Ali... na “coluna do meio”. Ficava admirada com as colegas que falavam, com tanta naturalidade, para uma sala com mais de 100 alunos. Aquilo, para mim, era um gesto de coragem. A palavra parece forte, mas era isso mesmo. Vencer minha timidez foi uma conquista dos quatro anos treinados com seminários e trabalhos práticos. Tenho certeza de que meu lado profissional começou a ser construído naquele ambiente: olhando os mestres, os alunos, estudando. Afinal, o jornalista tem disso: a observação perspicaz.

A faculdade não formou só a profissional, mas o meu eu. Ali, fui fazendo e criando meu networking. Comecei a estagiar como correspondente para O Imparcial, falando sobre a cidade onde eu morava, Martinópolis. E foi, dessa forma, que fui marcando meu espaço. Após concluir a faculdade, fui para São Paulo iniciar minha especialização e recebi o convite para trabalhar no jornal.

Quando iniciei na redação de O Imparcial, de mulher só tinha eu e mais uma colega de redação, que era Editora de Cultura, Rose Rubini. Era uma redação de homens: na reportagem, edição, diagramação, paginação, parque gráfico e direção.

Mas só hoje me dou conta disso, pois, na época, a alegria de estar fazendo o que eu queria e onde eu queria, nem me faziam refletir sobre essa questão. Acredito que é uma das vantagens da juventude: a gente se joga de corpo inteiro.

A leitura deste ebook, com certeza, não é só sobre profissionais da imprensa regional. Ela resgata um pouco da história de Presidente Prudente e região, através das lembranças, tão bem detalhadas, das perfiladas. Também nos mostra a importância da formação acadêmica na vida de cada uma. Como um sonho levado à sério nos motiva a continuar. Como o conhecimento é transformador.

É um retrato muito bem trabalhado que revela como é fundamental se sentir representada e como a trajetória de outras mulheres fazem a diferença na construção de novos projetos.

O ebook é um convite à autorreflexão. Lendo recordei-me de que um dos motivos para eu seguir para o impresso era o fato de não me achar “apresentável” para TV. Na época, havia uma pressão ainda maior pela aparência. Hoje isso ainda é presente, como relatam as entrevistadas, porém, vejo que já conquistamos um caminho.

Assistir aos telejornais com apresentadoras, repórteres brancas, negras, gordas, magras, ruivas, loiras, ou seja, profissionais da Comunicação, me estimulam a acreditar que

vencemos algumas etapas e que ainda temos mais espaços para alcançar.

Cada história me fez visitar uma parte da minha. Evoquei vários momentos tanto da vida universitária, como da jornalista que me tornei. Com algumas profissionais aqui homenageadas cheguei a trabalhar e, com outras, participei do processo de formação. Que privilégio!

Quando as autoras iniciaram os estudos para a produção deste ebook me perguntaram se eu, em algum momento, sofri alguma situação constrangedora por ser mulher. De imediato, disse que não, mas agora, após a leitura, reservo-me ao direito de dizer que estava errada, que vivi sim situações desagradáveis, mas que, na época não me paralisaram. Acredito que a falta de informação sobre assédios moral ou psicológico, que não eram tão discutidos como atualmente, me fez encarar de outra forma. Muitas, como um “problema meu”.

Eu entrava na redação cheia de vontade de aprender. Viajava pelas cidades da região para descobrir um pouco de cada uma e me tornei assim, repórter regional e depois editora. E um dia, com meus vinte e poucos anos, para ser exata aos meus 29 anos, me tornei a primeira mulher editora-executiva do jornal. Uau! Hoje pensando dessa forma, até me assusta, mas na época, foi tudo muito natural. O fato de ser uma mulher jovem no cargo mais alto da redação me apavorava no sentido do tamanho da responsabilidade, mas não de preconceito. Eu já tinha um trajeto percorrido.

Por outro lado, temos as histórias aqui relatadas de profissionais que tiveram suas competências questionadas ou direitos invadidos simplesmente por ser mulher, e isso, é triste. Quantos projetos ficam pela metade? Por isso, este ebook se torna ainda mais valioso: discutir e refletir sobre este assunto é fundamental.

Este material além de valioso para a memória da imprensa feminina regional é um convite à uma prazerosa e rica leitura.

Giselle Tomé.

Jornalista, professora e mãe.

Apresentação

2021 é um ano histórico para o jornalismo. Um dos prêmios mais cobiçados no mundo foi destinado a dois jornalistas. O Nobel da Paz foi concedido à filipina Maria Ressa e ao russo Dmitry Muratov. Os profissionais da imprensa foram aclamados, de acordo com o Comitê Nobel norueguês, “por seus esforços para proteger a liberdade de expressão, que é uma condição prévia para a democracia e a paz duradoura”. Com a láurea, a comissão enfatizou o quão essencial o jornalismo é para o mundo ao defender as liberdades de expressão e imprensa, bem como a democracia e cidadania. Ressa e Muratov foram considerados representantes de todos os jornalistas que defendem tais ideais.

Contudo, a mesma edição do Nobel da Paz reforça uma discriminação histórica: a desigualdade entre homens e mulheres. Maria Ressa foi a única entre os 13 premiados neste ano. Em 2020, dos 11 premiados, quatro eram mulheres. Nos 120 anos da láurea, de um total de 947 pessoas e 28 organizações premiadas, somente 58 eram mulheres. A disparidade no Nobel, infelizmente, reflete uma distinção encrustada socialmente. Ressa, por fim, acaba sendo uma representação de duas frentes de debate deste livro: os desafios enfrentados pelas mulheres nas redações jornalísticas e a importância da atividade para as pessoas.

Margaridas: o florescer das mulheres no jornalismo é um projeto que me conquistou desde o primeiro momento. Retratar, por meio

da vivência de mulheres jornalistas, o dia a dia das redações, das provações às conquistas, é contar um pouco dos meus desafios. Acredito que também relata um tanto das experiências indiretas de outras profissionais da imprensa. Embora “apenas” seis foram entrevistadas, muitas histórias perpassam essas páginas e não apenas as da Tatiane, Heloíse, Amanda, Cássia, Luci e Paula. Afinal, a escolha delas não se deu por tempo de carreira, mas por serem mulheres como tantas outras, por representar os desafios de jornalistas que vivem em vários lugares e não somente no Oeste Paulista. Inclusive, obrigada pela gentileza e confiança ao compartilharem suas histórias!

Não pense que os desafios das mulheres nas redações jornalísticas só tratam de grandes acontecimentos, como assédios, agressões, diferenças salariais ou impossibilidade de ascensão profissional. A maior dureza da mulher no mercado de trabalho, que não se restringe às redações de empresas de jornalismo, está nas pequenas coisas. Comentários desnecessários; olhadas ofensivas; delicadeza e recato exigidos; perguntas para aferir se estamos entendendo; pautas de meninos e pautas de meninas. Têm ainda os supostos elogios à beleza e à roupa, porém raramente eles são dedicados à inteligência ou à atuação. A lista continua e é longa, infelizmente!

As dificuldades não estão apenas nos grandes centros e tampouco somente nas pequenas cidades. E este ponto é outro destaque positivo de Margaridas: dedicar-se à realidade do Oeste Paulista. Com mais de 50 municípios, inúmeros veículos de comunicação e um curso de Jornalismo que já formou, de 1998 a 2020, 926 profissionais, sendo 64% mulheres, muitas histórias aconteceram e acontecem nas redações da região. É preciso entender que não apenas as jornalistas das grandes redações enfrentam preconceitos e encaram desafios. É necessário

também estender a empatia às jornalistas interioranas e menos conhecidas publicamente.

É nesse modelo de ambiente que todas nós, jornalistas, florescemos! Neles aprendemos a fazer jornalismo e a ser jornalistas, colocamos o interesse público antes do pessoal. Ora tais momentos são mais ensolarados, ora são períodos mais áridos, ora murchamos, mas sempre desabrochamos. Neste sentido, Margaridas ainda almeja que as profissionais sejam inspiradas pelas experiências retratadas em suas páginas. Que as jornalistas experientes se identifiquem, unam-se e fortaleçam o debate sobre a situação das mulheres nas redações. Que as futuras e jovens profissionais saibam o que as espera e cheguem às redações conscientes de seu papel social como jornalistas e mulheres.

A semente da esperança está plantada! Bárbara, Izabelly e Melissa provam isso. Tão jovens, tão comprometidas e tão dedicadas. Escrever um livro nos prazos impostos pelo TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) é um desafio. Conseguir abordar as vivências com profundidade, sensibilidade e respeito é um baita profissionalismo. Elas têm todos esses adjetivos e mais alguns. O que elas fizeram, na verdade, transborda as páginas deste livro, vai às discussões do perfil @margaridasjornalismo no Instagram e, sobretudo, já se prolonga aos corredores da Escola de Comunicação e Estratégias Digitais da Unoeste, onde o trabalho é defendido. Pensar a situação da mulher jornalista se tornou rotina nas aulas de Jornalismo e o nome Margaridas sempre surge junto ao debate.

Por tais motivos, assim como é incalculável a importância do jornalismo para as sociedades livres e democráticas, ainda é difícil balizar os impactos desse trabalho. Contudo, já é fato que eles existem e continuarão existindo. Podemos melhorar isso,

porém! Se você leu este texto, você tem o Margaridas em algum dos seus dispositivos. Compartilhe! Encaminhe para as jornalistas e os jornalistas dos seus contatos, envie para os não jornalistas também. Vamos falar com as meninas sobre tudo que elas podem ser e sobre o que enfrentarão por serem mulheres. Vamos defender nossa união e perceber que não estamos sozinhas. Vamos apoiar umas às outras. Vamos lutar pela equidade e combater discursos e ações sexistas. Vamos em busca de muitos outros Nobels.

Fabiana Aline Alves

Jornalista, historiadora e professora

Introdução

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. A célebre frase de Simone de Beauvoir, retirada do livro *O Segundo Sexo* (1949), defende a distinção entre sexo e gênero. Para a autora francesa e uma das líderes do movimento feminista na Europa, o conceito de “sexo” está relacionado a fatores biológicos, enquanto “gênero” parte de uma relação social entre indivíduo e mundo.

Para tornar-se mulher, no entanto, é necessário sacrifício, especialmente em uma sociedade cujo marco é a desigualdade entre gêneros.

Nesse cenário, florescer apresenta-se como a única alternativa frente aos desafios enfrentados por mulheres todos os dias. As flores margaridas, especialmente, possuem grande capacidade de crescerem coletivamente, nunca solitárias, assim como os movimentos em prol das mulheres.

Além disso, também simbolizam a sensibilidade, pureza, bondade e o afeto, e, apesar de serem consideradas delicadas, adaptam-se a diferentes tipos de solos, bem como as mulheres que, embora julgadas como o “sexo frágil”, são capazes de se adaptarem às situações mais extremas, sempre com coragem.

Porém, nem sempre é fácil. O caminho é árduo e repleto de obstáculos.

Embora a presença feminina no mercado de trabalho tenha

crescido nos últimos anos, saltando de 18,5% para 44,1%, quase duas décadas depois, segundo censos demográficos realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2019, a taxa de participação das mulheres nas atividades produtivas ainda se mostrou baixa, se comparada ao percentual ocupado por homens.

Disparidade marcante também nas remunerações. Dos 53,4% da população ocupada no Brasil, o rendimento médio mensal dos homens era de R\$ 2.555, enquanto as mulheres recebiam, aproximadamente, R\$ 1.985 ou 77,7% da totalidade salarial do primeiro grupo, conforme a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, PNAD Contínua, realizada no primeiro trimestre do mesmo ano também pelo IBGE.

De acordo com a socióloga inglesa Catherine Hakim (1979), o conceito de segregação social do emprego divide-se nos modelos horizontal, em que homens e mulheres ocupam diferentes tipos de profissões; e vertical, cuja segregação acontece em distintos níveis de hierarquia, qualificação e remuneração; por consequência, a figura masculina exerce mais cargos de chefia (MONTEIRO; FREITAS; DANIEL, 2018, p. 3).

Nesse sentido, o estudo *Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil*, também realizado em 2019, pelo IBGE, evidenciou que a taxa de participação de homens na força de trabalho representava 73,7%, enquanto as mulheres somavam um percentual de 54,5%.

Para as mães, a conjectura é ainda mais problemática: na faixa etária feminina de 25 a 49 anos, da mesma pesquisa, o nível de ocupação daquelas que possuíam crianças de até três anos de idade, vivendo em domicílio, também era desigual, chegando a 54,6%, abaixo dos 67,2% daquelas que não possuíam.

Os dados acima mostram não apenas números, mas ilustram

histórias reais protagonizadas por mulheres que, todos os dias enfrentam as consequências de um mercado desigual, muitas vezes, sem alternativa, o que levou à reflexão das autoras deste livro sobre como essa realidade afeta profissionais no cenário jornalístico.

Manter contato com pessoas, ir às ruas, entrevistar, aparecer sob a mira das câmeras, redigir matérias, apurar informações. Para a maioria dos jornalistas, essas são atividades comuns às redações. Todavia, para grande parte das mulheres, esses processos rotineiros carregam um peso de execução ainda maior, pois além de pertencerem à classe de profissionais que, no Brasil de 2021, é alvo de ataques constantes do Governo Federal e de seus apoiadores, têm de lidar com situações desoladoras vindas de colegas de trabalho, chefes e até mesmo de entrevistados.

A pesquisa *Mulheres no Jornalismo Brasileiro*, realizada pela Gênero e Número e a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), revelou que das mais de 500 jornalistas de todo o país que responderam ao estudo, 92,3% delas já ouviram piadas machistas no seu ambiente de trabalho, seguido por 86,4% que já passaram por alguma situação de discriminação proveniente de gênero e 83,6% que relataram já ter sofrido algum tipo de violência psicológica nas redações.

E não para por aí. A mesma pesquisa evidenciou que 73% das respondentes já ouviram comentários ou piadas de natureza sexual sobre as mulheres no ambiente de trabalho, 70,4% admitiram já terem recebido cantadas que as deixaram desconfortáveis no exercício da profissão, seguido por 70,2% de mulheres que já presenciaram ou ouviram falar de alguma colega sendo assediada no trabalho, além de 64% que relataram ser vítimas de abuso de poder ou autoridade de chefes ou fontes.

Frente a essas estatísticas alarmantes, discutir, identificar

e refletir sobre os desafios das mulheres nas redações se faz mais do que necessário, tanto para orientar as futuras gerações de profissionais quanto para gerar transformações nas atuais conjecturas. Movidas por esse propósito, as autoras sentiram a necessidade de mapear o cenário jornalístico da região do extremo Oeste Paulista, a fim de traçarem um panorama das redações que, futuramente, pretendem ocupar.

Por meio de questionários aplicados entre os meses de fevereiro e março de 2021, a 45 veículos de comunicação e 41 mulheres jornalistas das 56 cidades que compõem o recorte regional em estudo, resultados que, majoritariamente, configuram situações de disparidade e discriminação entre gêneros no exercício da profissão.

A partir do mapeamento, foi possível identificar que a maioria dos veículos que responderam ao questionário, 26,7%, contrataram uma jornalista pela primeira vez de seis a dez anos atrás. O segundo percentual mais alto, 20%, revelaram que a primeira contratação ocorreu de um a cinco anos atrás, seguido por 17,8% que afirmaram ter contratado uma mulher entre 21 e 30 anos atrás. Os períodos de 11 a 20 anos e há mais de 30 anos obtiveram um índice de 13,3% das respostas cada um, seguido de 8,9% que responderam “nenhuma das alternativas”.

Os dados obtidos a partir da aplicação do questionário para as jornalistas da região também permitiu traçar o perfil dessas profissionais. A partir das respostas coletadas, pode-se presumir que a mulher jornalista do Oeste Paulista é representada por uma profissional com idade entre 30 a 49 anos (78%), trabalha entre cinco a 15 anos na área (58,5%) e desempenha a maior parte de suas atividades na editoria de cidades (78%).

Buscando, ainda, revelar características sobre o ambiente de

trabalho das jornalistas e aspectos de suas vivências profissionais sendo mulheres, 68,3% delas afirmaram já terem vivenciado ou presenciado alguma colega de trabalho passar por algum tipo de constrangimento na profissão, apenas pelo fato de ser mulher, contra o percentual de 31,7% que responderam o contrário. Indagadas se alguma vez seu trabalho foi questionado pelo fato de ser mulher, 53,7% das respostas foram positivas e 46,3%, negativas.

Em relação aos desafios enfrentados pelas jornalistas ao longo da carreira no Oeste Paulista, alguns foram identificados. Assédio moral e assédio psicológico foram as situações mais ocorridas na região, com um percentual de 43,9% para ambas. O abuso de poder por parte de chefes ou colegas de trabalho foi o segundo desafio mais enfrentado, com 41,5% das respostas. Em terceiro lugar, 39% das mulheres afirmaram já ter tido a competência questionada na redação. O assédio verbal também foi uma das situações mais vividas, contabilizando 34,1% do resultado da pesquisa.

Cada uma das situações presentes nos relatos das jornalistas entrevistadas impactam física e emocionalmente, além de serem dotadas de cargas históricas. Além disso, repercutem em maior ou menor grau sobre suas vidas dentro e fora do trabalho.

Como elas se sentiram naquele momento? O que fizeram depois? Qual é a história delas? Onde estão hoje? Com o objetivo de responder a essas e outras perguntas, nasceu o **Margaridas: o florescer das mulheres no jornalismo**, um livro-reportagem de perfil em formato de e-book que narra os desafios de seis profissionais nas redações do Oeste Paulista, escolhidas entre as mais de 20 jornalistas entrevistadas, não pela monotonia das histórias, mas por serem mulheres representativas em diversos aspectos.

O nome da obra foi inspirado em uma importante jornalista,

pioneira na profissão, chamada Margarida Izar. Quando o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo foi fundado, em 1937, ela era a única mulher jornalista na diretoria. O sindicato só foi ter outra presença feminina 20 anos depois, em 1957, com Gracita de Miranda.

Além disso, Margarida foi a primeira repórter de assuntos gerais da cidade de São Paulo; antes dela; as mulheres só eram colocadas em pautas dos chamados suplementos femininos. Dessa forma, o nome “Margaridas”, além do pioneirismo da repórter, faz alusão às jornalistas atuais que, assim como Margarida Izar, lutam diariamente pelo seu espaço no mercado de trabalho e pelos seus direitos e igualdades dentro das redações jornalísticas.

Sob a perspectiva da representatividade, cada capítulo será iniciado com um resumo da trajetória profissional de uma jornalista das primeiras gerações, figuras importantes para a inserção da mulher no mercado jornalístico, visando uma recuperação histórica necessária com o objetivo de entender os primórdios da profissão, tendo mulheres como protagonistas e que, por vezes, não são lembradas na história do jornalismo.

Resultado do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Bárbara Munhoz, Izabelly Fernandes e Melissa Andrade, três mulheres e futuras jornalistas, graduandas pela Escola de Comunicação e Estratégias Digitais da Universidade do Oeste Paulista, o livro mergulha a fundo nas histórias dessas mulheres, visitando, com cuidado e sensibilidade, os acontecimentos mais marcantes de suas vidas, que as moldaram enquanto pessoas e profissionais.

Conheça, agora, as jornalistas cujas histórias serão trazidas nas páginas seguintes:

Tatiane Ferreira

Prudentina de nascimento, hoje, vive em Uberaba (MG). Desde cedo, Tati teve de lidar com responsabilidades que nortearam o rumo de sua vida. A mulher doce, perseverante e com um senso de justiça inabalável, conquistou as redações paulistas e mineiras, passando por veículos de comunicação, como rádio, assessoria de imprensa e emissoras de televisão.

De pele negra e cabelos crespos, a luta da jornalista começa ainda na infância, momento em que presenciou situações que transbordaram sentimentos de angústia e questionamentos sociais. No jornalismo, um dos seus maiores desafios foi lidar com comentários racistas sobre sua aparência, não se vendo representada na maioria dos ambientes. Ela, no entanto, seguiu quebrando padrões, mesmo quando muitos falavam para desistir de seu maior sonho.

Heloise Hamada

Com a responsabilidade batendo à porta já na pré-adolescência, a jornalista passou pelo processo de adaptação ainda nessa fase da vida. Descendente de japoneses, Helô não sentia sua origem representada nas mídias, afinal, quantos repórteres japoneses você já viu na televisão? Esse era um questionamento próprio, mas que também foi um dos critérios de escolhas que mudariam o rumo da sua vida.

Sempre sensata, com o olhar crítico de uma jornalista que observava firmemente o que acontecia ao seu redor, não imaginava que aparecer na TV a faria refletir tanto sobre a sua ancestralidade.

Amanda Simões

Tímida, observadora e curiosa. Essas eram as características de Amanda na infância e adolescência. Uma delas, porém, esteve presente na maior parte da sua vida. Afinal, não é comum uma pessoa tímida optar pelo jornalismo, certo? Para Amanda, não. Sua história vem para quebrar esse paradigma.

Sua família sempre foi como um espelho e, por isso, buscava experimentar as novidades com base no que seus pais gostavam. Contudo, com o passar do tempo, Amanda encontrou novos caminhos que lhe deram a oportunidade de conhecer melhor a si mesma, trabalhando a personalidade tímida que se entrelaçava nas histórias de sua vida para que, assim, chegasse a um destino totalmente diferente do qual esperava.

Cássia Motta

Em seus 32 anos de carreira no jornalismo, viveu uma vida de aprendizados, reciclando-se todos os dias. Quando alguém se demonstra disposto a evoluir e acredita na mudança, muitas pessoas podem julgar, mas ela não liga para isso. Sua paixão pela profissão a fez chegar em lugares que nunca imaginaria.

Ser mulher, mãe e divorciada. A tríade de desafios que Cássia teve de enfrentar ao longo de sua vida e que a fizeram ter consciência de seu espaço e a importância de seu trabalho para a sociedade.

Luci Castro

Ou Baianinha, como também gosta e costuma ser chamada. Após enfrentar mais de 1.500 quilômetros até Presidente Prudente, no Oeste Paulista, a nordestina passou por diversos desafios no início da profissão, alguns que remetem à sua própria infância e adolescência; outros, motivados pelo preconceito sobre sua origem.

Foi na distância da sua terra natal até a cidade que conquistou aquilo que almejava desde a adolescência que Luci se aproximou de outro destino não esperado: o da maternidade. Após tornar-se mãe de Gabriel, ela ainda teve de enfrentar alguns desafios para se estabelecer profissionalmente, movida a continuar em sua trajetória por seu maior amor: o filho.

Paula Sieplin

Regentense, Paula morou na cidade vizinha de Presidente Prudente até começar a faculdade. Contudo, o jornalismo já havia escolhido. Logo em seu primeiro emprego após formada, dentro de uma redação, a jornalista se deparou com uma surpresa: a gravidez. Mãe solo, lidou com desafios na profissão após ter seu filho, sua maior prioridade. Na carreira, gravar passagens e falar na frente das câmeras também não era algo que esperava, mas que a fez refletir sobre questões que nunca foram um problema para ela: os padrões estéticos.

Na carreira, gravar passagens e falar na frente das câmeras também não era algo que também esperava, mas que a fez refletir sobre questões das quais nunca foram um problema para ela: os padrões estéticos.

Referências

BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo: **A experiência vivida**.

O segundo sexo: A experiência vivida. Tradução de Sérgio Milliet. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2019. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: Primeiro trimestre de 2019. Rio de Janeiro: IBGE. IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2019. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2421/pnact_2019_1tri.pdf. Acesso em: 2 out. 2020.

MONTEIRO, R.; FREITAS, V.; DANIEL, F. **Condições de trabalho num universo profissional feminizado**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 26, n. 2, jun. 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40026X2018000200219&lng=pt&tlng=pt. Acesso em 10 out. 2020. DOI 10.1590/1806-9584-2018v26n234529

Jornalistas na história

CARMEN DA SILVA

Nascida em Rio Grande, no Rio Grande do Sul, em 1919, quando adulta não se limitou às convenções femininas da época. Não se satisfazendo pessoalmente com uma única profissão, tornou-se psicóloga, escritora e jornalista. Após as duas primeiras décadas de idade e passagens pelo Uruguai e Argentina, ao retornar ao Brasil escreveu para Editora Abril endereçando-lhe seu currículo. Thomaz Souto Correa, um dos diretores e redator-chefe da revista Claudia, ao ler a carta de Carmen, percebeu que ali havia encontrado a jornalista perfeita para as leitoras do periódico, que demandavam alguém que lhes preparasse para uma nova posição na sociedade, frente aos novos costumes que aos poucos iam sendo inseridos em meio ao conservadorismo da época. Assim, de 1963 a 1984, Carmen esteve à frente da seção “A Arte de Ser Mulher”, na qual falava abertamente sobre relacionamentos, divórcio, sexo, trabalho fora de casa, submissão aos maridos, abuso de autoridade masculina, entre outros. Com seu trabalho, a jornalista conquistou milhares de leitoras que lhe mandavam cartas assiduamente, buscando conselhos para seus problemas pessoais e, assim, estabeleceu com elas uma relação de analista e paciente. Porém, também recebia críticas, seja pelos assuntos que escrevia ou pela forma como os tratava. Foi a primeira mulher a inserir a palavra feminismo em suas publicações. Isso motivou suas leitoras a também serem honestas consigo mesmas e a se libertarem das amarras, dos costumes e da subalternidade. Grande inspiradora da construção da cidadania da mulher pelo jornalismo, Carmen morreu em 29 de abril de 1985.

Fonte: RAMOS, Regina Helena de Paiva. **Mulheres Jornalistas: A Grande Invasão**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Faculdade Cásper Libero, 2010.

Tatiane *Ferreira*

Girassol

A beleza desta flor representa felicidade e altivez. Acredita-se que pode trazer boas vibrações aos ambientes. Necessita de luz direta durante várias horas do dia e, apesar de suas flores delicadas, é resistente às secas



Tatiane Ferreira

Além do reflexo



Em 2019, Tatiane apresentava algumas edições do MG2, jornal da noite da TV Integração, em Minas Gerais (Arquivo pessoal: Tatiane Ferreira)

O CAMINHO SINUOSO

Início de semestre da Faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente. Pelos corredores do 4^a piso do bloco B3 do Campus II da Unoeste, o vai e vem dos passos de professores e alunos de várias partes do país movimentavam o ambiente. Veteranos sentados no chão em frente às salas de aulas ou nas sacadas com seu grupo de amigos já estabelecido, contando as novidades das férias e colocando a conversa em dia. No mesmo lugar, rostos assustados ou encantados com a chegada ao novo mundo do ensino superior. Alguns decididos e realizados por estarem no curso que tanto sonharam, outros ainda incertos e receosos quanto à escolha feita.

Na nova turma de Comunicação Social, a sala estava abarrotada de alunos enfileirados. Alguns conversavam com os poucos que conheciam, outros calados à espera da professora. Enquanto isso, no estacionamento, em meio a tantos carros da moda dos anos 2000, parava um Gol vermelho, modelo quadrado de 1989. De dentro dele, às pressas por estar chegando direto do trabalho, descia Tatiane Ferreira. Em passos largos, andava rapidamente até as catracas que davam acesso ao bloco, enquanto guardava a chave do carro na bolsa. Ao subir, olhava atentamente as placas pelos corredores e rampas, tentando entender o caminho que a levaria até a sua sala.

Quando chegou, olhou pelo vidro da porta e avistou a sala completamente cheia. A universidade havia concedido uma redução no valor do curso, o que contribuiu para que, assim como ela, mais pessoas tivessem acesso ao ensino superior em 2006. Pegou na maçaneta da porta, respirou fundo e entrou, dando o primeiro passo que até então ninguém da sua família tinha conseguido dar. Avistou uma das únicas carteiras vazias e sentou, enquanto a professora Lêda Márcia entrava na sala.

Depois que retirou da bolsa todos os objetos que iria precisar na aula, a docente começou com a fatídica pergunta para os alunos de comunicação: *Por que vocês escolheram esse curso?* O silêncio que emanava da sala rapidamente foi tomado por burburinhos sobre o questionamento e, um a um, Lêda fez com que todos levantassem para dizer suas respostas.

– *Caramba, o que é que eu vou falar, gente? Por que eu tô fazendo Jornalismo?* – Tatiane pensava sentada em sua carteira.

De pele negra e crespos cabelos curtos, em toda a sua vida Tatiane só tinha conhecimento de uma jornalista pela qual ela se sentia representada: Glória Maria. Decidiu que aquela seria uma boa resposta para a questão da professora e, assim, a escolheu. De repente, viu uma das meninas da sala levantar.

– *Eu vim fazer Jornalismo, pois eu quero ser a nova Glória Maria!* - respondeu a menina.

– *Não, gente! Ela não vai ser a Glória Maria. Eu vou ser a Glória Maria. Olha pra mim, olha pra ela* - pensou incomodada, afinal a garota, de pele clara, não se parecia em nada com a jornalista.

Quando chegou a sua vez, Tatiane se levantou da carteira e foi em direção a lousa, decidida do que falar.

– *Bom, gente, eu resolvi fazer a faculdade de Comunicação Social porque eu sim serei a nova Glória Maria, olha aqui* – disse com sua voz grave, apontando para a pele.

Surpresos, todos da sala caíram na risada, pois não esperavam por uma resposta daquelas. Nem ela mesma. Naquele dia, quando a aula acabou às dez horas da noite, Tatiane retornou a seu carro e, sentada com as mãos no volante, questionou-se: quantas vezes havia se deparado com alguém como ela na televisão? As poucas ocasiões vieram a sua cabeça e, contando com a ajuda dos dedos, não conseguiu fechar uma mão. Olhando-se pelo espelho

retrovisor, ela se deu conta da tamanha falta de representatividade que envolvia o meio jornalístico televisivo e, ao encarar no fundo de seus grandes olhos pretos refletidos, percebeu que ali estava sua missão. Assim como Glória Maria, queria ser espelho para outras meninas que, como ela, almejam adentrar na profissão.

Os números do relógio digital da switcher já marcavam uma hora da tarde e um dos principais jornais do meio-dia da região do Triângulo Mineiro. Na TV Integração, afiliada da rede Globo em Uberaba, Minas Gerais, o MG1 é um dos principais jornais do meio dia da região do Triângulo Mineiro. Ainda no estúdio, Tatiane retirava os microfones encaixados cuidadosamente em suas roupas para descansar de mais um dia de apresentação. Enquanto caminhava de volta à redação, ouviu um dos telefones tocar, até que uma de suas colegas atendeu. Com o aparelho no ouvido, a moça empalidecia e os olhos arregalados olhavam fixamente para Tatiane, sem saber o que fazer.

– *Coloca no viva voz!* - ordenou. Ao apertar o botão do telefone, todos da redação começaram a ouvir o que diziam no outro lado da linha.

– *Escuta aqui, eu estava com a minha TV ligada e tá difícil! Vocês não têm mais padrão? Não seguem mais qualidade? Essa moça que apresenta... Essa moreninha... Eu só consigo ver os dentes brancos e os olhos dela! E esse cabelo, que parece que ela levantou da cama e foi direto apresentar?* - ofendia a telespectadora, dissipando várias agressões verbais. Até que a ligação finalizou. A redação foi tomada por um silêncio ensurdecedor e todos que ali estavam olhavam para Tatiane abismados.

– *Gente, calma! Não precisa ficar assim!* - respondeu, tentando acalmar os colegas.

Tatiane voltou a sua mesa, suspirou, e ligou o computador novamente para começar a tomar as devidas providências perante ao setor jurídico da emissora. Como se tratava de um telefone corporativo, a ligação poderia ser rastreada. Enquanto digitava, as lágrimas tentavam marejar sua face, mas ela resistia. Não se permitia mais chorar pelas humilhações. Pelo contrário, entendeu que, durante a vida, poderia escolher entre chorar baixinho ou levantar e lutar, como em uma das músicas de seu rapper favorito, Emicida, em parceria com Rael.

*“Quem costuma vir de onde eu sou
Às vezes não tem motivos pra seguir
Então levanta e anda, vai, levanta e anda
Vai, levanta e anda
Mas eu sei que vai, que o sonho te traz
Coisas que te faz prosseguir
Vai, levanta e anda, vai, levanta e anda
Vai, levanta e anda, vai, levanta e anda”*

Mesmo decidida, em seu cantinho da redação, ela não conseguia deixar de se lembrar das tantas vezes em que foi machucada por comentários preconceituosos e racistas, tais como os que tinha acabado de ouvir. Até mesmo nas redações pelas quais passou, falas mascaradas de orientação tentaram, durante muito tempo, fazer com que se encaixasse a todo custo em um padrão estabelecido na TV: o da mulher branca de traços finos e cabelo liso.

– *Nossa, esse seu nariz, você nunca pensou em fazer uma cirurgia nele? Ele não é muito bem aceito nesse padrão, né?* – falava uma das

pessoas. Enquanto isso, Tatiane ouvia calada.

Quando resolveu repaginar o visual e fazer luzes em seu cabelo, assim como outras colegas faziam, as críticas também apareceram.

– *Não, imagina você fazer isso! Amanhã você já tira isso do seu cabelo! Onde já se viu? Você já chama atenção, agora vai chamar mais ainda, não pode!* – criticou novamente.

– *Tá bom* - assentiu.

Ela retornou ao salão de beleza onde havia feito o clareamento no cabelo e, contra a sua vontade, pediu para que a cabeleireira desfizesse o procedimento. Em outra ocasião, enquanto conversava com uma funcionária de onde trabalhava, a moça, que também era sua colega, disse-lhe:

– *Nossa, eu não sei como você aguenta. Falam tanta coisa de você e você é uma pessoa tão boa!* - desabafou.

– *Gente, mas o que está acontecendo?* - respondeu Tatiane, sem entender o que a colega queria dizer.

No momento, Tati não compreendia o porquê da colega ter feito aquele comentário, mas, aos poucos, foi percebendo do que se tratava. Com o tempo, seu peito foi virando uma caixinha onde ia guardando todos os sentimentos que não tinha conseguido expor perante todas as humilhações que sofria e, quando estava prestes a sufocar, não resistiu. Certo dia, quando chamada em uma das redações pela qual passou, decidiu pôr fim àquilo.

– *Eu te chamei aqui porque eu tenho reparado uma coisa. Tenho visto você no vídeo e eu acho que seu cabelo já está começando a ficar muito alto. Acho melhor você abaixar um pouco* - disse a pessoa, em tom de orientação.

– *O quê? Por que eu tenho que fazer isso?* - respondeu a jornalista, indignada.

– *Eu acho que ele tá chamando muita atenção. Para a TV, isso não é legal* – tentou justificar..

– *Pois eu não vou fazer isso. Cansei. Eu quero ser quem eu sou. Eu quero ser a Tati* - respondeu com firmeza.

Decidida de que não iria mais se submeter a comentários sobre sua aparência, que em nada influenciavam em sua capacidade na profissão, Tatiane decidiu sair daquele ambiente. Hoje, sentada em sua mesa na redação da TV Integração, ela se lembrava do que viveu enquanto observava sua chefe atual. Em todos os 10 anos de sua carreira como jornalista, essa era a primeira vez que via uma mulher negra no cargo de chefia. Assim como Tatiane, Mara Santos havia passado por muitas situações de racismo. Para se encaixar nos padrões televisivos, foi obrigada a alisar, cortar os cabelos e utilizar maquiagens sutis, tentando fazer com que sua pele alcançasse um tom mais claro, diferente do que verdadeiramente tinha. Olhando para ela, Tatiane imaginava quantas outras meninas já haviam se submetido a esses tipos de imposições para tentar se encaixar em um espaço que deveria ser de todos.

Enquanto isso, memórias ainda vinham à sua mente. Lembrou-se do pai, Francisco, em um dia que, em Presidente Prudente, estava triste e cabisbaixa por todas as agressões que vinha escutando. Sentados na mesa da cozinha, ele pegou as mãos da filha e, enquanto as envolviam nas suas, disse:

– *Você não precisa continuar com isso. Procura um trabalho como atendente ou em uma farmácia. Eu vi que estão com uma vaga de caixa em um supermercado. Eu só não quero te ver assim* - orientou o pai.

– *Pai, não! Eu quero continuar! Eu fiz faculdade para ser uma jornalista e eu serei uma jornalista. Isso é para mim e é para qualquer pessoa. Eu vou conseguir!* - respondeu com os olhos marejados, mas confiante de sua decisão.

Enquanto abraçava o pai depois da conversa, sentia que os braços dele a envolviam como um escudo diante do preconceito da sociedade. Francisco não queria que a filha sofresse com agressões racistas que já tinha enfrentado por diversas vezes, nem que para isso ela tivesse que deixar a profissão.

Era fim de tarde quando Francisco desceu em um dos pontos de ônibus do Parque Cedral, em Presidente Prudente. Após um dia exaustivo de trabalho no açougue em uma antiga loja da cidade, regressava para casa. Andando pela calçada, passou por um caminhão de laranjas que ficava na rua de cima de onde morava, quando de repente dois cachorros grandes, que estavam amarrados por uma comprida corda embaixo do veículo, vieram ao seu encontro. O ataque foi certeiro. Com seus dentes afiados, abocanharam a perna de Francisco, abrindo um enorme machucado. Mesmo ferido, Francisco seguiu descendo para a casa. O dono do caminhão, que havia decidido colocar os cães para evitar que suas laranjas fossem roubadas, vendo a cena, desceu atrás dele.

Quando Tatiane, com apenas cinco anos, viu o pai entrar sangrando pelo portão da casa, ficou desesperada. Como aquilo havia acontecido com ele? Quando o dono do caminhão de laranjas chegou logo em seguida, a discussão entre os dois começou. Até que Francisco ouviu:

– *Aí, tá vendo? Se não fosse preto, não tinha acontecido um negócio desses* - disse o senhor, ofendendo-o.

– *Não pode falar uma coisa dessa de outra pessoa* - pensava Tatiane, ainda menina, mas já indignada pelas palavras que o pai tinha acabado de escutar.

Já em dezembro de 2020, quase 30 anos depois, as memórias

do ocorrido ainda eram nítidas na mente de Tatiane. Em uma das visitas anuais que faz à família durante as suas férias, resolveu recordar a história com o pai. Com lágrimas nos olhos, Francisco ouvia a filha lembrar o que ele mesmo já havia esquecido, mas que, na cabeça dela, ainda reverbera claramente. Ela nunca contou ao pai o quanto aquela situação havia lhe machucado.

– *Nossa, mas você se lembra disso? Foi exatamente assim que aconteceu* - falava surpreso enquanto escutava a filha.

– *Sim, eu lembro. Isso ficou marcado em mim* - respondeu a Tatiane.

Aquilo que ficou entalado na garganta da filha durante uma vida toda, era justamente o tipo de situação que Francisco não queria vê-la passar. Entretanto, conhecendo a determinação que ela tinha, sabia que mesmo diante das adversidades e do preconceito, não deixaria de lutar pelo seu sonho. Emocionado pela lembrança, olhava Tati sentada no sofá e admirava-a pela coragem de enfrentar um mundo tão cruel e racista.



Acompanhada por Francisco, Tatiane, com apenas 1 ano, na Festa Junina da Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, em Presidente Prudente (Arquivo pessoal: Tatiane Ferreira)

“CRIA” DO CEDRAL

Naquela tarde, Francisco chegou em casa mais cedo. A filha, que sempre ia ao encontro do pai no portão, não estava lá. Na rua Kameichi Tarumoto, número 89, no Parque Cedral, em Presidente Prudente, ao adentrar a casa, foi atraído pelo som que vinha da sala. Chegando no cômodo do imóvel feito de madeira, o canal sintonizado na TV Globo transmitia “Xou da Xuxa”, um dos programas de maior sucesso dos anos noventa, apresentado por Xuxa Meneghel. Ao fundo, porém, era possível avistar os pezinhos da filha, erguidos como quem tenta alcançar, sob muito custo, algo distante. O pai aproximou-se e, em meio aos fios da televisão de tubo, de tela preta e branca, encontrou Tatiane.

– *Menina, o que você tá fazendo aí?* - perguntava Francisco, cismado.

– *Eu tô tentando entrar na TV, pai!*

Naquele momento, ao se dar conta do que realmente estava acontecendo, a risada do pai ecoou pelos quatro cantos da sala e a pequena, confusa, não entendia o que havia dado errado para não ter conseguido alcançar seu objetivo. Também, aos risos, dentro do estúdio da TV Integração, Tatiane se lembrava da cena. Após mais um dia de apresentação, momento em que entrava na TV de milhares de pessoas do Triângulo Mineiro, ela se dava conta de que o feito que tanto desejava na infância havia se tornado realidade.

Ao longo de seus dias, Tatiane sempre se pega recordando de situações que culminam para a construção do vínculo que teve desde menina com a comunicação. Os momentos da família Ferreira, por exemplo, eram marcados pelas transmissões radiofônicas que traziam aos ouvidos dela, do pai, Francisco, da mãe, Maria Luiza, e dos irmãos, Thiago e Lucas, as últimas notícias do “A Voz do Brasil”, bem como dos programas locais comandados

por Barbosa da Silveira, Osvaldo Torino, Ananias Pinheiro e Ed Thomas, personalidades marcantes do jornalismo radiofônico no Oeste Paulista.

Contudo, nem só para ouvir os noticiários o radinho portátil do pai servia. Junto com o aparelho, Francisco sempre fazia questão de levar as tão estimadas fitas cassetes, onde fazia a gravação de suas músicas favoritas. Melhor amigo não só de Francisco, o rádio também era um dos fiéis parceiros das brincadeiras favoritas de Tatiane, Thiago e Lucas. Deixando de lado todo o acanhamento que carregava na maior parte do tempo, a menina comandava e gravava junto com os irmãos seu próprio programa de rádio e, sob a luz de sua imaginação, conduzia entrevistas, informava notícias e chamava as mais diversas grades musicais. Esses momentos, por um breve instante, faziam a garota despir-se da timidez, dando lugar a outra Tati, mais falante e comunicativa, assim como aprendia ouvindo os radialistas.

As ruas do Parque Cedral também foram palco de outras tantas brincadeiras que fizeram a alegria da infância de Tatiane e dos irmãos. Em uma época ainda não acometida pelo mundo virtual, descalços, corriam por entre as pedras pontiagudas que pareciam não incomodar, já que a única preocupação era fugir de ser pego nas partidas de esconde-esconde e pega-pega. A menina se deliciava na diversão com os amigos até o mais tardar, quando ouvia a voz da mãe ou do pai lhe chamando para a casa. Cansada da correria com as outras crianças, Tatiane chegava ao lar puxando o fôlego e com o suor escorrendo pela face, como se tivesse acabado de sair de uma maratona, mas também vinha com um sorriso no rosto de quem tinha vencido.



Da esquerda para a direita: Lucas, Tiago Júnior e Tatiane, sempre unidos, desde a infância (Arquivo pessoal: Tatiane Ferreira)



Da esquerda para a direita: Lucas, Tiago Júnior e Tatiane, em 2017, rumo ao casamento de um casal de amigos (Arquivo pessoal: Tatiane Ferreira)

Ao fim da rua, um majestoso pé de seriguela também fazia a alegria dela e de tantas outras crianças da vizinhança. Por debaixo dos galhos finos, das folhas verde-escuras e dos frutos de casca laranja que, por vezes, abraçavam as vermelhas e amarelas, a sombra da árvore acolhia a ludicidade dos pequenos que, pelo tronco sinuoso, escalavam até chegar ao topo e, lá, transformavam-na em um restaurante, cujos pratos, feitos com as folhas e os frutos, eram distribuídos entre os amigos.

Contudo, em meio a todas essas singelas e afáveis memórias, Tatiane também tinha que lidar com recordações de momentos em que sua história foi diminuída por alguém que cruzou seu caminho nos primeiros anos dentro de uma redação. Certa vez, enquanto cumpria mais um dia de expediente, foi surpreendida por um comentário desagrável.

– *Nossa, eu sei porque você é assim... simples. Você nasceu ali na periferia, né? Estudou em escola estadual. Por isso você não é uma pessoa muito sofisticada, é meio difícil para o seu lado, eu entendo* – dizia a pessoa, em tom de deboche.

– *Ah, não. Mas espera. Eu vou aprender, eu vou mudar. Me dá mais uma chance* - respondia Tatiane, na ânsia de querer se encaixar naquele local de trabalho.

Sem forças para responder a altura do comentário e no desejo de fazer parte daquela equipe a todo custo, a jovem muitas vezes se calava ou até mesmo implorava, alegando uma mudança que, no fundo, nada tinha a ver com as habilidades que a profissão exigia de si.

Como exclamava a pessoa, ela realmente era fruto da escola pública. Desde muito cedo, Tatiane Ferreira criou-se nas ruas que conectam os bairros periféricos Parque Cedral, Jardim Jequitibás e Jardim Monte Alto, próximos ao Centro Integrado de Educação Municipal, o CIEM, local onde ela e os irmãos frequentavam

quando menores. Porém, foi na Escola Estadual Professora Fátima Aparecida Costa Falcon que passou grande parte de sua adolescência. Pela rua Altair de Senna, que liga a casa dela à escola em um caminho linear, ia todos os dias pela calçada, admirando as belas paisagens da vegetação preservada do Horto Florestal.

Por trás dos muros brancos e das siglas pichadas em azul e preto, salas abrigavam sonhos de crianças que, sentadas nas carteiras enfileiradas, aprendiam sobre o mundo e suas particularidades. Ali, a menina introvertida, que tinha vergonha de interagir com as pessoas, começou a se devolver e enxergar um universo cheio de possibilidades. Ora tímida, ora desinibida, por meio das reflexões que ouvia durante as aulas, principalmente nas disciplinas das ciências humanas, era onde Tatiane se encontrava. Os livros também eram uma grande paixão da jovem, que entre os romances investigativos de Ágatha Christie e de densas narrativas como de O Mundo de Sofia, enxergava o fomento para seu jeito sonhador de ser.

No caminho de volta da escola, embaixo do sol quente de meio-dia que abraçava Prudente numa onda de calor, o frescor do Horto Florestal encontrava o seu rosto e, como um respiro, fazia Tatiane tomar fôlego para continuar o trajeto até sua casa. Em seu emaranhado de pensamentos, enquanto caminhava, não imaginava que o lugar onde cresceu um dia seria usado de forma negativa em tantos comentários, como o daquela pessoa, que mal sabia que, ali, ela já havia enfrentado um de seus piores pesadelos.

Era mais um dia normal na quarta-série da escola Fátima Falcon. Sentada de frente para a lousa e com o lápis na mão, apontado, pronto para começar a escrever as primeiras palavras que ganhavam vida naquele quadro negro, Tati ouviu sua professora chamar, acatando, confusa, o pedido dela para arrumar seus materiais e dirigir-se à sala da diretoria, onde alguém estaria à sua

espera para levá-la embora.

Ao passo em que caminhava pelos corredores da escola rumo à entrada, a garota, que não gostava de perder uma aula sequer, questionava, inconformada, o motivo para alguém interromper sua aula. Afinal, o que mais poderia ser importante? Seu devaneio, no entanto, foi interrompido quando seus olhos miraram a figura da vizinha que, em pé, aguardava sua chegada.

– *Tati, querida, tudo bem? Sua avó acabou de chegar na cidade e quer te ver. Por isso, vim te buscar.*

– *Minha avó?!*

– *Sim, sua avó. Vamos!*

No caminho para casa, seus pensamentos borbulhavam. Não era possível que a avó fizesse tanta questão assim de vê-la, naquele exato momento. Ora, ela podia esperar até que saísse da escola em seu horário normal, o que logo aconteceria. Novamente, seu devaneio foi interrompido, dessa vez, pela voz da vizinha.

– *Então, Tati, você gosta da sua mãe?*

– *É claro que sim! Ela é a minha mãe.*

– *Você ficaria com saudade se ela fosse embora?*

– *Embora?! Mas embora para onde?*

Antes mesmo que pudesse ouvir a resposta da vizinha, sua atenção foi atraída pelo barulho dos pneus de uma Kombi, que cortavam o asfalto da Rua Kameichi Tarumoto, na esquina de sua casa, levantando o cheiro de borracha queimada. Em meio à fumaça, Tati avistou o motorista, patrão de seu pai. Em seguida, numa abertura brusca da porta do veículo, Francisco surgiu, caindo de joelhos aos seus pés.

– *Filha, sua mãe morreu, filha! Sua mãe morreu! O que é que a gente vai fazer, filha?! O que é que a gente vai fazer?!*

Maria Luiza havia ficado internada durante quatro dias na Santa Casa de Presidente Prudente. Na infância vivida na zona rural de Alfredo Marcondes, cidade a cerca de 30 quilômetros de Presidente Prudente, foi picada por um Barbeiro, inseto transmissor da Doença de Chagas, e conviveu com a patologia até a fase adulta, quando vieram as complicações e acabou não resistindo.

Na busca desesperada por respostas, as lágrimas rolavam incessantemente pelo rosto do pai que, ao contrário de Tatiane, não conseguia deixar de esboçar a angústia que sentia. Aos nove anos, ela havia recebido a notícia que qualquer filho no mundo não gostaria de receber. Tão cedo, estava perdendo sua referência materna, a mulher que, um dia, a ensinou a ser forte. Agora, as perguntas da vizinha faziam sentido em sua cabeça. Travada, sem conseguir chorar ou dizer qualquer frase, Tati sentia seu corpo pulsar, tão intensamente quanto as lágrimas do pai que cobriam seu rosto numa avalanche de sentimentos. Em seu pensamento, somente os irmãos. Ela precisava encontrá-los naquele exato momento.

Sob a mira dos olhares piedosos de quem havia se compadecido com a dor do pai, caído de joelhos em frente à casa da família, Tati adentrou o portão da vizinha, a mesma que havia ido buscá-la na escola e destilado pistas sobre um dos momentos mais dolorosos de sua vida. Sentada, ela, como irmã mais velha, olhava para os irmãos que lá estavam, de apenas cinco e três anos.

– *Caramba, não posso chorar. Eu acho que tenho que dar um jeito de ser forte por aqui agora* – pensava, enquanto os observava.

Sua relação com os “pretinhos”, apelido carinhoso para eles, sempre foi de muita união, ainda que, hoje, estejam separados fisicamente: ela, em Uberaba, Minas Gerais; Thiago, em São Paulo; e Lucas, em Presidente Prudente, próximo ao pai, que ainda vive

na mesma casa. Porém, naquele momento, sem lágrimas, sem se deixar abater, Tatiane sentiu que, a partir dali, tinha que assumir o controle por ela, pelo pai e, principalmente, pelos irmãos. Assim foi.

Nos meses que sucederam a morte da mãe, a jovem ajudava Francisco como podia, seja em tarefas domésticas ou cuidando dos meninos. O pai, que madrugava para trabalhar no Ceasa, confiava à vizinha a segurança dos filhos enquanto não estivesse por perto. Ela era a responsável por levar o filho mais novo, Lucas, para a creche, no CIEM, enquanto Tatiane e Thiago acordavam mais cedo, para irem à escola.

– *Ah, por que não me dá eles? Eu cuido para você!*

– *De jeito nenhum. Eu vou cuidar dos meus filhos!*

Aos trinta e seis anos, Francisco recebia inúmeras propostas para doar os filhos que, àquela altura, ainda eram tão pequenos. Ele, no entanto, nunca aceitou, pelo contrário, sentia-se ofendido a cada oferta absurda como aquela. Sempre muito trabalhador, fez questão de ensinar aos filhos, desde muito cedo, os valores da vida: estudo, trabalho e humildade, algo que carregam até hoje. Tempos mais tarde, porém, casou-se de novo e, com a ajuda da esposa, terminou de criar os filhos, dos quais se orgulha muito. Porém, mesmo com a ajuda de algumas pessoas, a partir da perda da mãe, Tatiane sempre levou consigo a ideia de que deveria dar seguimento ao legado deixado por Maria Luiza, seja no cuidado com a família, como por ela mesma.

– *Estuda, estuda, estuda! Pois só com isso você vai chegar em algum lugar* - recomendava a mãe.

E, assim, Tatiane seguiu os conselhos daquela que até hoje está guardada, com um amor saudoso, no coração.

COM UNHAS, DENTES E O UNIFORME BETERRABA

Vestida com o uniforme de cor beterraba da Fundação Mirim, Tatiane caminhava por entre as ruas da Vila São Jorge. Era o seu primeiro dia de emprego no hipermercado Carrefour, como operadora de caixa, e o nervosismo a consumia. Aos 14 anos, o senso de responsabilidade ainda batia à sua porta e ela sentia-se na obrigação de abrir, para ajudar o pai, os irmãos e, claro, garantir seu futuro.

As guirlandas, fitas e luzes anunciavam a chegada do Natal dos anos 2000 no shopping que abrigava o hipermercado, invadido pelo verde, dourado, vermelho e prata típicos dessa época do ano. Entre os papéis de presente com estampas natalinas, Tati também confeccionava embrulhos a quem ia às compras no hipermercado. Por vezes, no entanto, o espírito natalino era substituído pela austeridade de quem não aceitava corte nas filas de acesso ao serviço do qual era responsável. Até que depois de três meses seu contrato venceu.

Mesmo com apenas 14 anos, Tatiane não suportava a ideia de ficar desempregada. Por isso, assim que foi dispensada do emprego temporário no Carrefour, logo foi atrás de outra oportunidade. Até que conseguiu uma vaga de recepcionista em uma empresa de equipamentos hospitalares. Seu jeito maduro de ser, mesmo com tão pouca idade, logo conquistou a proprietária. Sempre preocupada com a educação dos filhos, enquanto via Tatiane já tão jovem trabalhando atrás no balcão, a chefe não hesitava em aconselhar.

– *Olha, eu sei que você está trabalhando aqui, mas não deixe de estudar, viu? Depois que terminar a escola, faça um curso superior. Só o estudo pode te levar a algum lugar.*

Enquanto ouvia os conselhos da chefe, Tatiane se lembrava de quando a mãe também a encorajava nos estudos. Diante de tantos incentivos, a jovem ainda nos últimos anos do Ensino Médio, já tinha colocado em sua cabeça, que, sim, não iria parar de estudar. Aliado a isso, ainda pensava se desejava fazer algo pela sociedade. Apesar da idade, Tatiane desde de muito cedo foi adquirindo um grande senso de justiça, o qual foi sendo fomentado no decorrer das numerosas situações que a moldaram como pessoa. O episódio do pai com o dono do caminhão de laranjas, a morte da mãe, entre diversos outros momentos que haviam lhe marcado durante sua vida até ali assinalavam que ela precisava lutar pelo bem comum na sociedade.

Contudo, diante de todas essas ponderações de gente grande, ela se esquecia de ser a menina, jovem e adolescente que precisava aproveitar a vida. O frio na barriga despertado pelas paixonites, as idas a festas e reuniões com os colegas, os pôsteres de ídolos colados pelo quarto, a coleção de papéis de carta e tantas outras coisas comuns a essa época da vida foram substituídas pela tríade rotineira família-trabalho-estudo, de quem havia criado uma personalidade um tanto quanto austera devido às responsabilidades.

Diante de toda essa seriedade, ainda assim, a jovem colheu bons frutos desse período. Os poucos, mas bons e seletos amigos, que a acompanharam desde a adolescência, continuam ao seu lado até hoje, dos altares às conquistas profissionais, em uma relação alicerçada no amor, respeito, carinho e na confiança resultante de anos de amizade. Os caminhos, vez ou outra, podem se desencontrar, mas eles sempre estarão lá, um pelo outro.

Sua abertura para o mundo também se ampliou quando foi convidada a trabalhar na secretaria da Paróquia São Francisco de Assis, deixando a loja de equipamentos hospitalares. Desde

pequena, ela e a família eram frequentadores da comunidade católica dali e não só nas missas, mas também nas reuniões dos grupos de jovens. Tatiane era sempre vista na igreja. A oportunidade foi um divisor de águas em sua vida. Nas dependências da secretaria paroquial, a jovem aos poucos ia enxergando um universo fora da Kameichi Tarumoto, onde nasceu e viveu. Na rotina do novo trabalho, ia percebendo o quão distintas as pessoas eram e o quanto pensavam diferente. A conexão com tantas realidades fez com que Tati, àquela altura, olhasse para o mundo com outros olhos, visão que carrega até hoje.

Parte de suas amizades foram construídas na comunidade da igreja, assim como na escola, durante o Ensino Médio, período em que Tati, aconselhada pela então chefe, mesmo sabendo o que queria fazer pelo resto da vida, via-se dividida dada a sua condição financeira. Sem recursos para bancar o tão sonhado curso de Direito, encontrou na afinidade com a disciplina de Geografia, a chance de prestar o vestibular de uma universidade pública, a Unesp (Universidade Estadual Paulista) de Presidente Prudente. Chegado o dia em que o resultado da prova ia ser divulgado, olhando a lista dos aprovados, ela descia os dedos, nome por nome, em busca de achar o seu entre eles. Sem sucesso.

Frustrada por não ter sido aprovada no ensino superior público e sem condições financeiras de estar em uma instituição particular cursando Direito, na sala da casa, agora de alvenaria, que com tanto esforço seu pai havia construído, pensava em como daria seguimento aos seus estudos. De repente, lembrou-se de um anúncio que dizia que os valores das mensalidades de alguns cursos da Unoeste haviam tido redução. Jornalismo estava entre eles.

Nesse momento, recordou-se das tantas vezes em que ela,

os pais e os irmãos se reuniam para ouvir a programação no pequeno rádio portátil de Francisco, de sua tentativa frustrada em entrar, literalmente, no aparelho de televisão, para participar do programa da Xuxa, e dos programas de rádio produzidos por ela, Lucas e Thiago. Reproduzindo essas cenas em sua mente, percebeu que não precisava ser juíza ou advogada para defender causas. Nesse cenário, a comunicação apresentava-se como uma velha amiga que nunca a deixou. Ao que parece, a vida já havia se encaminhado da decisão.

Nesse período de incertezas, uma luz brilhou no céu da jovem que, ultimamente, só pensava nas formas de conseguir ingressar em uma faculdade, seguindo, com disciplina e vontade, um dos conselhos mais marcantes da mãe e reafirmado pela chefe: estude. Determinada em sua escolha, ela aguardava a chegada do pai em casa para dar-lhe a notícia. Quando Francisco adentrou a sala, exausto de mais um dia de trabalho, sentou-se no sofá. Tatiane foi a seu encontro.

– *Oi, Pai, tudo bem? Bença!*

– *Oi, filha. Deus te abençoe.*

– *Pai, eu queria te falar uma coisa. Eu pensei bastante e queria te dizer que eu quero fazer faculdade!*

– *Minha filha, cê sabe que eu te incentivo, mas eu não tenho dinheiro para pagar isso para você...*

– *Não, pai, fica tranquilo! Pode deixar. Eu vou trabalhar e pagar a faculdade.*

Mesmo triste por não poder conceder o ensino superior à filha, no fundo, Francisco se sentia orgulhoso em perceber que a menininha, que corria por entre as árvores do bairro, hoje havia se tornado uma mulher de fibra e determinação diante dos sonhos. Perseverante em sua decisão, Tatiane então caminhava

em direção à lotérica para efetuar o pagamento da inscrição do vestibular do curso de Jornalismo na Unoeste. Chegado o dia da prova, esperava, apreensiva, pela abertura dos portões da escola onde faria a avaliação. Ao subir o piso superior da instituição, atenta, procurava pelas placas que sinalizavam onde estaria a sala, cujo número constava em sua ficha de inscrição. Já sentada na carteira universitária, vendo os minutos no relógio passarem, ela sentia o medo de provas que tanto teve desde a infância tomando-lhe pouco a pouco. A cada 'tic tac', seu corpo estremecia. Naquela sala, repleta de vestibulandos, qualquer um podia ser o seu futuro colega de turma ou, quem sabe, de vida. Enquanto transferia as respostas para o gabarito, seu pensamento divagava. Quantas pessoas, ali, viriam de escola pública também?

O nervosismo e a ansiedade acalmaram quando, enfim, a prova foi entregue. No entanto, o período que teria que esperar até a liberação do resultado era como redemoinho em seu peito. Até que o grande dia chegou. Novamente, ela tocava os dedos na folha de papel colada no corredor da faculdade e, deslizando para baixo, tentava ver seu nome. Até que, no fim da lista que organizava os aprovados em ordem alfabética, avistou: Tatiane Aparecida dos Santos Ferreira - Aprovada.

A conquista representou a realização de um sonho não só para ela, mas também para o pai que, devido à realidade dura da infância, não conseguiu ao menos terminar o ensino fundamental. E lá estava Tatiane, sendo uma das primeiras entre os parentes mais próximos a ingressar na faculdade.

Sua trajetória acadêmica foi marcada pela batalha em conciliar emprego e estudos, algo que, inevitavelmente, tinha que fazer ou, caso contrário, não seria possível continuar. Apesar do esforço para conciliar a dupla jornada de afazeres, certas coisas não saíam como o planejado. Devido às escalas no trabalho, Tati

estudou nos períodos diurno e noturno e, em certos momentos, chegava atrasada para as provas e trabalhos. Com isso, os efeitos da jornada pesada muitas vezes eram sentidos em suas notas e, ocasionalmente, os exames e DPs também apareciam. Na sala do coordenador do curso, Munir Jorge Felício, o coração acelerava.

– *Munir, eu não dou conta, eu não consigo!*

– *Você vai conseguir, Tati! Não desanima, não!* - respondia o coordenador.

Sentindo-se sobrecarregada, foram várias as vezes em que ela chegava para o coordenador para confidenciar a preocupação de não conseguir terminar a graduação. Já passava das sete horas da noite quando Tatiane chegava mais uma vez atrasada para a aula, após um dia intenso de trabalho. Ao adentrar a sala de aula, viu que todos já estavam realizando uma atividade. Avistou uma carteira vazia, sentou-se e perguntou para uma colega ao lado sobre o que se tratava a tarefa. Mesmo cansada, enquanto tirava o caderno da bolsa, um de seus professores se aproximou.

– *Eu não sei por que você está tentando ainda fazer isso* - disse.

– *Por quê?* - respondeu Tatiane, sem entender do que se tratava.

– *Você sabe que não vai ter oportunidade. Você sabe que daqui você não vai passar e não vai conseguir ir para lugar nenhum. Você está tentando em vão, podia dar oportunidade para outro.*

As palavras saíram como uma punhalada direto no peito da estudante que, depois de mais um dia exaustivo e tomada pelo sono do cansaço, não gastou energia para responder à ofensa. Contudo, as palavras que escapam à boca do professor tão facilmente, quase ensaiadas, reverberaram em sua cabeça pelo restante da aula. Mal sabia ele que aquela fala, no momento tão dura, serviria como um incentivo para que Tatiane seguisse

cada vez mais longe, pois, diferente do ele acreditava, aquela oportunidade não era tomada de outro. Aquela oportunidade era genuinamente dela.

Nos momentos em que ficava a sós consigo mesma, refletia o quão injusto seria abandonar um sonho em nome da ignorância de outras pessoas, que não conheciam minimamente o seu esforço para chegar até ali. Sua mãe não desistiu. Seu pai também não. Nem que fosse preciso reunir toda a teimosia e persistência do mundo em uma só pessoa, ela também não iria desistir. Agora, era uma questão de honra.

Hoje, olhando para trás, ela observa, com carinho, a época da faculdade. As amizades que construiu, sempre muito próximas, eram o respiro que precisava para atravessar essas situações com mais tranquilidade, sem deixar a peteca cair. Os eventos e determinados trabalhos da faculdade também chegavam compensando todo o nervosismo acumulado do semestre.

Em frente às câmeras, nas aulas de Telejornalismo, ministradas pela professora Thaisa Bacco, Tatiane se preparava para apresentar a segunda edição do telejornal que estava sendo produzido pelos alunos naquele semestre. As luzes do Laboratório de TV, o isolamento acústico da sala, os vários cabos que conectavam microfones, câmeras, *teleprompters* e telas dos monitores, tão semelhantes aos estúdios profissionais, faziam a jovem sentir o calor do nervosismo emanando pelo seu corpo. O que fazer com as mãos? Com a voz da professora, orientando-a, Tati se perdia no meio do barulho de seus pensamentos. Ali, lembrou-se de quando era criança e seu sonho era estar dentro da TV. Ainda tão pequena, ela não fazia ideia do trabalho desenvolvido por trás das câmeras para colocar uma edição no ar. Porém, o devaneio era interrompido quando, num ato involuntário, um sorriso escapava ao canto da boca, revelando o nervosismo com a experiência que, hoje, é diária.

No Calçadão que corta o centro de Presidente Prudente, de comércio pujante, Tatiane estreou sua primeira reportagem de TV pela faculdade. Entre a multidão de pessoas que diariamente passam por ali, com a folha da pauta na mão, que descrevia todo o assunto que teria que desenrolar na matéria, a jovem ia abordando uma a uma para falar sobre analfabetismo funcional. Após as entrevistas, em um cantinho menos movimentado da via e com o microfone na mão de frente à câmera, tentava gravar sua primeira passagem, que, retomada diversas vezes devido ao nervosismo, só depois de algum tempo conseguiu finalizar.

Contudo, não foi só em trabalhos telejornalísticos que ela ganhou experiência. Aliando faculdade e emprego, ela teve dificuldades de encontrar uma forma de realizar o estágio, que era um item obrigatório para sua formação. Mas, um dia, em conversa com um dos funcionários da universidade, Gercimar Gomes, resolveu perguntar:

– *Você deixa eu fazer estágio com você?*

O radialista comandava o programa “Retrospectiva Policial”, na Rádio Globo, todos os domingos, às seis da manhã. Vendo a dificuldade de Tatiane e se compadecendo de seu esforço, ele concedeu a oportunidade. Assim, toda manhã dominical, com a cara amassada de sono, Tati marcava presença na pequena sala isolada acusticamente e, em meio a matérias de tirar o fôlego, redescobriu a afinidade que desde cedo teve com o jornalismo radiofônico. Gostou tanto, que lá ficou até algum tempo depois de formada.

Em meio aos anos da universidade, Tatiane também viu a oportunidade de um novo emprego como recepcionista no AME (Ambulatório Médico de Especialidades) de Presidente Prudente e, por isso, deixou a secretaria da Paróquia São Francisco de

Assis. A mulher simpática e de sorriso largo que havia se tornado, rapidamente conquistou a simpatia dos colegas, inclusive dos freis da Associação e Fraternidade São Francisco de Assis na Providência de Deus, que são responsáveis por gerenciar toda a estrutura do Hospital Regional Doutor Domingos Leonardo Cerávolo, cujo AME faz parte. Ao contrário da criança tímida, ela se configurava, agora, extremamente comunicativa, mantendo uma boa relação com todos a sua volta, desde pacientes até administradores.

O sinal de que estava no caminho certo veio quando um dos freis, Mariano Freitas, sabendo que a jovem cursava jornalismo, chamou-a para conversar.

– *Tati, a gente ainda não tem uma assessoria de imprensa consolidada aqui no Hospital Regional, por isso, eu gostaria de saber se você quer assumir isso para gente...* - propôs o frei.

– *Mas é claro! Será uma honra!*

Embora nunca tenha tido contato com a área, assim como em sua vida toda, não abriu mão do desafio e, junto com uma das freiras do hospital, deu início ao trabalho. O barulho dos sapatos batendo no piso, ressoando por todos os andares do prédio, significava o trabalho duro de quem não media esforços para cobrir todos os eventos internos e externos. Com a alça da câmera pendurada ao pescoço, cada clique no botão representava o registro não só das figuras à frente das lentes, mas dela mesma que, depois de tanto esforço, começou a ser reconhecida em sua área. Ao fim do curso, ela já acumulava dois trabalhos no início da profissão: de assessora e radialista. Conquistas consagradas em sua formatura.

Caminhando pelo tapete que terminava na estrutura do palco, vestindo a beca preta e, sobre a cabeça, o capelo, em seu peito Tatiane abrigava um misto de sentimentos. De onde estava, via o pai chorar, copiosamente, por sua vitória. Queria que a mãe

estivesse ali também, mas ela estava, ela sabia que estava. Seu coração vibrava ao pensar “eu consegui!”. Ao lado de Francisco, também conseguia enxergar o orgulho nos olhos de Thiago e Lucas, que vendo a irmã conquistar o sonho do ensino superior, enxergavam nela um modelo no qual poderiam se espelhar.

Naquele breve espaço de tempo, um filme passou em sua cabeça. Enquanto subia ao palco para pegar o tradicional canudo que simboliza o diploma, lembrou-se das tantas vezes em que aguentou, calada, as ofensas mais absurdas, como a do professor que disse enfaticamente que ela deveria dar aquela oportunidade a outra pessoa, pois ela não iria conseguir. Ali, em cima do palco, em um dos momentos mais felizes de sua vida, mostrava a todos que sim, havia conquistado aquela chance que sempre foi dela. Vendo que todo o esforço com que tinha levado os estudos até ali tinha valido a pena, àquela altura, sabia que podia ir mais longe. E foi.

A MAGIA DENTRO DA CAIXA

Enquanto assessora de imprensa do Hospital Regional de Presidente Prudente, uma das atividades de Tatiane era acompanhar seus assessorados em entrevistas e participações em programas de TV. Em uma dessas ocasiões, ao chegar no prédio da emissora Band Paulista, sentou-se no sofá da recepção enquanto sua assessorada aguardava para participar do programa Super Útil, da apresentadora Gisele Gontijo. Quando foram chamadas, através do vidro que separava a redação do corredor principal do prédio, Elaine Hernandez, chefe de jornalismo na época, viu Tatiane passar.

– *Nossa, quem é essa menina?* - perguntou Elaine a Paulo Sereguetti, *um dos produtores na época.*

– *Ah, é a Tati. Ela é da assessoria do HR. Conheço ela* - respondeu.

– *Chama essa menina aqui* - pediu a chefe.

Enquanto Tatiane aguardava a participação da assessorada no estúdio da TV, Paulo chegou ao seu lado e sussurrou em seu ouvido:

– *Quando terminar aqui, passa lá na redação, que a Elaine quer falar com você.*

– *Ah, tá bom* - respondeu, curiosa sobre o que poderia se tratar a conversa.

Encerrado o programa, Tatiane saiu do estúdio e logo se dirigiu à redação. Elaine a viu e foi ao seu encontro:

– *Você é jornalista, né? Nossa, você é bonita. Você não tem vontade de trabalhar na TV?* - perguntou a Tatiane.

– *É o meu sonho!* - respondeu animada.

– *Quer vir trabalhar com a gente?*

– *Agora?* - perguntou surpresa.

– *Não, calma. Vem aqui amanhã que a gente conversa* - orientou Elaine.

A conversa rendeu frutos. Tatiane conseguiu a primeira e tão sonhada oportunidade na TV, onde começou trabalhando como produtora e permaneceu no cargo durante pouco menos de um ano. Álvaro Loureiro, um dos repórteres na época, certo dia recebeu uma proposta para trabalhar na TV Tem, uma das afiliadas da rede Globo no estado de São Paulo, e aceitou a oportunidade. Com sua vaga à disposição, Elaine precisava suprir a baixa na equipe de reportagem e fez uma proposta à jovem.

– *Eu vou te dar essa oportunidade. Você quer?*

– *Quero sim!* - respondeu sem hesitar.

Tatiane, que quando menina tentava entrar literalmente na TV, agora estava conquistando o seu grande sonho e passou a estar nas televisões de grande parte do interior paulista. Mas

seu início foi árduo. Em suas primeiras matérias, como não tinha experiência, a insegurança tentava tomar conta de si, mas pelo caminho encontrou pessoas que lhe estendiam a mão.

Era dia de evento importante em Presidente Prudente. Toda a imprensa havia sido convocada para acompanhar o lançamento de algumas casas populares e, com isso, o governador do estado também estava presente. Escalada para cobrir o evento, Tatiane começou a ficar apreensiva. Como faria uma matéria como esta? Ao chegar no local, em meio à multidão presente, seus pensamentos começavam a embaralhar. Afinal, o que faria primeiro? Até que avistou uma das jornalistas de outra emissora passar ao seu lado.

– Vivian? Oi, tudo bem? Viu, o que você acha que eu posso fazer na minha passagem? - perguntou a Vivian Padovan, uma das repórteres da TV Fronteira.

– Oie! Não, faz assim ó. Eu vou te ajudar - respondeu, pegando papel e caneta na mão para auxiliar Tatiane.



Tatiane em sua primeira experiência como repórter televisiva, pela Band, em 2011 (Arquivo pessoal: Tatiane Ferreira)

Com pouco tempo em frente às câmeras, já era perceptível que tinha um dom nato para o jornalismo televisivo e, por isso, logo ficou conhecida em outras emissoras da cidade. Enquanto trabalhava na Band, um dia recebeu um convite da TV Fronteira, afiliada da rede Globo em Presidente Prudente. A emissora queria que Tatiane fizesse parte de sua equipe de reportagem. Mesmo mantendo um enorme carinho pelo primeiro canal que lhe tinha aberto as portas, Tatiane sentiu que, após pouco mais de um ano de Band, era hora de ter novas experiências e aceitou a proposta do então chefe de jornalismo, João Paulo Nunes. Lá, passou um ano e oito meses como repórter de rua, mas algo ainda pulsava em seu peito. Observando outras colegas saindo do estúdio da TV, imaginava quando seria a sua vez de comandar um telejornal. Porém, em seu interior, sabia que, na emissora, nunca deixaria de ser repórter.

Dirigindo pela rodovia General Euclides de Oliveira Figueiredo, a famosa Rodovia da Integração, Tatiane ia atrás de seu sonho. Após deixar a TV Fronteira, conseguiu a oportunidade de comandar um jornal da noite da TVC, afiliada da TV Cultura em Três Lagoas, no Mato Grosso do Sul. Deixando pela primeira vez a família, seguia rumo à nova morada com o porta-malas cheio de bagagens e o coração já repleto de saudade do pai e dos irmãos. Por isso, durante os mais de 200 quilômetros em que percorreu na viagem, Tatiane chorou quase construindo uma quarta lagoa em seu caminho.

Na nova emissora, a jovem jornalista assumia todas as funções dentro da redação: produção, reportagem, edição e apresentação. Além disso, com a rotina árdua do acúmulo de funções, também precisou acrescentar uma nova habilidade dentre seus conhecimentos jornalísticos: a agilidade. Como um período gestacional, os nove meses que Tatiane passou na emissora serviram para que nascesse novamente para algo novo,

tanto em sua vida profissional como pessoal. E a partir daquela experiência, percebeu que o mundo era grande demais para não agarrar outras oportunidades que estariam por vir.

São José do Rio Preto, novamente em território paulista, foi a segunda cidade em que Tatiane se aventurou longe de Presidente Prudente. Ao lado de Mira Filizola, ela começou a trabalhar no programa SBT e Você, da TV SBT Interior. Acostumada com o universo do hard news, das notícias quentes do jornalismo diário, Tatiane teve que se adaptar a algo que nunca tinha imaginado fazer: o entretenimento. Adentrando na nova rotina, a jovem começou a se aventurar em reportagens de rua mais descontraídas e produções que demandavam mais criatividade e liberdade. Todavia, apesar de gostar da nova experiência, o cotidiano mais calmo do programa fazia a jornalista sentir que algo estava errado.

– *Meu Deus, não tô rendendo nada aqui, tem alguma coisa estranha* – desconfiava da calmaria.

Seu retorno ao jornalismo diário estaria em outro estado. Com o porta-malas cheio novamente, partiu rumo a um novo desafio a quase 600 quilômetros de Presidente Prudente. Seu nome e sua competência na profissão já atingiam solos mineiros e, por isso, a garota que nunca tinha pensado em sair de perto da família, agora estava em Uberlândia, Minas Gerais. Convidada para apresentar o jornal Conexão Vitoriosa, que estreou em 2018 na TV Vitoriosa, afiliada do SBT na cidade, a jornalista foi encarada como uma das grandes apostas da emissora. À frente do programa que tinha como objetivo informar as notícias policiais da região, Tatiane foi escolhida para dar um toque mais leve ao telejornal que era exibido na hora do almoço. Na nova “casa” também pôde aprender mais sobre alguns itens usados na apresentação, como o ponto eletrônico e o teleprompter.



No comando do inédito Conexão Vitoriosa, em 2018, Tatiane se destacou como apresentadora, repórter e editora (Arquivo pessoal: Tatiane Ferreira)

Pouco a pouco, Tatiane foi conseguindo se consolidar na profissão por meio das experiências profissionais que teve. A cada troca de emissora, sempre fez questão de não dizer um adeus definitivo, mas sim deixar as portas abertas para qualquer ocasião. Isso fez seu nome. Além de sua competência como profissional, a jornalista sempre se adaptou bem a todas as particularidades de cada redação que passou e isso fez com que oportunidades fossem surgindo quando menos esperava.

Quando o Conexão Vitoriosa já não ia bem e a emissora resolveu mudar o foco do telejornal, Tatiane estava prestes a sair até que recebeu uma ligação. Do outro lado da linha, convidaram-lhe para ir para uma das mais tradicionais afiliadas da Rede Globo do país, a TV Integração, em Uberaba. Sem hesitar, aceitou o convite. Agora, partia rumo à conhecida terra do zebu, dinossauros e do famoso médium Chico Xavier.

A princípio, a oferta era para que ela ficasse na reportagem, cobrisse folgas, aprendesse um pouco de edição e aos finais de semana apresentasse alguns dos telejornais. Até que Livia Zanolini, na época apresentadora oficial do MG1, principal telejornal da emissora, resolveu ir embora para São Paulo e passou o bastão para Tatiane. Vinda do Oeste Paulista, aos poucos foi fazendo do Triângulo Mineiro o seu segundo lar. Depois de alguns anos no estado, agora até já troca o “eita pêga” prudentino pelo “uai” em alguns comentários no telejornal. No entanto, o que realmente não esquece é de que um dia duvidaram que ela estaria ali.

– *Você não tem capacidade para trabalhar na Globo, você sabia, né? Você não tem perfil para isso. Você chama muita atenção. Então na Globo não adianta. Você pode ir para a Record, Band, SBT, agora Globo? Não, você não é o padrão Globo* – ouvia no decorrer da carreira.

Era fim de noite e Tatiane estava sentada no sofá da sala, assistindo um pouco de TV antes de ir descansar para o próximo dia. Após uma semana marcada por intensos protestos contra o racismo em todo o mundo, motivados pelo assassinato de George Floyd nos Estados Unidos, homem negro que foi estrangulado por um policial branco, após supostamente ter tentado usar cartões falsificados em um supermercado, a Globo exibia uma edição especial do Globo Repórter com um painel montado pelo jornal “Em Pauta” da Globo News, reunindo jornalistas negros como Zileide Silva, Heraldo Pereira, Maju Coutinho, Aline Midleij, Flávia Oliveira e Lilian Ribeiro.

Assistindo ao programa, uma fala de Zileide Silva lhe chamou a atenção. A repórter, que foi a primeira correspondente negra em Nova York, cobrindo os atentados do 11 de setembro de 2001, e a primeira repórter negra a estar na comitiva presidencial do

Brasil, em uma viagem do presidente Lula à África, declarava que no início de sua carreira tinha sempre que sair com microfone em punho, mostrando o símbolo da Globo, para que as pessoas acreditassem nela.

– *Gente, eu fazia desse jeito!* - comentou Tatiane, identificando-se com a fala da jornalista.

Foram diversas vezes em que teve que agir como Zileide. Ao chegar nos locais das entrevistas, era observada dos pés à cabeça por ser jovem, mulher e negra. Ela se aproximava dos entrevistados e colocava o microfone em punho na altura do peito como se aquilo fosse o único crachá que pudesse gerar credibilidade frente às pessoas.

– *Quem veio para a entrevista?* - questionava uma das fontes. Com o cinegrafista ao lado, ela respondia:

– *Somos nós! Ele é o cinegrafista e eu sou a repórter.*

– *Ah, são vocês?* - perguntava com olhar de desdém.

– *Sim, sou eu. Vamos começar?* - respondia Tatiane, com a cabeça erguida e o microfone no peito.

Tendo conquistado seu espaço na TV, agora ela trabalhava para combater tudo aquilo que sofreu. Certo dia, o telejornal MG1 estava movimentado com um caso de racismo que havia ocorrido na cidade. Uma mulher entrou em uma drogaria e, ao ser atendida por um rapaz negro, começou a ofendê-lo. A polícia foi chamada e os dois seguiram para a delegacia em viaturas diferentes, o que foi mais um motivo para que os xingamentos continuassem por parte da mulher. No fim da exibição da reportagem, Tatiane já estava com a situação entalada em sua garganta:

– *Ó fulana, nós somos negros, sim, nós temos orgulho do nosso cabelo, sim, e nós vamos ocupar e estar em todos os espaços, a senhora pode ter certeza! Temos orgulho de ser assim.*

A fala de Tatiane foi comentada em todas as redes sociais, arrancando elogios de muitas pessoas que, principalmente, sentiram-se tocadas e representadas. No entanto, ela não sabia que a sua presença e seus comentários já emanavam mudanças.

ÚLTIMA PARADA

Olhando ao redor na redação, Tatiane reparava em cada rosto, em cada traço e pensava que aos poucos ia conseguindo se identificar dentro do seu próprio local de trabalho. Algo que nunca tinha alcançado. Vinda de uma jornada de 10 anos em redações majoritariamente brancas, agora conseguia se ver na própria chefe, a primeira negra em toda a sua carreira. Mesmo vendo alguns percalços no decorrer de sua trajetória durante todos esses anos, gerados pelo preconceito que um dia sofreu, Tatiane já conseguia perceber que por meio de sua jornada, estava abrindo caminho para outras mulheres negras, que, como ela, possuem o sonho de ser uma jornalista ou estar em qualquer outra profissão.

Ao sair do estúdio em um plantão de um sábado, deu-se conta de algo que nunca tinha acontecido em sua vida. Naquele dia, ao começar o MG1, Tatiane estava apresentando, como de costume. Na sequência, entraram no ar uma reportagem, com Eliane Moreira, repórter negra da emissora, e, logo depois, outra reportagem, dessa vez de outro repórter negro, Thomas Albano. Enquanto isso, do switcher, o jornal estava sendo colocado no ar por um diretor de TV também negro.

— *Caramba, olha que legal!* - refletia fora do estúdio.

Por diversas vezes, ao assistir o noticiário, Tatiane só conseguia enxergar em Glória Maria o espelho em que poderia ver sua figura refletida. Talvez ela fosse o ídolo que, durante a adolescência,

a jovem nunca teve tempo para ter. Agora na fase adulta, ao ligar o televisor já consegue reconhecer mais mulheres pretas como ela formando uma porcentagem um pouco maior de representatividade no jornalismo. Zileide Silva, Dulcinéia Novaes, Maju Coutinho, Valéria Almeida, Luciana Barreto, entre outras, dividem com Glória Maria o papel de ser esse mesmo espelho para tantas meninas. A jovem, que um dia falou na frente de mais de 100 alunos que também desejava ser como este mesmo espelho, acredita que ainda está em fase de aprendizado para tal missão, mas nos detalhes diários do jornalismo, aos poucos, vai percebendo que sua imagem, antes tida como fora do padrão, hoje é inspiração até para quem acabou de nascer.

– *Nossa, a minha filha te ama! Ela ama ver você com o cabelo desse jeito. Ela me fala: mãe, eu sou igual a Tati!* - disse uma das telespectadoras em uma das várias mensagens que são diariamente enviadas para a emissora e pelas suas redes sociais.

– *Poxa, estou plantando uma sementinha, que bom!* - pensava com um sorriso no rosto ao ler a mensagem.

Ao relembrar esses episódios, outro hino de seu ídolo Emicida reverberava em sua mente.

*“Então eu vou bater de frente com tudo por ela
Topar qualquer luta
Pelas pequenas alegrias da vida adulta
Eu vou
Eu vou pro frente como guerreiro
Nem que seja pra enfrentar o planeta inteiro”.*

Mesmo ainda não tendo desistido da ideia de fazer o curso de Direito, Tatiane viu que nenhuma profissão, a não ser o Jornalismo, poderia lhe proporcionar esses momentos em que

seu trabalho e representatividade são reconhecidos por meio de tantas mensagens de carinho. Assim como na música, essas são como pequenas alegrias da vida adulta, que diariamente ressignificam sua luta e promovem a certeza de que todos os caminhos percorridos até ali valeram a pena.



Desde 2019, Tatiane é a companhia dos telespectadores que assistem o MG1, jornal uberabense da hora do almoço (Arquivo pessoal: Tatiane Ferreira)

Jornalistas na história

HELLE ALVES

Conhecida por ter participado da cobertura da morte do guerrilheiro argentino Ernesto “Che” Guevara, Helle Alves nasceu em 7 de dezembro de 1926, em Itanhandu, Minas Gerais. Ainda criança conheceu Margarida Izar, que anos depois seria uma de suas colegas de redação. Entrou no jornalismo em 1943 e seu primeiro emprego foi no jornal Rádio Lar e, posteriormente, assumiu um cargo como funcionária pública da Assembléia Legislativa. Helle passou um tempo longe do jornalismo, mas retornou, em 1959, ao ingressar na redação dos Diários Associados, onde reencontrou Margarida Izar. Na área jornalística, sofreu desigualdade salarial dentro da redação, trabalhando com colegas homens que recebiam um salário maior que o dela e palpitavam sobre quais seriam as pautas mais adequadas para mulheres. Helle passou por diversas situações em que sua capacidade e confiança foram colocadas em dúvida. Foi uma das primeiras jornalistas a noticiar a morte de “Che” Guevara, em 1967, porém, ao retornar ao Brasil, a autenticidade de sua reportagem foi questionada pelo diretor do jornal, Joaquim Pinto Nazário, que voltou à Argentina para entrevistar os pais do guerrilheiro. Por outro lado, com seu profissionalismo e dedicação, a jornalista conquistou diversas amizades com fontes importantes de todo o país. Em 1974, Helle se tornou chefe de reportagem dos Diários Associados, onde permaneceu até o seu fechamento. Após a morte do filho Lael Rodrigues, Helle mudou para Santos, onde começou um trabalho com idosos. A jornalista viveu na cidade do litoral paulista até o seu falecimento aos 92 anos, em 27 de janeiro de 2019.

Fonte: RAMOS, Regina Helena de Paiva. **Mulheres Jornalistas: A Grande Invasão**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Faculdade Cásper Libero, 2010.

Heloise *Hamada*

Sakura

Nativa do Japão, suas delicadas flores representam a efemeridade da vida. Gosta de espaços com a mescla de luminosidade e sombra. Os climas frios e solos ricos em nutrientes são suas preferências.



Heloise Hamada

O mundo sob outro olhar



*Heloise, em 2016, na cobertura do evento “Caminhando com Maria”, para o G1
(Arquivo pessoal: Heloise Hamada)*

CHAMA DA TRADIÇÃO

Caminhando entre as quase oitocentas lápides fincadas sobre a grama do Cemitério Histórico Japonês de Álvares Machado, interior paulista, Heloise Miyuki Hamada participava de mais uma edição do Shokonsai, ritual de homenagem aos antepassados da colônia japonesa regional, realizado sempre no segundo domingo de julho.

No cemitério fundado há pouco mais de uma década, o “convite às almas” reforça o elo entre antepassados e descendentes em uma das mais puras demonstrações de tradição, amor, respeito e fé. Observando o templo de cinco andares construído próximo à lagoa, lembrou-se das tantas vezes em que veio, com a avó paterna, naquele lugar sagrado e místico para as celebrações.

Era uma manhã fria. Heloise e a irmã, Marcela, preparavam-se para a apresentação de dança que, horas mais tarde, rendeu-lhes dois prêmios: uma caneta e um lápis. Netas de Sumiko Hamada, muito respeitada na colônia japonesa machadense, as irmãs enxergavam na *batchan* a força da mulher imigrante, que fazia questão de ensinar japonês para as gerações mais novas e não perdia uma edição do Shokonsai, apresentando-se, inclusive, em passos de dança.

O rápido devaneio foi interrompido pelo cessar do vento que, ao cair da aurora, anunciava o momento mais esperado por todos do local: o ritual das velas. Uma a uma, elas eram acendidas por quem ali estava para prestar homenagens. No reflexo dos olhos escuros da mulher, a chama da tradição que nunca havia se apagado em seu coração.

Algumas coisas, no entanto, haviam mudado desde então.

A primeira delas é que a avó já não estava mais presente. Mesmo assim, ainda era possível imaginá-la caminhando entre os túmulos,

em silêncio. Algumas histórias do cemitério e do ritual, ouvidas com tanta atenção pela garotinha, hoje, não passam de lendas, mas isso não importa. Ainda assim, a mulher de 35 anos vê seu caminho sendo cruzado pela tradição do povo ao qual descende.

Nascida em São Paulo, capital, Heloise compartilhou a infância ao lado da irmã, Marcela, cinco anos mais velha. A mãe, Teresa Satiyo Hamada, era bancária e proprietária de uma loja de roupas. E o pai, Santo Masaharo Hamada, executivo. Em meio à frenesi da urbe paulistana, viveram até a caçula completar oito meses de vida, período em que o pai recebeu uma proposta de emprego em Minas Gerais.



Em 1979, Santo e Teresa casaram-se no Civil (Arquivo pessoal: Heloise Hamada)

Recém-chegados em Lagoa Santa, interior do estado mineiro, a família era a única de descendentes japoneses na cidade, sem

parentes próximos ou conhecidos. A decisão de mudar para um município tão pequeno era escapar da inquietação comum às cidades grandes, como Belo Horizonte, onde o pai trabalhava.

Na cidadezinha que margeia o Rio das Velhas, a família compartilhou momentos especiais. O aniversário de um ano da filha mais nova foi um deles e, particularmente para Teresa, um dos mais desafiadores. Acostumada à diversidade de produtos e serviços em São Paulo, buscou, determinada, a decoração ideal para a festa da filha e, embora tenha conseguido, dentro das possibilidades, sentiu o choque de realidade bater à porta.

Contudo, a recompensa por estar tão longe da família e da rotina a qual estavam habituados, era o cheiro de bolo quentinho que invadia a casa dos Hamada no fim da tarde, anunciando a chegada dos vizinhos para dar as boas-vindas. Essa receptividade, própria do interior, fazia com que se sentissem acolhidos, mesmo em um local onde não se reconheciam fisicamente em ninguém. A simpatia de Teresa, no entanto, foi fundamental para que as relações comesçassem a surgir, sempre muito amistosas.

Pelas ruas da cidade localizada na região metropolitana de Belo Horizonte, área de planaltos com relevos pouco acentuados e clima tropical, entre passos curtos e ligeiros, a garotinha saudava todos que via. Os cabelos pretos, olhos puxados e o sorriso largo, apresentavam a criança simpática que viveu a primeira fase da infância em uma cidade desconhecida, mas familiar devido à proximidade com os vizinhos dos quais frequentava casa, protagonizava brincadeiras e socializava.

Era meados da década de 80 quando a família mudou-se para Lagoa Santa. Após a experiência desastrosa com a babá que havia contratado para cuidar das filhas, Teresa abandonou a carreira de bancária para dedicar-se exclusivamente à criação de Heloise e Marcela. Àquela altura, Helô começava a dar os primeiros

passos, literalmente, em direção à peraltice. Com frequência, a mãe encontrava a filha dentro da pia da cozinha, armários e na superfície de móveis. Ainda assim, a infância das irmãs foi marcada pela tranquilidade de viver em uma cidade do interior, que as abrigou durante cinco anos.

A saudade e a necessidade de estar perto da família, no interior de São Paulo, porém, foram o motivo para percorrerem 900 quilômetros de viagem até Presidente Prudente para recomeçarem a vida ao lado dos pais e avós, que já eram idosos. Na cidade com os termômetros nas alturas, eles viveram, por três anos, próximo à avó Yoshiko Horaguti, mãe de Teresa, em uma casa de madeira com poucos cômodos, mas provisória, até que a da família fosse construída, no terreno ao fundo. Na bagagem da mudança: saudades de Minas, zero sotaque e muito amor por pão de queijo.

Em sua casa, na Vila Comercial, onde reside até hoje, os dias eram embalados pelas gargalhadas soltas ao vento, durante as brincadeiras entre os primos. Os pés descalços corriam, ligeiros, após apertarem o interfone da casa dos vizinhos, receando serem vistos. As bicicletas cortavam o caminho de quem cruzava a rua do bairro localizado próximo ao Parque do Povo, num trajeto, por vezes, perigoso. Ainda assim, o joelho ralado das brincadeiras de pega-pega e esconde-esconde representava a liberdade de poder brincar em meio ao sossego da cidade.

Hoje, ao lembrar da época em que se divertia com as brincadeiras populares, a jornalista é tomada pelo sentimento de nostalgia, mas também reflete sobre a falta de representatividade das pessoas asiáticas, sobretudo crianças que, no início dos anos 90, não conseguiam projetar-se em artistas.

Junto às memórias de infância, cartas enviadas pelo pai na época em que morou no Japão, devido ao trabalho, na tentativa

bem-sucedida de juntar dinheiro para construir a casa da família no Brasil. Nos cartões de cumprimentos por mais um ano de vida, endereçados a Heloíse, a caligrafia de Santo dava forma ao “Feliz Aniversário”, escrito três vezes seguidas por quem não era muito bom com palavras, mas morria de amores pelas mulheres que havia deixado do outro lado do globo.

- Alô? Filha?
- Oi, pai!
- Filha?!
- Pai?! Tá cortando...



Recém-chegada em Lagoa Santa, Heloíse, com apenas cinco anos, ensaiava diálogos no telefone de casa (Arquivo pessoal: Heloíse Hamada)

Muitas vezes, esse era o diálogo possível entre pai e filha, devido ao delay das ligações internacionais feitas por meio da extinta Central da Telesp (Telecomunicações de São Paulo), localizada no centro da fervorosa Prudente. Nos períodos em que Santo estava ausente, o abraço da mãe era o local mais seguro

que as filhas encontravam, reforçando a ligação iniciada dentro do ventre. A personalidade amorosa e simpática de Teresa, por vezes, também dava vazão à rigidez de uma relação solidificada nos princípios aos quais foram criados.

Em certos momentos, porém, a rigidez abria caminhos para a sensibilidade. Ao telefone, com os olhos marejados, Teresa recebia a notícia do falecimento do irmão mais velho. Ao deparar-se com a mãe sentindo a dor da perda, Helô não entendia direito o que estava acontecendo, só sabia que nunca tinha visto a mãe, tão forte, naquele estado de vulnerabilidade. Até hoje, essa cena repercute em sua memória.

Após as sucessivas perdas que marcaram a vida de dona Yoshiko, foi a vez da filha, Teresa, acolher a mãe em sua casa, situada próximo à dela, na Vila Comercial. Morar sob o mesmo teto da família trouxe o conforto que a avó precisava naquele momento. No entanto, a comunicação com as netas passava por alguns ruídos, devido às diferenças culturais, já que, assim como os pais de Santo, Yoshiko era imigrante japonesa. Apesar disso, o respeito e amor nutridos aos seus ascendentes eram maiores do que qualquer dificuldade de comunicação. Na casa construída próxima à emissora de TV em que trabalha hoje, Heloise viveu o restante da infância até iniciar a fase de transição para a adolescência.

– *Nossa, o carro do seu pai é velho!*

– *Que estranho, ninguém nunca falou do carro do meu pai* – pensava.

Caminhando pelos corredores da escola instalada na Rua Quinze de Novembro, número 1.146, Heloise matutava sobre o que havia acabado de ouvir. A realidade que encontrou ao mudar-se para uma escola particular, não era a mesma que vivenciou na

Escola Municipal João Sebastião Lisboa, onde estudou até a 4ª série, comendo a merenda fornecida pela instituição, brincando com alunos de vários cantos da cidade e aprendendo a base das disciplinas com duas professoras.

De repente, a preocupação com coisas, até então, sem importância, consumia o imaginário da pré-adolescente que tentava adaptar-se às mudanças externas e internas que a floravam à sua percepção. Miyuki, como era chamada até a 4ª série pelos amigos e pela família, sobretudo os avós, que pronunciavam o nome japonês mais facilmente, passou a identificar-se como Heloise Hamada; nome que assina até hoje.

Aos 14 anos, os óculos foram substituídos pelas lentes de contato. Os cabelos pretos ganharam um novo corte. Pouco a pouco, tudo ia se encaixando e a adolescente pôde experimentar o combo de dor e prazer que é viver uma das fases mais ricas da vida, sem manual de instruções. Cercada por amizades que mantém há mais de 20 anos, ela enfrentou esse processo com mais tranquilidade, embora algumas projeções não fossem agradáveis aos ouvidos do grupo ao qual pertencia, formado, praticamente, por descendentes de japoneses.

– *Olha lá! A seleção de pingue-pongue!*

Para além da afinidade entre as amigas, o que as unia transpassava qualquer tentativa de explicação simplista sobre a amizade alicerçada ainda na 7ª série. Pertencer a um grupo era sinônimo de identificação, especialmente no período transitório em que estavam. As amigas enxergavam-se umas nas outras, emergindo um sentimento familiar e acolhedor. No entanto, certas suposições nutridas a elas não passavam de meras... suposições.

– *Alguém conseguiu fazer o exercício B de matemática?*

– *Certeza que a Helô fez. Ela entende.*

– *Pior que não. Também não consegui!*

– *Ué, mas você não é do grupo das que são nerds?*

Na visão de alguns alunos e professores, era inconcebível a ideia de um descendente asiático não dominar as matérias de Exatas, ainda mais quando essa descendência contemplava a sobrinha do professor de Química, Júlio Hamada, o Julinho.

Enquanto bolsista, Heloise tinha de manter as notas elevadas, mas isso nunca a preocupou muito, já que sempre gostou e levou jeito para o estudos, principalmente nas disciplinas de História, Geografia, Língua Portuguesa e a própria Matemática. Contudo, ao ingressar na 8ª série, a adolescente viu-se perdida em meio a tantos números, bloqueando seu raciocínio para a matéria.

A partir dali, a aluna começava a delinear a área que gostaria de seguir para a vida. Vontade reafirmada durante uma visita à UEL (Universidade Estadual de Londrina), para conhecer os cursos, ocasião em que uma pequena parte da turma, incluindo ela e as amigas, preferiu visitar os cursos de Humanas aos de Exatas e Biológicas, em uma experiência marcante não só para ela, mas ao restante dos alunos que, juntos, não contabilizavam dez.

Embalada pelo amor ao Leonardo DiCaprio e aos Backstreet Boys, às reprises do filme Titanic e à pouca afinidade com as aulas de Educação Física, Heloise viveu uma adolescência marcada pelo bom relacionamento com os colegas, pela construção de laços infindáveis com as amigas e pela projeção de futuro que, sutilmente, já se apresentava a ela, conduzindo seu caminho ao jornalismo.

Para a criança de 20 anos atrás, que não conseguia se enxergar em artistas, estar sob a mira das lentes da câmera, em reportagens televisivas, significa muito, não só para ela, que sabe da importância social de seu trabalho, mas para todos que, de

alguma forma, se sentem representados com sua presença na TV.

O nervosismo ao entrar no ar pela primeira vez, em 2017, ainda pode ser sentido pela jornalista, mesmo após as sucessivas recusas para atuar frente às câmeras. O desafio de ocupar o posto em que só ela poderia estar foi aceito e, hoje, é motivo de orgulho para a adolescente tímida e a graduanda que fugia dos holofotes nas aulas de Telejornalismo.

ENQUANTO ISSO, NOS BASTIDORES...

– Você é magra? Eu jurava que você era gorda! Mas, nossa, olha como você é magrinha...

– É, pois é.

Com um sorriso sem graça, Heloise teve de driblar essa e muitas outras situações envolvendo comentários sobre a sua aparência. Acontece que, nem sempre, o foco de quem assiste televisão está na notícia e isso foi percebido de forma dura pela recém-chegada à reportagem da TV Fronteira, afiliada da Rede Globo, em 2017.

Após seis anos trabalhando fora do alcance das câmeras, Heloise deu-se a chance de encarar um novo desafio como repórter televisiva. A maneira como as pessoas associavam sua imagem à qualidade de seu trabalho, no entanto, a assustou. Em certas ocasiões, era pega de surpresa por comentários sobre sua aparência, roupa, cabelo e até desempenho no trabalho; muitos deles, vindos de telespectadores.

– Ô, eu assisto seu trabalho, gosto muito!

– Ah, obrigada!

– Nossa, mas no início você era bem ruim. Agora, você tá boa!

– Obrigada... – respondeu, um pouco sem graça.

Por vezes, os comentários inocentes de quem cruzava na

rua, durante a gravação de reportagens, atingiam-na em cheio. Maior que o coração acelerado, o nó na garganta e o calor que consumia seu corpo ao ouvir as frases, era a necessidade de entregar um trabalho bem-feito, sem dar margem para qualquer tipo de lamentação decorrente desses eventos. Contudo, nem sempre é fácil.

A inexperiência da jovem repórter, em certos momentos, fazia com que desse maior atenção à aparência para compensar possíveis falhas durante as entradas ao vivo. As passagens gravadas em meio ao vento, ajeitando os fios dos cabelos pretos, cortados de maneira a parecer mais elegantes no vídeo, deixavam a jornalista angustiada.

Com a experiência de meses na emissora, descobriu que prender as madeixas resolveria parte de seu problema com as instabilidades temporais, refletindo na maior agilidade de seu trabalho. Ainda assim, parecia não ser o bastante.

– *Nossa, seu cabelo tá ficando branco, né...*

– *Sério?! Nem percebi.*

– *Tem que pintar logo esse cabelo! Seu cabelo tá horrível desse jeito...*

O aparecimento dos primeiros fios brancos pouco incomodavam a jornalista, alvo de observações nada sutis sobre seu cabelo, disparadas por pessoas que dividiam a fervorosa rotina de trabalho com ela numa redação com todas as cadeiras ocupadas, telefones tocando, reuniões acontecendo e conversas ecoando pelos quatro cantos da sala.

A realidade que encontrou na redação era um pouco diferente da que pintava o cenário fora dela, enquanto repórter do site de notícias iFronteira. Longe da mira das câmeras, ela sentia-se mais segura para realizar seu trabalho, sem que a imagem fosse um dos fatores avaliativos de seu desempenho profissional.

No entanto, a recém-formada, por vezes, era vítima de olhares

duvidosos acerca de sua capacidade não só como jornalista, mas como mulher. Frequentemente, ao tentar estacionar o carro da empresa, o qual não estava acostumada a dirigir, era observada pelos olhos das pessoas que ali passavam e testemunhavam sua tentativa cuidadosa de colocá-lo na vaga sem qualquer arranhão na lataria.

Com as mãos firmes no volante e a atenção voltada ao que estava fazendo, não conseguia entender o motivo pelo qual as pessoas davam tanta importância para sua baliza. Preferia não conseguir estacionar que correr o risco de bater um carro que nem era dela. Por que os outros não viam isso também?

Na direção do mesmo carro que a transportava pelas ruas de Presidente Prudente, ela estacionou em frente à casa de um entrevistado, onde tinha marcado de tirar algumas fotos que, mais tarde, ganhariam a *homepage* do site, ilustrando sua matéria.

Com a câmera na mão, desceu e foi recebida pelo homem, dando início a um bate-papo tranquilo e rotineiro. Àquela altura, já havia perdido a conta das vezes em que protagonizava diálogos como aquele, quase de forma automática. No entanto, ao finalizar as fotos, foi surpreendida pela mudança do tom de voz do entrevistado, que a convidava para permanecer no local.

– *Não, fica aqui... Vamos abrir um vinho...*

– *Não, imagina, não posso. Estou trabalhando.*

– *Ah, vamos...*

– *Não. Não posso! Tenho que ir embora.*

O desfecho daquela tarde não havia sido o mesmo. No caminho de volta para a redação do iFronteira, ela processava toda a situação: um homem, casado, seu entrevistado, chamou-a para tomar um vinho, no meio do expediente. Não podia ser real. Em qual momento teria dado a impressão de que gostaria de “esticar a

entrevista”? O que aconteceria se ela, por educação à pessoa que a recebeu em casa, permanecesse ali? Em meio aos pensamentos agitados, decidiu que evitaria ir à casa dos entrevistados sozinha novamente. E assim foi.

Apesar das chateações, ao adentrar a redação amistosa do iFronteira, seu semblante era transformado. Ainda que fossem um grupo reduzido de jornalistas, lidando com limitações estruturais, sentia-se realizada com a profissão que escolheu para a vida. Compartilhando o mesmo espaço com os profissionais da TV Fronteira, antes da implantação do G1, site oficial de notícias do Grupo Globo, ela sentiu na pele a frenesi de uma redação, não imaginando que, tempos mais tarde, voltaria àquele mesmo lugar, porém, enquanto repórter de TV.



Unindo tradição ao jornalismo, Heloise fez a cobertura do Centenário do Shokonsai, em 2020, no Cemitério Japonês machadense (Arquivo pessoal: Heloise Hamada)

Somando pouco mais de dez anos de Grupo Globo, entre iFronteira, G1 e TV Fronteira, hoje, a jornalista sente-se segura em frente às câmeras, de tal modo que não se importa se as unhas não estiverem com esmalte, por exemplo. Na rua, com os pés dentro do mesmo tênis confortável, mantém olhos e ouvidos atentos em busca da notícia e está sempre pronta para o que surgir, faça chuva ou faça sol. Heloise, que nunca foi vaidosa, aprendeu algo libertador: nada, nunca, estará à frente da notícia.

Confiança alicerçada na experiência e na consciência de seu espaço na sociedade, enquanto mulher e jornalista. Naturalmente, nem sempre foi assim. No início, a preocupação em atender às expectativas era maior do que tudo.

A memória da ocasião em que foi fazer a cobertura do Encontro do Dia da Água, em 2012, para o iFronteira, ainda causa arrepios e, na mesma proporção, orgulho: no meio da coletiva de imprensa, ela entendeu que o jornalismo não precisava ser óbvio.

– *Olha, você não pode ir lá no evento e falar que “hoje teve o Dia da Água”. Não pode puxar por isso, né. Você tem que ir lá, ouvir o que as pessoas estão falando, para tirar alguma notícia.* – instruiu o coordenador Thiago Ferri.

– *Poxa vida... vamos lá, né.* – Heloise encorajava-se.

No caminho para a coletiva, a cabeça da jovem perdia-se em pensamentos. E se, por distração, não ouvisse alguma informação importante? E se estivesse fazendo outra coisa? A preocupação cessou no momento em que um dos líderes da ação retomou o fato de que Prudente já sofria com crise hídrica, não havendo rio para abastecimento da água. Era o gancho que precisava para desenrolar a matéria. Na redação, com o texto finalizado, o orgulho pelo trabalho a consumia e, aos poucos, ela explorava o fascinante universo do jornalismo.

A cobertura do primeiro acidente; as idas junto à parceira Gabriela Correia a casas abandonadas e córregos poluídos da cidade para transformá-los em notícia; a primeira vez que viu um corpo; a busca por informações de um cavalo negligenciado, em seu dia de folga; a tentativa de humanizar a notícia de uma família em condições miseráveis... tudo isso a preparou não só para o mercado de trabalho, mas para a vida.

Voltando à redação da TV, agora, como repórter, sentia seu corpo pulsar de nervoso. As primeiras experiências em frente às câmeras não foram muito fáceis, mas ela havia topado o desafio e iria até o fim. Junto a isso, a dificuldade em lidar com o julgamento das pessoas sobre sua aparência apresentava-se como um obstáculo difícil de driblar.

Progressivamente, percebia que trabalhar com a imagem não era tão simples. Além do autojulgamento, ser alvo de suposições infundadas de quem só a conhecia pela tela de vidro da televisão gerava preocupação. De repente, a personalidade da mulher por trás das matérias que estampavam os sites de notícias era resumida em seu corte de cabelo, a roupa que vestia e a maquiagem que usava.

Constantemente questionava-se sobre a real qualidade de seu trabalho. Será que as pessoas gostavam dele ou só gostavam do fato de ela aparecer na TV?

Por vezes, inclusive, as mesmas pessoas sentiam-se a liberdade de destilar comentários desagradáveis sobre a jornalista. O formato de suas bochechas, frequentemente, eram citados por aqueles que nutriam expectativas diferentes às encontradas na realidade. A expressão sem graça da repórter denunciava o incômodo ao ouvir as palavras indelicadas dissipadas pelas pessoas que a assistiam.

Os assobios e as cantadas ouvidas durante as gravações

externas endossavam o sentimento de indignação da repórter, que não compactuava com a ideia das pessoas, sobretudo homens, sentirem-se no direito de constrangê-la quando só o que queria era realizar o seu trabalho.

– *Nossa, você é muito gata, ein!* – um homem, que passava na rua, dizia.

– *Ô, respeita a menina!* – rebatia o cinegrafista, prontamente.

– *Ah, deixa ele ir, é só mais um...* – a jornalista desabafava.

Certos dias, Heloíse era vencida pelo cansaço. Mesmo sentindo seu corpo quente tomado pela raiva, respirava e centrava-se no que estava fazendo, afinal, responder à altura poderia gerar desdobramentos mais graves, algo que ela não precisava. A indignação dos cinegrafistas, testemunhas dessas situações, que partiam em defesa da colega de profissão, representava uma pequena parcela de repulsa diante do que sentia ao ouvir cada comentário.

Enquanto mulher e jornalista, percebeu que muitos dos autojulgamentos que fazia sobre sua aparência decorriam da imagem equivocada que as pessoas construíram em torno dela, sem pedir licença. Refletindo sobre sua trajetória, ela acredita que existem inúmeras maneiras de se relacionar com as pessoas, sem ser invasiva. As palavras podem machucar, mas também têm o poder de curar, a escolha é simples.

Um, dois, três. Esse foi o número de convites até Heloíse aceitar ser repórter televisiva, em 2017. O primeiro, havia sido feito, de forma informal, ainda em seu primeiro ano de casa, em 2015. A escolha, embora desafiadora, significava o início de uma viagem em um território ainda inexplorado por ela, mas que guardava muitas surpresas. A primeira delas foi justamente o

fato de ela aparecer para os cidadãos das 56 cidades alcançadas pela TV Fronteira, no Oeste Paulista. No entanto, sua presença nas telinhas significava mais do que isso: pela primeira vez, ela ocupava o lugar onde nunca havia se sentido representada.

Junto à representação adquirida, piadas desagradáveis que colocavam em evidência os estereótipos acerca do povo do qual descende. Para a jornalista, ouvir que japoneses, coreanos e chineses eram “todos iguais”, soava como uma rotulação barata, resultado da necessidade em separar as pessoas em grupos, sem o menor interesse em conhecê-las primeiro.

Antes mesmo de se reconhecer enquanto indivíduo, pessoas desconhecidas sempre recorriam a ela como “japonesa” e, com a entrada na TV, virou a “japonesinha da TV Fronteira”. A facilidade com que se referem a ela com esse apelido, no entanto, a deixa desconfortável.

Lidando com a exposição repentina, além de atender às expectativas no âmbito profissional, tinha de corresponder, ainda, à imagem idealizada construída sobre ela. Em dias em que a redação estava um caos, o palavrão, solto aos quatro ventos pela boca da jornalista, deixava as pessoas chocadas. Pode uma mulher como ela falar tamanha indelicadeza? Afinal, os ascendentes de Heloise são conhecidos por serem extremamente educados. O que havia de errado ali?

– *Pessoal, temos um problema. Aquele senhor, possível entrevistado, não quer falar com a gente* – uma pessoa dizia.

– *É aquele japonês?* – outra respondia.

– *Sim.*

– *Ah, manda a Helô. Ele, com certeza, vai querer falar com ela. Ela é japonesa também, ele vai se comover por isso.* – supunha.

Mesmo sabendo que, para sempre, ouvirá comentários nesse

sentido, ela segue explicando que, assim como a maioria dos brasileiros, só sabe contar até dez em japonês. E que não é rica, mesmo quase não havendo sem-tetos japoneses, segundo eles. E que também não come sushi o tempo inteiro. E que não sabe calcular tudo de cabeça. E que, assim como a maioria das pessoas, fala palavrão quando está estressada.

ESCOLHAS

Na esquina entre as ruas Desbravador Ceará e Júlio Prestes, na Vila Estádio, em Presidente Prudente, as noites eram embaladas pelos inúmeros pedidos na lanchonete Pingo no I. Comandado por Santo e Teresa, o trailer ficava sob uma cobertura de metal e as mesas, localizadas à frente, eram completamente tomadas aos finais de semana, quando o local costumava encerrar os trabalhos quase às cinco da manhã. Após ficar um longo período fora do mercado de trabalho, a fim de dedicar-se somente às filhas, Teresa decidiu voltar à labuta. Convidada por uma parente distante de seu marido, ocupou o cargo de gerente na lanchonete comprada pela família após Santo voltar de uma de suas estadas no Japão.

Caminhando entre as mesas com bloquinho e caneta na mão, Heloíse e Marcela anotavam os pedidos e levavam até os clientes os mais diversos sabores de lanches e o carro-chefe da casa: os molhos verde e de alho. As irmãs não recebiam um salário fixo, mas sempre eram recompensadas com valores em dinheiro. Ao fim do expediente, Santo ia até o caixa, somava o rendimento do dia e, de acordo com o número de lanches vendidos, entregava às filhas o que tinham conseguido naquela noite. Isso fez com que Heloíse, aos 14 anos, adquirisse um senso de responsabilidade, o qual muitos da sua idade ainda não tinham. Dentro do trailer, enquanto aguardava a chegada dos clientes, Heloíse matutava. Quantos lanches deveria vender naquela noite para ganhar 10,

ou até mesmo, 50 reais? O valor de seu trabalho já fazia sentido.

Todos os dias às seis horas da tarde, Santo, Teresa e as filhas já estavam no trailer para começar mais uma jornada que só terminaria por volta da meia noite, exceto aos finais de semana. Por conta do horário de funcionamento da lanchonete, os passeios e férias em família eram momentos raros para os Hamada. Os programas entre amigos de Heloise também. Em pleno ardor da adolescência, por muitas vezes ela rejeitou convites de aniversários, casamentos e afins para poder ajudar os pais nos trabalhos com o trailer. Porém, quando se tratava de algum evento que queria muito ir, era para Marcela que a irmã recorria para tentar negociar uma folga. Na escola, observava as amigas que podiam ir livremente a todos os passeios que quisessem, sem precisar barganhar um dia de trabalho com a irmã ou com o pai.

Todavia, mesmo com a rotina rígida da lanchonete, nem tudo em sua vida era rodeado somente por obrigações. Seus desejos adolescentes também se sobressaiam em meio à maturidade e às responsabilidades adquiridas. Na companhia de uma das suas melhores amigas, Luciana Sato, Heloise passava horas e horas conversando ao som dos Backstreet Boys, seu grupo musical favorito.

– *Você soube que os Backstreet Boys virão pro Brasil?* – disse Heloise para a Luciana.

– *Sim!*

– *Eu quero muito ir. Vamos?* – propôs.

– *Vamos! Vamos dar um jeito* – respondeu a amiga.

Com 15 anos, Heloise nutria uma verdadeira paixão pelos meninos do sucesso *I Want It That Way*. Ao final dos anos 90 e início dos anos 2000, o grupo vocal era um dos mais aclamados da música pop entre o público jovem da época.

– *Você não vai sozinha com a sua amiga, você tá doida?* – disse Teresa.

– *Mas a mãe dela vai levar a gente* – argumentou a jovem.

Com um cheque em mãos e o aval de Teresa, Heloise foi junto com Luciana e a mãe dela para reservar um lugar na excursão que estava sendo organizada para levar os fãs até o show que havia sido programado para o mês de maio, em São Paulo. Até que pouco tempo antes da data marcada, recebeu uma ligação em casa.

– *Alô, é a Heloise?* – disseram do outro lado da linha.

– *É sim.*

– *Então, aqui é da Vencestur. Tô te ligando pra você vir buscar o cheque, pois cancelaram a excursão. A gente não conseguiu completar a quantidade de pessoas no ônibus...* – enquanto ouvia essas palavras, Heloise começava a choramingar ao telefone.

– *Tá bom* – disse com a voz embargada. Ao entrar na sala e ver a filha aos prantos, Teresa perguntou:

– *Que foi? Quem morreu?*

Mesmo em meio às lágrimas doloridas de um sonho não realizado, a jovem conseguiu contar à mãe o que havia ocorrido. Teresa ainda ligou para a mãe de Luciana, que tentou remediar a situação propondo levar as meninas, mas lembrou-se de que não saberia se locomover em São Paulo, já que não conhecia a cidade. Até que Heloise se lembrou de que viveu na Terra da Garoa em seus primeiros meses de vida e imaginou como seria se ainda estivesse lá. Poderia armar uma barraca na fila e esperar horas e horas em troca de ver os ídolos? Poderia levantar placas em meio à multidão, enquanto cantava com uma faixa amarrada no cabelo com o nome do grupo escrito em *glitter*? Tudo seria possível, se não estivesse a 560 quilômetros de distância.

Com o passar do tempo, suas escolhas e gostos foram se

modificando, moldando a nova Heloíse que logo adentraria a maioridade. Após o episódio dos Backstreet Boys, no decorrer dos anos foi conseguindo superar a situação, mas o desejo de sentir a emoção de estar em um show de uma banda favorita ainda pulsava em seu peito. Tendo migrado para o rock, aos 17 anos, passou a gostar de uma banda australiana chamada Silverchair, cuja canção Miss You Love embalava o casal Nanda e Gui na novela juvenil Malhação, em 2001.

– *E aí, Helô? Vai ter show, vamos?* – propunha um dos colegas.

– *Não, a minha mãe não vai deixar eu ir* – respondeu.

A apresentação, que seria realizada no antigo Credicard Hall, em São Paulo, estava prevista para ocorrer em maio, cerca de um mês antes de Heloíse completar os tão sonhados 18 anos. Levando em consideração esse fator, a jovem já pensava desanimada no pedido que faria à mãe, pois sabia que ela não permitiria que fosse sozinha a um lugar tão longe, afinal, ela ainda era menor de idade. No entanto, depois de vários pedidos insistentes a Teresa, ela cedeu mediante a uma condição.

– *Ó, mas você vai ter que vender seu pacote de carnaval. É uma coisa ou outra. A gente não tá nadando em dinheiro* – alertou Teresa.

Mais uma vez, a responsabilidade adquirida anos antes batia à porta. Heloíse havia comprado por 120 reais um pacote de quatro dias para o tradicional carnaval realizado anualmente na Apea, famoso clube prudentino. Como os convites eram oriundos de seu dinheiro suado do trabalho na lanchonete dos pais, teria que decidir entre os dois eventos.

– *Ah, tá bom. A gente abre mão de uma coisa para realizar um sonho* – pensava enquanto vendia os ingressos para uma das amigas.



Aos 17 anos, Heloise vestia a camiseta estampada com o rosto de Daniel Johns, vocalista de sua banda favorita da época: Silverchair (Arquivo pessoal: Heloise Hamada)

E lá foi Heloise. Em uma van locada pelos amigos, saiu em busca da realização de um sonho que tempos antes havia sido ceifado. Em meio à alegria do momento, ela entendeu que aquela experiência só pôde ser proporcionada graças às escolhas pautadas na responsabilidade que havia adquirido desde tão menina. Isso também contribuiu para tamanha confiança que Teresa e Santo depositavam na filha.

– *Olha, a gente confia em vocês até o momento que vocês quebrem essa confiança* – alertava o pai às filhas.

Com isso, diferente de outros jovens que costumavam sair às oito da noite, com o passar da idade, Heloise e Marcela saíam somente após a meia-noite, horário em que geralmente o expediente terminava no trailer. Por isso, eram várias as vezes

em que a jovem retornava para a casa altas horas da madrugada após ir em alguns shows ou reuniões de amigos. Confiantes dos ensinamentos que haviam passado às meninas, Santo e Teresa acreditavam firmemente na integridade das filhas, por isso, à medida que iam crescendo, mantinham uma relação mais aberta quanto aos passeios e horários. No entanto, algo sempre fora deixado bem claro para as filhas.

– *A gente não vai conseguir deixar herança ou bens materiais para vocês, mas a única coisa que podemos deixar é a educação* – avisavam para as jovens.

Pelas ruas estreitas da pacata cidade de Lagoa Santa, no interior de Minas Gerais, Teresa caminhava de volta para a casa. Heloise, beirando seu primeiro ano de idade, e Marcela, no início da vida escolar, estavam sob os cuidados de uma moça, que era paga pela mãe enquanto estivesse fora. Com a cabeça ainda pulsando com os problemas que havia ido resolver fora de casa, andava em direção à porta enquanto procurava pela chave na bolsa. Ao girar a maçaneta e adentrar no imóvel, Teresa se assustou ao avistar Heloise. Sentada no tapete da sala, a bebê se divertia com uma revista no colo, cujas folhas pouco a pouco eram rasgadas por suas mãozinhas gordas, colocadas na boca e saboreadas como um delicioso banquete. Inconscientemente, Heloise estava tendo seu primeiro contato com o jornalismo.

Antes de se mudar para Lagoa Santa, Teresa já havia abdicado de sua carreira profissional para se dedicar integralmente às filhas. No entanto, como ela e o marido não possuíam um núcleo familiar de apoio na cidade mineira, resolveram contratar uma moça para ajudá-los. Em vão. Quando viu Heloise naquela cena, Teresa percebeu que sua decisão de deixar o trabalho no banco

havia sido a mais correta e, sobretudo depois daquela ocasião, teve a convicção de que não deveria confiar as filhas a mais ninguém, nem que fosse por algumas horas.

O gesto instintivo de quando Heloíse ainda era apenas um bebê, de alguma forma permaneceu no subconsciente dela. Assim como na lenda oriental, *Akai Ito*, que diz que quando uma pessoa é destinada a outra, ambas são ligadas desde o nascimento por um fio vermelho invisível a olho nu, o jornalismo era com Heloíse. Mesmo uma das partes não sendo outra pessoa, o ofício e a jovem eram ligados por algo invisível, que assim como na lenda, ao longo da vida se embaraçava, emaranhava e se alargava, mas nunca se quebrava, já que um dia esse elo faria com que ambos se encontrassem.

Em sua adolescência, ainda folheava as revistas e jornais que eram assinados assiduamente por Teresa. Preocupada com a educação e o fomento do conhecimento dentro a família, a mãe fazia questão de ter sempre os periódicos em casa. Certo dia, enquanto via uma das edições da revista *Época*, a jovem se deparou com uma reportagem que lhe chamou muita atenção pela forma como foi escrita. Admirando as palavras e a maneira como as frases e a narrativa iam sendo moldadas, a menina se encantava com o texto de Eliane Brum, quem anos depois seria uma de suas jornalistas favoritas.

Ao contrário da esposa, Santo gostava de se dedicar aos jornais televisivos. No sofá da sala, Heloíse e o pai assistiam juntos aos programas jornalísticos e esportivos preferidos dele. Desfrutando de sua aposentadoria, atualmente essa ainda continua sendo a atividade predileta do pai, que, devido ao maior tempo livre, tornou-se um espectador fiel de toda programação telejornalística diária. Sutilmente, o fio invisível que a ligava ao jornalismo se encurtava cada vez mais.

Nos últimos meses do 3º ano do Ensino Médio, Heloíse observava vários colegas que, embora tão novos, já estavam convictos sobre os cursos que gostariam de fazer. Enquanto isso, em seu interior, nutria um emaranhado de dúvidas e desejos. Mesmo com a comunicação estando ali, impregnada em seus pensamentos, sua indecisão pairava sobre a dúvida de qual segmento optar. Faria Relações Públicas, Publicidade ou Jornalismo? Na cabeça confusa da jovem de apenas 17 anos, até mesmo a Música foi cogitada, afinal, com tão pouca idade era difícil decidir com clareza o que faria para o resto de sua vida. Enfim, depois de vários vestibulares prestados e vendo a indecisão no olhar da filha, Teresa resolveu conversar com ela.

– *Acho melhor você parar por um tempo e descansar. Você não vai fazer nem cursinho. Quero que você reflita sobre a sua vida e, por isso, eu vou te dar esse tempo* – dizia a mãe a Heloíse, propondo uma reflexão sobre seus desejos.

Diante da recomendação da mãe, a jovem dedicou um ano de sua vida para pensar sobre o que realmente gostaria de fazer. O tempo dado a ela também culminou com o término da faculdade da irmã, pois, mesmo os pais sendo donos da própria lanchonete, o dinheiro que era obtido no trailer ainda não era o suficiente para bancar o curso das duas filhas. Ao final da formação da Marcela e da pausa concedida pelos pais, a escolha chegou: faria Publicidade e Propaganda na Universidade do Oeste Paulista (Unoeste). Diante disso, seu elo se afrouxava, mas o destino ainda lhe reservava algumas surpresas.

Na sala repleta de alunos na turma do chamado tronco comum, que unia Jornalismo e Publicidade, entre os anos de 2005 e 2006, na Faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente (Facopp), aos poucos ela ia se ambientando aos colegas e disciplinas. No entanto, a maioria das amizades que ia estabelecendo ao longo

dos primeiros meses era justamente com estudantes do curso que não havia escolhido: o Jornalismo. Por isso, em tão pouco tempo de vida acadêmica, algumas situações iam fazendo com que o fio que a ligava à profissão se encurtasse cada vez mais, como se diariamente a puxasse para o seu verdadeiro destino.

Quando suas aulas terminavam mais cedo e ela precisava dar carona para algumas amigas, era aprendendo conteúdos jornalísticos na sala delas que ela encerrava a noite, enquanto as aguardava para ir embora. Nas aulas de fotografia do professor Paulo Miguel, Heloise, embora não fosse da turma, fazia de tudo para participar das práticas fotográficas que o docente ministrava em uma olaria em Indiana, cidade a cerca de 20 quilômetros de Presidente Prudente. A jovem muitas vezes preferia matar as aulas da Publicidade para se juntar aos amigos jornalistas e, em meio às cerâmicas e à argila, Heloise descobria também sua paixão pelas cores, cliques e enquadramentos da fotografia.

Ainda se firmando na área publicitária, Heloise conseguiu seu primeiro estágio no setor de Marketing do Departamento de Comunicação da Unoeste, porém, entre um trabalho e outro, era para o jornalismo que a jovem diariamente migrava. Sempre muito apreciada pela coordenadora do setor, Leodete Gazoni, acabava sendo incentivada a permanecer na maior parte do tempo nas atividades da Assessoria de Imprensa.

– *Começa a fazer Jornalismo que eu te contrato* – recomendava Leodete para Heloise.

Lendo e escaneando os jornais diariamente para produzir o *clipping*, a jovem observava as outras estagiárias que já estavam no setor. Por que Leodete não optava por elas, que já estavam no curso? Sentindo-se envergonhada diante das colegas por conta das ofertas da chefe, ela não compreendia o favoritismo que ali se apresentava.

Contudo, nem todas as investidas do destino fizeram com que Heloise mudasse de ideia quanto ao curso. Ao fim dos dois primeiros anos de tronco comum, ainda teve mais uma chance de escolher para qual lado iria, mas sua primeira opção falou mais forte. Nem mesmo as tentativas de persuasão de professores e amigos fizeram-na mudar de decisão.

– *Eu não vou escolher pelas amizades, vou escolher porque eu quero fazer Publicidade* – pensava consigo.

Feita a escolha, ao encontrar os professores pelos corredores, ouvia:

– *Você é a maior decepção da minha vida! Você escolheu Publicidade! Como você escolheu Publicidade?* – questionava Roberto Mancuzo, um dos docentes do Jornalismo.

– *Ah, mas eu queria Publicidade* – respondia sem graça.

Ao comentar da situação com outra professora, ela ouvia:

– *Imagina que você ia escolher Jornalismo! Você é cem por cento Publicidade!* – exclamava Marcela Marino, uma das docentes da graduação.

Apesar disso, findado os quatro anos do curso, Teresa olhava a filha e sentia que algo ainda não estava completo. Sabendo de todas as experiências que Heloise havia tido com o Jornalismo, mesmo que indiretamente, a mãe acreditava que ela deveria ainda prosseguir na carreira e, por isso, insistia para que ela ainda fizesse o curso.

– *Ah, mas por que você não faz Jornalismo? São só mais dois anos...*
– recomendava Teresa.

Depois de tanto ouvir os conselhos da mãe, Heloise também começou a refletir sobre as tantas vezes que deu prioridade às atividades jornalísticas na faculdade. Sobretudo, também

começou a relembrar as tantas vezes que o ofício esteve presente em sua vida. Ali, vagando em seus pensamentos e reconsiderando algumas de suas escolhas, finalmente o fio do destino havia juntado ambos por completo.

— Ah mãe, tá bom então. Acho que eu vou fazer, já que é uma coisa que eu também gosto.



Heloise foi editora-chefe em uma das aulas práticas de Telejornalismo, ministradas pela professora Thaisa Bacco, na Facopp (Arquivo pessoal: Heloise Hamada)

Depois de ter colado grau com a turma de Publicidade e Propaganda numa quinta-feira de fevereiro de 2009, participado do jantar de formatura na sexta e do baile no sábado, lá estava Heloise na segunda, oficialmente, em sua primeira aula como aluna do Jornalismo. A bebezinha que havia comido revistas, agora estava crescida e fazia o curso justamente com o sonho de trabalhar no periódico. Influenciada pelas revistas assinadas

na juventude pela mãe e apaixonada desde a adolescência pela literatura, Heloíse viu uma paixão se aflorar pelos textos, assim como fora na fotografia. Adversários diários dos jornalistas, os títulos para jovem eram feitos num piscar de olhos. Por estar acostumada com esse tipo de atividade na Publicidade, não via dificuldades em fazer mais de cinco títulos de sugestão ao entregar uma matéria jornalística.

Uma de suas lembranças com a atividade jornalística na faculdade foi a conquista de seu primeiro furo de reportagem. Em uma conversa despreziosa com Toshio Koketsu, presidente do Hansorô, um grupo de jovens que apoiam as associações na preservação da cultura japonesa, descobriu que um documentário, produzido na faculdade sobre o centenário da imigração japonesa, havia sido exibido em uma universidade do Japão como forma de saberem como os brasileiros preservavam a cultura nipônica. Com essa informação, Heloíse chegou à sala de aula toda animada para propor o que seria uma das matérias a serem feitas para o jornal que estavam produzindo. Dada a oportunidade, a experiência atuou como um divisor de águas na vida acadêmica da jovem, que enxergou na ocasião a chance de produzir sozinha sua primeira capa de jornal, bem como sua primeira grande matéria, fruto de um furo jornalístico próprio.

Reconhecendo sua habilidade com as palavras e incentivada por sua passagem no Departamento de Comunicação da Unoeste ainda como publicitária em formação, ao fim do curso resolveu que faria seu estágio obrigatório na Assessoria de Imprensa da faculdade, sob a supervisão do professor Roberto Mancuzo. Com o pouco da experiência que tinha adquirido com Leodete, começou a redigir releases sobre os mais diversos assuntos que envolviam a Facopp.

Porém, mesmo estando apaixonada por tudo que aprendia

no Jornalismo, ele próprio um dia quase a fez desistir. Cansada da rotina exaustiva de uma segunda graduação e beirando o término do curso, Heloise começou a passar por um período difícil e estressante. Durante uma viagem que fez para São Paulo para participar da Semana Estado de Jornalismo, promovida pelo jornal Estado de S. Paulo, a jovem não se sentia motivada para participar das palestras e muito menos escrever os textos diários sobre o evento para o estágio na assessoria.

Diante da exaustão, na metade do 7º semestre do curso, Heloise resolveu fazer uma excursão para o Japão, ficando 10 dias fora. Enquanto isso, sua turma estava produzindo uma revista digital com a professora Giselle Tomé. Ao retornar da viagem, em meio aos presentes e lembrancinhas que entregava aos colegas, foi chamada pela docente.

– Ó, você tá com a matéria de capa, viu?

– Mas por que eu tô com a matéria de capa? Eu tava viajando – respondeu sem entender o pedido.

– Então, é isso mesmo. Você vai escrever sobre a sua viagem – explicou a professora.

Dez dias em outro país, sono desregulado por conta do fuso horário e o cansaço tomando conta de seu corpo. Nem a exaustão a impediu de entregar o que a professora havia lhe pedido, visto que aquela era a chance que tinha de fazer o que sempre sonhou: uma grande reportagem em revista. Apesar de se tratar de um trabalho acadêmico, como sempre Heloise colocou todo o seu capricho em prática e, sozinha, produziu todo o texto, fotos e diagramação de sua matéria.

No entanto, nem sempre produziu tudo sozinha. Seu José Galindo, um senhor de mais de 70 anos, na maioria das vezes era seu fiel companheiro na realização de atividades. Com o sonho

de conquistar o diploma e levá-lo ao túmulo de seu pai, o idoso, de segunda a sexta-feira, saía de Regente Feijó, cidade a cerca de 17 quilômetros de Presidente Prudente, e a passos lentos subia e descia todas as rampas que davam a acesso às salas da Comunicação Social. Persistente e determinado, mesmo diante das dificuldades auditivas, da morte da esposa e de um infarto, não desistiu de seu objetivo e, ajudado por pessoas como Heloise, não só conseguiu realizar seu sonho, como também tem seu nome marcado na XX Turma de Jornalismo da Unoeste.



Seo Galindo ao lado de Heloise no baile de formatura de Jornalismo, no ano de 2011 (Arquivo pessoal: Heloise Hamada)



Posando para as fotos da faculdade, Heloise formou-se em Publicidade e Propaganda em 2008 (Arquivo pessoal: Heloise Hamada)

Após decidir fincar com firmeza os dois pés no Jornalismo, Heloise viu que era hora começar a ter experiências na área. Trabalhando com a jornalista Débora André, conseguiu sua primeira oportunidade de ser remunerada atuando com textos, fotos, edição e diagramação. Freelancer na época, Débora produzia dois jornais institucionais, como o da Faculdade de Artes, Ciências, Letras e Educação de Presidente Prudente (Faclepp), no qual eram noticiadas as atividades do decorrer do semestre de cada curso; e o Nikkei News, que abordava notícias sobre a comunidade nipo-japonesa em Presidente Prudente. Heloise auxiliava em todos os processos de produção dos dois periódicos,

além de ajudar a jornalista na realização de produtos publicitários. No entanto, no último semestre do curso, quando se viu em meio a todas as obrigações do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), resolveu abdicar da função para se dedicar integralmente aos estudos. Ao final da segunda graduação, em julho de 2011, viu o desemprego bater à sua porta.

– *Olha, Helô, a TV Fronteira vai abrir um site. Pelo o que eu sei, é o Thiago Ferri que tá envolvido nesse projeto. Fala com ele!* – avisou um conhecido da faculdade.

– *Mas gente, eu não sei fazer nada. Não tenho experiência, não vou conseguir passar na seleção* – respondia, tomada pela insegurança de quem acabara de ser lançada ao mercado de trabalho.

Heloise não era amiga de Thiago, mas o conhecia dos corredores da faculdade e, por isso, foi conversar com ele sobre seu interesse na oportunidade. Para duas vagas no site iFronteira, havia três candidatos, sendo que dentre eles estava Pedro Mathias, um de seus melhores amigos do Jornalismo. Ele já vinha de uma experiência de mais de dois anos e meio na Assessoria de Imprensa da Prefeitura de Pirapozinho, cidade a cerca de 25 quilômetros de Presidente Prudente. Outra moça, também conhecida de Heloise, disputava a vaga contando com a experiência que tinha em uma revista da cidade. Analisando o histórico dos colegas, ela não acreditava que conseguiria o cargo.

Com o calor intenso e fora de época que fazia ao final do mês de agosto de 2011, em Presidente Prudente, Heloise se preparava para sua primeira entrevista de emprego. penteando os lisos cabelos pretos, a jovem se arrumava com quase uma hora de antecedência, com medo de se atrasar para a ocasião tão importante. Como a responsabilidade sempre foi parte crucial de tudo que fazia em sua vida, a jovem não gostava de se atrasar para seus compromissos. Por isso, ainda com alguns minutos de sobra,

chegou ao prédio cinza da TV Fronteira, de esquina com a avenida 14 de Setembro, em frente ao Parque do Povo, um dos principais pontos da cidade. Passando pela portaria, avistou a porta de vidro que dava acesso à recepção e caminhou em direção ao local com o coração apreensivo.

– *Oi, boa tarde. Eu vim para a entrevista* – ao olhar ao redor, percebeu que não havia ninguém além dela aguardando.

– *Eles já estão lá na sala. Vou acompanhar você* – respondeu o recepcionista.

Enquanto subia as escadas que davam acesso à sala de reuniões da TV, ela pensava sobre o que poderia ter acontecido, afinal, checando o horário no relógio, confirmava que não estava atrasada. Ao entrar na sala, assuntos pareciam já estar sendo discutidos há horas, mas, mesmo notando o clima estranho no ar, entrou. Logo, Pedro e a outra moça que disputava a vaga com Heloise foram embora e somente ela ficou para conversar com os responsáveis pela seleção. Após o término da entrevista, seguiu para a casa com uma sensação estranha.

– *Alô, boa tarde. É a Heloise?*

– *Boa tarde. Sim, sou eu. Quem fala?*

– *Aqui é da TV Fronteira. A gente está te ligando pra dizer que você foi escolhida.*

– *Ah, que legal! Muito obrigada!*

– *Primeiro você vai começar trabalhando no site da TV Fronteira, fazendo reproduções de reportagens e transformando a linguagem de TV em uma linguagem para o site, até abrir o iFronteira.*

– *Beleza, tudo bem!*

Mesmo tendo sido escolhida, a sensação estranha da entrevista ainda lhe deixava confusa. Após um ano do ocorrido e estando na emissora, Heloise ainda remoía aquela situação em seus

pensamentos, mas um dia conseguiu descobrir o que realmente tinha acontecido.

– *Helô, você chegou uma hora atrasada!* – contava Thiago.

– *Não, Thiago. Eu não cheguei!* – retrucava Heloise, convicta de que não havia se atrasado.

– *Você chegou sim, Helô* – respondia Thiago, aos risos.

Heloise então resolveu rever os e-mails que havia trocado na época, a fim de verificar os detalhes da entrevista. Ao abrir a mensagem, não acreditou no que viu. No corpo do texto, o horário da entrevista havia sido marcado para às três horas da tarde e não às quatro, como achava que fosse. Incrédula sobre o que havia acontecido, admitia que realmente tinha se atrasado em sua primeira entrevista de emprego. Apesar disso, dada a sua capacidade, isso não foi motivo para que a empresa deixasse de confiar em sua competência e responsabilidade, valores aprendidos tão cedo e que a acompanham até hoje pela redação.

PARA ALÉM DO QUE SE VÊ

Nos típicos plantões de fim de ano, enquanto se dedicava em subir as últimas informações do dia para o portal de notícias, Heloise foi surpreendida com a informação de que havia ocorrido um acidente fatal em uma cidade vizinha à Presidente Prudente. Duas pessoas que estavam em uma moto, um homem e uma mulher, teriam sido propositalmente atropeladas por um carro, onde estaria a esposa do envolvido. Rapidamente, Heloise discou o número da polícia para tentar apurar as informações oficiais e, como de costume, recebeu uma cópia do boletim de ocorrência. No documento oficial, a mulher que estava na garupa da moto foi indicada como suposta amante do condutor e, por isso, a esposa, movida pelo ciúme, teria seguido os dois na intenção de matá-los.

Com as informações oriundas da apuração da polícia, Heloíse reproduziu-as na matéria e a publicou no portal. Horas depois, o telefone tocou.

– *Alô, eu gostaria de falar com alguém responsável pelo jornalismo*
– pediam no outro lado da linha.

– *Alô, pode falar comigo mesma* – respondeu Heloíse.

– *Então, é sobre essa matéria que foi publicada no site, em relação ao acidente. A moça que estava na garupa não era amante do rapaz não. Ela tava ali naquele momento, mas não era amante dele* – explicavam.

– *Então, mas essa informação consta no boletim de ocorrência que a polícia nos enviou* – respondia, tentando se justificar.

– *Mas não está correto* – enfatizavam no telefone.

Ao terminar a ligação, Heloíse ficou pensativa. Baseado em quê a polícia havia apurado que aquela mulher seria a amante do condutor da moto? Quem havia escrito aquilo? Seria um homem? Um homem machista? Seria uma mulher? Uma mulher machista? Todas essas questões ficavam reverberando na jornalista como um redemoinho em sua mente, afinal, se aquela informação da polícia estivesse mesmo errada, ela estaria acusando alguém que não teria mais o direito de defesa.

Momento em que a jornalista foi tomada pelos sentimentos de tristeza e indignação. Àquela altura, a informação equivocada não era um simples desvio textual que passaria despercebido, como em outras matérias menos complexas. Ela estava lidando com vidas. Na faculdade, havia aprendido a importância do cuidado e da sensibilidade ao checar informações e torná-las públicas, mesmo que fossem repassadas por fontes oficiais. Após alguns anos no mercado de trabalho, ela sabia das consequências que um fato mal apurado desencadeavam, principalmente quando

envolvia pessoas que, sequer, teriam o direito de resposta.

A jovem refletiu que, talvez, a reputação da moça envolvida no acidente não fosse relevante para as informações prestadas no site, porém, enquanto mulher, ela tinha o dever de não reproduzir o machismo por meio de seu trabalho, estrutura social essa que coloca a dignidade da mulher sempre em prova. Diante disso, Hamada prometeu a si mesma que nunca mais repetiria o mesmo equívoco, ainda que a ânsia em publicar a matéria exclusivamente fosse maior. Nada poderia ser mais importante do que a vida de uma pessoa. A vida de uma mulher.

Hoje, integrando uma equipe majoritariamente feminina, no G1, ela admite que um dos papéis da mulher nas redações é dar voz à luta e às demandas de outras mulheres na sociedade. Refletindo sobre as situações que protagonizou e viu outras colegas passarem, ao longo de dez anos de jornalismo, Heloise acredita que a diversidade, em todas as instâncias, deve estar presente nas redações, como uma pauta que nunca é derrubada ou esquecida na gaveta, pelo contrário: é quente, atual e de interesse social.

Olhando para as profissionais que convive, diariamente, na redação da TV Fronteira, medita sobre a importância das mulheres ocuparem esses espaços, não apenas para preencher cotas, mas direcionadas pela consciência dos motivos pelos quais estão ali, fomentando a empatia e sororidade umas com as outras, na tentativa de pôr fim ao machismo estrutural.

Depois de seis anos de experiência no jornalismo online, entre iFronteira e G1, quando surgiu uma vaga para a coordenação do site da emissora, seu nome não foi considerado. No entanto, a postura crítica sobre o mundo, adquirida nessa jornada, a fez entender que, talvez, fosse o melhor, considerando as habilidades que aquela oportunidade demandava. Para ela, gerir pessoas é algo que vai além do jornalismo: está ligado à sensibilidade humana

e à destreza em lidar com todos os processos que a cercam, dos bons aos maus.

Frente a isso, a compreensão de que nem todo profissional da área possui o traquejo necessário para essa prática, portanto, não se sentia injustificada pela decisão da empresa, já que a pessoa escolhida para o cargo havia sido nomeada justamente por possuir essa aptidão, que ainda julgava não ter, completamente.

Essas e outras situações serviram para moldar a jornalista que Heloíse Hamada se tornou. Acima de tudo, a fez compreender o quanto a profissão sempre esteve ligada a ela e como a vida lhe ditou caminhos que, ao contrário do que desejava no momento, sempre a faziam voltar para sua verdadeira missão.

Tendo a oportunidade de fazer matérias sobre diferentes assuntos, viveu experiências que, hoje, são guardadas com muito carinho em sua memória. Mesmo não sendo por meio das revistas, como tanto sonhou, a oportunidade de emprestar sua voz às histórias extraordinárias do cotidiano é o que a faz buscar, todos os dias, dar o seu melhor na profissão, na tentativa de transformar o seu espaço, como mulher e jornalista.

Jornalistas na história

MARGARIDA IZAR

Grande inspiradora do título deste livro, Margarida Izar nasceu em 9 de agosto de 1913, em Porangaba, no interior paulista. Em 1933, ingressou no jornalismo após ter se aventurado durante alguns anos em um curso de Farmácia em Araraquara. Sua primeira experiência na profissão foi como repórter dos Diários Associados, seguido por uma passagem de cinco anos, também como repórter da revista O Cruzeiro. No dia 15 de abril de 1937, esteve entre os 52 fundadores do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo. A única mulher entre todos os presentes, foi a primeira jornalista a se filiar ao sindicato, cujo a matrícula levou o número 012. Margarida também foi pioneira em sua atuação na profissão. Indo além de matérias que envolviam os chamados temas femininos de “cama e mesa”, a jornalista foi considerada a primeira repórter de assuntos gerais da cidade de São Paulo. Conquistou o concurso “Mulher na Reportagem”, organizado em 1959 pelo Departamento Feminino do Sindicato dos Jornalistas, com uma série de três reportagens que haviam sido publicadas nos Diários Associados em junho de 1958. Fato curioso de sua jornada na profissão de jornalista: para cobrir a posse de Jânio Quadros, fantasiou-se de copeira, assim não seria percebida durante a festa e poderia escrever sua matéria no dia seguinte. Além de sua personalidade teimosa e determinada, Margarida também foi muito conhecida pelo seu jeito culto, inteligente, meigo, além de possuir uma escrita impecável. Com uma carreira primorosa e repleta de histórias para contar, com 61 anos, a jornalista faleceu em 21 de agosto de 1974.

Fonte: RAMOS, Regina Helena de Paiva. Mulheres Jornalistas: A Grande Invasão. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Faculdade Cásper Libero, 2010.

Amanda *Simões*

Margarida

Mesmo com a fragilidade e a timidez de suas flores, adapta-se bem a diversos tipos de solos. Seu maior inimigo são as temperaturas negativas. Sua força vem das regas, podas e luminosidade constantes.



Amanda Simões

Sua forma de expressar



Uma das passagens de Amanda Simões na TV Fronteira: reportagem sobre a campanha de vacinação contra Covid-19, no Jardim São Judas, em Presidente Prudente (Arquivo pessoal: Amanda Simões)

ACANHOS

– *Mas você tem vergonha de pedir uma pizza, como vai fazer Jornalismo?*

– *Eu vou fazer Jornalismo, mas eu vou para o impresso, porque, no impresso, ninguém me vê.*

E foi assim que Amanda Simões, a garotinha tímida, que tinha vergonha de falar ao telefone, abrir a geladeira da avó sem permissão e pedir dinheiro aos pais, escolheu o jornalismo: impulsionada pela ideia de ficar escondida, sob as folhas e cadernos de notícias da mídia impressa.

O plano, traçado antes mesmo de ingressar na faculdade, ilustrava uma vida inteira firmada na timidez. Inúmeras vezes, ao chegarem visitas em sua casa, a jovem ia correndo para o quarto e lá ficava, escrevendo poesias ou mudando a disposição dos móveis.

O cheiro de bolo quentinho e demais pratos feitos pela mãe invadiam os cômodos da casa no Jardim Estoril, convidando as meninas para se juntarem em um dos momentos mais gostosos do dia: a hora da refeição. Lá, podiam passar um, cinco, dez dias. Dona Jacira, sempre muito cuidadosa e acolhedora, era como uma mãezona e adorava a presença das amigas junto à filha. Amanda, no entanto, não dormia na casa delas devido à preocupação da mãe, que preferia manter os filhos sempre por perto.

Certa vez, uma amiga convidou-a para um baile de uma dupla sertaneja, no Salão O Limoeiro, situado no campus dois da Unoeste (Universidade do Oeste Paulista), em Presidente Prudente. Pela primeira vez, em dezesseis anos, ela ia a uma festa sozinha. O pedido, no entanto, não partiu dela, mas sim da amiga para o pai de Amanda, José Carlos.

– *Tio, vai vir uma dupla sertaneja, numa festa, lá no Limoeiro. A gente pode ir?*

– *A gente pode. Vamos!*

– *Como assim?!?* – questionou a filha, surpreendida.

– *Eu gosto também. A gente vai!* – respondeu o pai.

O relógio marcava três da manhã. Para muitos, horário em que os pesadelos ganham vida e deslocam-se do submundo, invadindo a realidade. Para José Carlos, as figuras horrendas, àquela altura, já transitavam entre os convidados e, o pior, sob as vistas da filha: casais namorando.

– *Que isso? É esse o negócio que você quer vir, um negócio desse?!*
Você vai namorar quando terminar a faculdade – dizia o pai.

E assim terminou o primeiro baile da vida de Amanda Simões.

Os conceitos de “certo” e “errado” sempre foram muito claros em sua criação, razão pela qual Amanda não dava margem a algumas experimentações enquanto criança e adolescente. O semblante calmo da mulher que, durante uma excursão da faculdade, não dividiu seu tempo entre palestras e momentos de lazer, como as típicas cervejadas ou o show do Marcelo D2, na praia de Guarapari, no Espírito Santo, revela a personalidade cautelosa e disciplinada da garota.

CRIAÇÃO



Amanda cercada pela mãe, Jacira, o irmão, Leonardo e o pai, José Carlos, em uma apresentação de Festa Junina (Arquivo pessoal: Amanda Simões)

Envolvida com bloquinhos de anotações, calculadoras e canetas, Amanda se divertia no escritório do pai. A menina aproveitava um dos poucos momentos que podia estar em companhia de José Carlos, já que ele, com sua rotina frenética de trabalho no departamento de compras da empresa Ponto Certo, pouco ficava em casa. Nos finais de semana, quando dizia que ia para o escritório, ela logo se prontificava:

– *Eu também quero ir. Eu vou com você!* - falava animada.

E lá ele ficava junto com a filha, enquanto recebia fornecedores, escolhia e comprava os melhores kits para a loja e cuidava de assuntos burocráticos. José Carlos sempre atuou como provedor do lar. Longe de casa na maioria do tempo, nas idas ao mercado encontrava a chance de demonstrar o amor por Amanda, o filho mais velho, Leonardo, e a esposa Jacira. Para ele, era uma

satisfação ver os filhos caminharem em meio às gôndolas, sabendo que não precisaria se preocupar se poderia comprar o que os filhos desejassem. Preencher a geladeira e os armários era a sua forma de demonstrar carinho. Amanda, sempre com a vontade de se aproximar mais do pai, testava a capacidade de José Carlos em reconhecer a sua caligrafia e a do irmão.

– *Qual é o meu caderno e qual é o do Léo?* - questionava a filha.

– *Hum... Não sei, Amanda* - respondia confuso.

A garota fazia constantes desafios como este ao pai. Pouco acertava, visto que não acompanhava o desenvolvimento escolar deles de perto.

Depois de seis dias de expedientes inacabáveis, quando o domingo chegava, o momento era sagrado para José Carlos. De quarto em quarto, passava acordando Amanda e Leonardo para fazer-lhes companhia enquanto preparava uma refeição na cozinha. A programação dominical quase sempre era a mesma. A família preparava as bolsas com protetor solar, biquinis, sungas, toalhas, petiscos e bebidas e partiam para o clube. Lá, as crianças ficavam na piscina até as pontas dos dedos ficarem enrugadas por conta do longo período na água. Enquanto isso, José Carlos relaxava na companhia da esposa, ao mesmo tempo em que se refrescava com uma cerveja e tragava o seu cigarro.

A mãe, Jacira, sempre esteve presente no lar com as crianças. Era ela quem cuidava dos afazeres domésticos, preparava as refeições e ainda ficava, todas as horas de seu dia, em sua função de mãe. Tendo sido professora antes do nascimento dos filhos, agora era ao lado deles que sentava para ajudar nas atividades escolares. Somente quando Amanda e Leonardo estavam com oito e dez anos, respectivamente, é que a mãe resolveu dar uma nova chance para sua carreira profissional na educação. Em vão. Jacira já não estava mais acostumada com o atual ambiente escolar e desistiu de

retornar à sala de aula.

Mal sabia que ali alguém já se inspirava em sua profissão. Nas mesinhas, cadeiras e lousas de brinquedo, o irmão Leonardo já reproduzia o ofício que levaria para toda a sua vida. Amanda entrava na brincadeira e, representando uma aluna, assistia as aulas que o irmão lecionava usando sua imaginação.

Durante a infância, os irmãos sempre foram muito parceiros. Juntos, os dois também compartilhavam o passeio preferido de ir até as bancas de revistas. Léo, como era chamado, era fã de Madonna e ficava horas folheando os periódicos que falavam da vida da artista. Na volta para casa, a dupla sempre voltava munida de um exemplar do almanaque da Turma da Mônica repleto de atividades ou com gibis e palavras-cruzadas.

Além de dividir os passeios e brinquedos, era na cozinha que os dois também passavam a maior parte do tempo juntos. Leonardo gostava de cozinhar e, durante o preparo de alguma refeição, reproduzia gestos e falas encenando um programa de culinária. A irmã também entrava na brincadeira, assessorando na elaboração da receita. Ali, a afeição pelo ato de ensinar também era visível em Léo. Durante as brincadeiras, Amanda observava o irmão que, mesmo tão novo, já estava decidido sobre o que iria seguir. Enquanto isso, ela ainda refletia sobre qual caminho trilhar. Seria veterinária? Médica? Professora também? Ainda não sabia, mas, muito menos esperava, que o destino lhe concederia uma jornada completamente diferente do que um dia esperava ter tido.

– *Mas mãe, deixa eu ir para escola sozinha, é tão perto! Todos os meus amigos vão sozinhos para a escola* - pedia a menina.

– *Quantas vezes eu tenho que te falar que você não é todo mundo? Não vai e pronto* - respondeu a mãe, irredutível.

Sob as asas da família, Amanda via sua timidez ser alimentada pela superproteção. Mesmo morando próximo, Jacira nunca deixou que a menina fosse sozinha à escola. Preferia passar nas casas de todas as amigas dela, em troca de tê-la sob seus olhos, mesmo que por um curto caminho.

Porém, uma vez cedeu. Queria dar um voto de confiança para o mundo, que perante a sua visão de mãe, mostrava-se tão inseguro. Bastou alguns minutos de atraso do horário combinado para que o coração de Jacira já acelerasse. O tempo ia passando, a mãe olhava diversas vezes para o ponteiro do relógio que girava e girava. Já a menina, que aproveitou a volta da escola para passar na casa de uma amiga e pegar alguns brinquedos, não via os minutos passarem no seu relógio de criança. Até que, caminhando tranquilamente, avistou a mãe em frente à casa, sentada no meio fio, com a cabeça entre as mãos e rodeada de viaturas de polícia.

Chorando, ela não imaginava o que estava acontecendo. Será que algo ruim tinha acontecido? O pai ou irmão estariam bem? Ou pior, será que alguém tinha morrido? Não. De frente para a filha, era exatamente por Amanda que a mãe chorava. A aflição ocasionada pelo tal atraso fez com que reproduzisse todo o caminho que a filha fazia ao voltar da escola sem encontrá-la, movimentando toda aquela situação desesperadora.

Mesmo se sentindo coibida pelas ações da figura materna durante toda a infância e adolescência, Amanda sempre aceitou plácida as objeções da mãe. Achava que por tomar conta dela e do irmão, Jacira já tinha problemas demais para lidar e, diante disso, seu último desejo era ser mais um. Ao contrário de Léo, que, comunicativo por natureza, era habituado a compartilhar todos os seus anseios e dificuldades, ela passou a preferir resolver sozinha suas próprias adversidades, buscando não preocupar ou magoar a mãe. Por isso, além da timidez que já carregava, a menina também

começou a retrair seus sentimentos.

Com tantos pensamentos, emoções e sensações, Amanda precisou arrumar uma forma de extravasar tudo aquilo que sentia. Foi por meio dos versos e palavras que encontrou uma saída e, ainda pequena, começou a escrever poesias. Com isso, notou uma forte ligação com o mundo literário e começou a refletir se a profissão que escolheria poderia ser ligada a isso. E foi. Hoje, além de se expressar no jornalismo, continua escrevendo seus contos e histórias. Até criou uma personagem, a qual usa para expor as situações que vivencia. A escrita, que é uma paixão para Amanda, sempre foi e continua sendo sua principal válvula de escape.

No começo da adolescência, até se arriscou na música, mas não por vontade própria. Vendo que o pai era apaixonado por violão, ouvindo-o dedilhar aquelas cordas de nylon, sentiu que também poderia aprender a tocar o instrumento, assim, ficaria mais próxima de José Carlos. Pouco tempo se passou e ela percebeu que o dom para a música não era o seu forte, diferente da literatura.

Mas nem tudo estava perdido. Em busca de algo em comum para chamar atenção do pai, viu no futebol uma solução. Corinthiano roxo, ele torcia como ninguém nas partidas em que o Timão entrava em campo. Pouco a pouco, as paredes do quarto de Amanda foram sendo tomadas por pôsteres de campeonatos e do time do Corinthians. A mãe, quando entrava no quarto da filha, dizia:

– *Parece um quarto de moleque, Amanda. Pelo amor de Deus!*

– *Mas eu gosto, mãe!* - tentava se justificar.

– *Ou você tira eles com cuidado, guarda e dobra, ou eu vou entrar aqui e rasgar tudo. Eu não suporto entrar no seu quarto e ver isso* - respondeu a mãe, injuriada.

Amanda tirou. Na sala, contudo, ao lado do pai, continuava

a torcer enlouquecida. José Carlos achava o máximo ver toda a alegria da filha, vibrando junto pelo seu time do coração. Quando via o sorriso dele, a garota se empolgava ainda mais e, pulando no sofá, entrava em êxtase por finalmente ter um momento com uma das pessoas que mais amava.

Mais uma vez arrumando um pretexto para ganhar a companhia de alguém, Amanda se arriscou em um curso de corte e costura com a avó. As duas passavam horas e horas alinhavando tecidos e pregando botões ao som da máquina de costura. As primeiras peças iam sendo produzidas nas próprias bonecas. Com retalhos, também costurava à mão lindas roupinhas para as Barbies, suas bonecas preferidas.

O gosto pela arte também avançou para as cores, lápis, canetas, tintas e papéis. Com os desenhos, a garotinha também aproveitava para manifestar seus sentimentos e até depois de casada usava essa estratégia para se expressar. Nas paredes de sua casa, hoje é possível se deparar com lindas telas que foram delicadamente pintadas por ela mesma. Na infância, seu quarto era o único local da casa em que se sentia empoderada para tomar tais decisões, mesmo que fosse preciso varar a madrugada preenchendo as paredes com florzinhas coloridas.

EM 2000

A menina que cresceu tão duvidosa sobre qual carreira seguir, um dia, finalmente constatou que junto a seus melhores amigos o papel, a caneta e a imaginação, seu caminho seria trilhado. Sonhadora com a arte das palavras, quando criança, achava que um dia escreveria um livro. Até o momento não havia realizado o seu sonho, mas com o jornalismo preencheu páginas e páginas de jornais com as mais diversas histórias contadas sob seu olhar.

Após terminar o ensino médio, Amanda não quis ficar parada e logo foi para a universidade. Ainda no último segundo, lutou contra a indecisão que sempre pairou sobre sua vida e teve que escolher entre Fisioterapia, Serviço Social e Jornalismo. Com um empurrãozinho da vida, não foi aprovada na primeira opção e percebeu que a segunda, talvez, não seria para ela. A escolha estava feita.

Tudo começou nos anos 2000, quando ela ingressou em seu primeiro ano no curso de Jornalismo. Em uma das primeiras aulas de Teoria da Comunicação, ministrada pela professora Lêda Márcia, e os mais de 100 alunos do tronco comum de Jornalismo e Publicidade ficaram incumbidos de ler o capítulo de um livro e apresentá-lo em um seminário. Amanda ficou sem reação. Olhando ao redor, aquela multidão de alunos em uma sala era como um poço prestes a sugá-la. Minutos antes da apresentação, a jovem tremia, suava frio e pensava:

– *Eu não vou conseguir...* - voz que ecoava em sua cabeça.

Mas conseguiu. Ao lado dos demais amigos que conheceu, aos poucos foi se livrando das amarras às quais ficou presa por tanto tempo. Extrovertidos e comunicativos, sempre estavam lá para abrir caminho para a jovem vencer a vergonha e a timidez. Mesmo estando um pouco mais solta para a vida, não perdeu seu jeito dedicado quanto aos estudos. Ao contrário de outros alunos, nas sextas-feiras sempre preferia estar na aula aprendendo, do que ir aos barzinhos e festas. Tudo ia bem, quando na metade do curso sua vida passou por algumas bruscas mudanças.

Olhando pela janela do banco traseiro do carro, Amanda admirava a imensidão das águas do Rio Paraná sob a ponte que liga o estado de São Paulo ao Mato Grosso do Sul. Seu pai havia

recebido uma proposta de trabalho em Campo Grande, por isso, ele e toda família estavam indo rumo à nova cidade. Ao observar aquela vastidão azul, que no horizonte se transformava em uma mistura entre rio e céu, ela refletia sobre como seria sua nova vida em outro estado. Adentrando pela rodovia sul-mato-grossense, pela janela, via que o verde restante da Mata Atlântica pertencente a São Paulo já dava espaço para a vegetação campestre de plantas arbustivas e cipós do Cerrado. Os detalhes da mudança eram observados pela jovem, que ainda não imaginava que faria parte de sua vida.

Os novos rumos demandaram algumas decisões e, com isso, a casa própria que tinham em Presidente Prudente precisou ser alugada. Com o dinheiro da locação, arranjaram outra na nova cidade. Amanda também precisou transferir o curso e foi estudar Jornalismo em outra universidade.

Até que um dia algo aconteceu. José Carlos começou a sentir um forte mal estar estomacal, mas como sempre foi avesso a ir em médicos recusava procurar ajuda. Depois de tanta insistência da esposa, ambos foram até um posto de saúde na cidade, já que não tinham plano de saúde na época. Ao chegar na unidade, foi atendido e diagnosticado com espasmos, mas Jacira ainda desconfiava do quadro do marido.

Como o posto de saúde não possuía a estrutura necessária para cuidar do caso, foi solicitado um transporte para encaminhar José Carlos até a Santa Casa. Jacira e Amanda foram atrás, seguindo-o de carro e não imaginavam que o pior ainda poderia acontecer. Dentro da ambulância, com as fortes dores no peito que não cessavam, sofreu um infarto. Não havia equipamento suficiente no veículo em que estava sendo levado e, por isso, tiveram que retornar ao posto para iniciar os primeiros socorros até a chegada do resgate.

Diariamente, José Carlos era tomado por uma carga de estresse preocupante por conta do trabalho. Aliado ao cigarro, à bebida, sedentarismo e uma alimentação pouco saudável, seu estado de saúde não era dos melhores. Como fator de gravidade, ainda tinha histórico de doenças cardíacas na família. Tudo contribuía para que estivesse naquele estado.

José Carlos então foi submetido a um cateterismo e, posteriormente, encaminhado para mais uma cirurgia, pois estava com três artérias obstruídas. Como seu quadro ainda era grave, precisou ficar internado durante 15 dias em uma Unidade de Terapia Intensiva (UTI). Consciente, recebia pela manhã e à tarde as visitas dos filhos e da esposa.

Enquanto via o pai ligado a aparelhos em uma cama de hospital, várias memórias dos dois começaram a retroceder na mente de Amanda. Lembrou-se das noites da infância, quando uma das atividades preferidas de José Carlos era ouvir rádio enquanto cozinhava. Preparando o prato que divertidamente apelidou de “barato estranho”, alegrava-se ao lado da filha. O arroz, o feijão, o tomate picado e o ovo eram todos misturados na mesma panela e, enquanto a comida estralava esquentando no fogão, o pai pedia:

– *Liga lá na rádio e pede a música da Piquitita!*

– *Mas pai, eu tenho vergonha...* - respondia a filha, desejando que o pai mudasse de ideia e ele mesmo ligasse.

– *Não filha, liga lá pro pai, liga!* - insistia. E lá ia ela, toda insegura, discar o número da rádio.

A canção da dupla Duduca e Dalvan era a sua preferida, requisitada assiduamente por ele na emissora. Amanda, mesmo não gostando de ligar na rádio, ficava toda empolgada com a alegria do pai. Ao mesmo tempo, não entendia tamanho apego pela canção, mas, no quarto de hospital, agora ela chorava

relembrando o refrão, que naquele momento, começou a fazer sentido em sua vida.

*“Tchau tchau piquitita, tchau tchau
Cuida bem da mamãe pra mim
Tchau tchau piquitita, tchau tchau
Vou cuidar, papaizinho sim, sim”*

No dia 15 de junho, quando teve um novo infarto, José Carlos não resistiu e deixou a família aos 47 anos. Naquele instante, Amanda entendeu o recado que ele, inconscientemente, deu-lhe durante toda a vida. O pai deixou a missão de ficar responsável pela família e, principalmente, pela mãe.



*Junto ao pai, Amanda comemorava sua conclusão do Ensino Médio, em 1999
(Arquivo pessoal: Amanda Simões)*

Sem perspectiva de permanência em uma cidade onde não conheciam ninguém, resolveram que a melhor opção seria retornar

para a terra natal no Oeste Paulista. Como a casa própria que tinham em Presidente Prudente havia sido locada, ao retornar, não podiam retirar os inquilinos por conta do contrato. Então a saída foi morar com a avó materna, local onde os três, Amanda, Leonardo e Jacira, ficaram enquanto não conseguiam o imóvel novamente.

Em meio a dor do luto e ao período turbulento de mudanças, com a mãe, Amanda tomou toda a responsabilidade de cuidar do processo de inventário do pai e demais burocracias que envolvem a situação. Como José Carlos sempre atuou como alicerce da família, sem ele, esta agora se via em meio a preocupantes problemas financeiros. Amanda, por sua vez, começou a pensar em soluções para mudar a situação, cogitando até mesmo a possibilidade de interromper os estudos para poder trabalhar e trazer o sustento à casa. Para Jacira, aquilo não podia acontecer.

– *Eu vou trancar a faculdade e vou trabalhar para pagar as contas* - dizia, tentando arrumar uma solução.

– *Jamais! Nem que eu vá fazer faxina, eu faço qualquer coisa, mas você não vai largar essa faculdade* - respondeu a mãe decidida.

Mesmo com o choro embargado pelos bruscos momentos que vinha vivendo, mais uma vez a jovem engoliu seus sentimentos e foi à luta para tentar identificar uma maneira de dar seguimento aos estudos. A forma mais palpável que encontrou para fazer isso foi tentar uma bolsa.

Sentada em uma cadeira, olhando apreensiva no relógio e com o tic tac do ponteiro ecoando em sua cabeça, Amanda aguardava pelo responsável do setor de bolsas de estudos da Unoeste. Sem sucesso. No dia seguinte, a mãe resolveu ir ao encontro do funcionário, pois aquela parecia ser a única pessoa que poderia resolver sua situação. Em frente à universidade, Jacira ficou a espera do rapaz e, quando ouviu seus passos, levantou em um salto e foi em direção a ele:

– *Pelo amor de Deus, minha filha precisa de uma bolsa!* - suplicava o coração da mãe.

– *Se você não me der uma bolsa, eu não vou conseguir terminar a minha faculdade!* - completava Amanda, desesperada.

Sensibilizado pela cena, o rapaz as levou para sua sala. Mãe e filha relataram os detalhes do que estavam passando e, comovido com a história de Amanda, resolveu arrumar um jeito de conceder uma bolsa parcial. Com o sorriso de orelha a orelha, as duas saíram da universidade com o peito leve e agradecidas, pois não precisariam mais abdicar de algo tão importante para o futuro de Amanda.

Nem tudo estava resolvido. O restante da mensalidade ainda deveria ser pago. Foi quando a jovem conseguiu um estágio na comunicação do antigo colégio Holos, onde eram ministrados ensino médio e cursinhos preparatórios para vestibulares de Medicina. Com a remuneração que recebia, Amanda conseguia pagar o restante do valor mensal do curso. Para os custos com matrículas, contava com a ajuda do padrinho, que se dispôs a pagar para ela. Aos poucos, a vida financeira da família melhorava, ainda mais quando conseguiram receber a pensão pela morte do pai.

Após tantos percalços, Amanda ainda se dava o direito de sonhar. Ao folhear as páginas do jornal O Imparcial, a jovem se dedicava a uma leitura minuciosa das reportagens, notas e editoriais. Como num piscar de olhos, as letras começavam a se embaralhar e, sob o poder de sua imaginação, formavam o que um dia ela realmente sonhava em ler nas páginas do diário: Por Amanda Simões. E assim, ficava imaginando quando chegaria o dia no qual poderia ingressar como estagiária em um dos mais importantes veículos de comunicação da cidade.

Aquilo que ficava somente em seus pensamentos e sonhos pôde

se tornar realidade no último ano do curso. Sentindo-se realizada, adentrava todos os dias a redação, ligava o seu computador e logo se deparava com as pautas que teria que cumprir no dia. Ali, estava sentindo na pele como era ser uma jornalista e, acima de tudo, sentia-se grata em realizar o sonho de ver seu nome assinando uma reportagem de jornal impresso. Entretanto, mais uma vez a vida de Amanda mudaria.

– *Nós ainda faremos uma biópsia para confirmar, mas, diante dos exames, tudo indica que isso seja um câncer, dona Jacira* - disse o médico, após analisar a mamografia.

– *Como assim? Eu não posso morrer agora! Não posso deixar meus filhos* - respondeu Jacira, já em prantos.

– *As chances de a senhora se curar são grandes! Só vamos precisar passar por algumas sessões de quimioterapia* - orientou o doutor.

Fazia pouco tempo que Jacira havia perdido a mãe por um câncer no sistema linfático. Agora, ela se preparava para enfrentar a mesma batalha, só que na mama. Ao ver aquele furacão se formar novamente em suas vistas, Amanda sentia impotência sobre seus ombros e o que restava a fazer era cuidar da mãe, assim como na letra da música que seu pai sempre gostou de ouvir.

A cada ida ao hospital, a cada sessão de quimioterapia, a rotina ia ficando cada vez mais pesada. A jovem teria que escolher para conseguir dar conta de toda aquela situação crítica. Seguiria no estágio que sempre sonhou, aliando o tratamento de Jacira, o TCC e os trabalhos do último ano da faculdade? Ou se dedicaria totalmente à mãe naquele momento e abriria mão do estágio? Não pensou duas vezes. Era chegada a hora de poder retribuir em gestos concretos tudo aquilo que a mãe sempre havia sido para ela.

Com todo amor e carinho, mesmo ainda tão jovem, Amanda cuidava da mãe em casa, acompanhava-a em todas as sessões do

tratamento e ainda dava conta de realizar todas as demandas do curso. Após a interminável rotina de vai e vem dos hospitais, a mãe conseguiu vencer a luta contra o câncer. Nos cinco anos seguintes, ainda continuou realizando acompanhamentos contínuos, de seis em seis meses, e como os médicos não identificaram nenhum resquício de nova manifestação, Jacira teve alta.

Em dezembro de 2005, vestida com uma beca preta, Amanda adentrava o corredor dos formandos. Enquanto caminhava, seu olhar procurava pela família em meio à multidão. Até que viu uma cena que seus olhos e seu coração chegaram um dia a duvidar que iriam ver. Vestida com sua melhor roupa e com o cabelo curtinho, que começava a crescer depois do final do tratamento, Jacira estava ali para prestigiar a filha. A mãe aplaudia a entrada da filha de pé e, com lágrimas de felicidade nos olhos, demonstrava um radiante orgulho que sentia por ela. Mesmo triste por também não ver o pai compondo aquela cena, Amanda subia ao palco realizada, pois apesar de ter enfrentado uma das fases mais pesadas de sua vida, cumpriu sua missão: cuidar da mãe e se tornar uma jornalista.



Amanda em sua colação de grau no curso de Jornalismo, posando ao lado da mãe e do irmão (Arquivo pessoal: Amanda Simões)



Em 2005, Amanda se forma no curso de Jornalismo (Arquivo pessoal: Amanda Simões)

IMPRESSO

Para além do momento que põe fim ao amontoado de horas, dias e meses, o encerramento de um ano representou muito mais para Amanda do que para a maioria das pessoas. Em meio à ruptura de tantos ciclos, a preocupação com o futuro era latente. Poderia ela, novamente, reviver um sonho de criança?

29 de dezembro de 2005. Um dia após seu aniversário e, às vésperas de iniciar o próximo ano, Amanda foi surpreendida por um verdadeiro milagre natalino. O telefone tocou no meio do dia, marcado pelo calor típico dos termômetros prudentinos.

– *Tá tudo certo? Tá tudo bem? Então vem!* – do outro lado da linha, Reinaldo Ruas perguntava, entusiasmado, se a recém-formada

aceitava o convite para voltar a integrar a equipe do jornal O Imparcial, agora, oficialmente.

Na redação que abrigava em torno de quinze jornalistas, entre homens e mulheres, Amanda viu sua primeira manchete estampar a capa do jornal de textura áspera, que circulava diariamente. Uma sequência de três fotos representava a união de dois corpos celestes no céu, até formar um eclipse, um dos fenômenos mais curiosos da natureza.

No céu da jornalista, porém, ele era ainda mais vultoso, consagrando-se como uma de suas conquistas pessoais mais simbólicas. A matéria estava na primeira dobra do jornal – algo que, para os profissionais de impresso, significa muito, já que pela sua disposição no layout da página, geralmente, é a primeira a ser lida. Pequenas conquistas que reafirmavam, todos os dias, a escolha certa pelo jornalismo impresso.

Foi atuando na editoria policial, uma das mais complexas, que a garotinha tímida do passado ganhou segurança para impor-se no trabalho. Era por volta de 2006. A região do Oeste Paulista enfrentava uma das piores séries de ataques aos presídios e rebeliões das quais já se tinha visto. Entre as mesas dispostas na redação do jornal O Imparcial, Amanda olhava apreensivamente os fios que conectavam o telefone fixo à tomada, temendo que a melodia ressoasse sobre a sala vazia.

Foram várias as vezes em que o “alô” da jovem era respondido, do outro lado da linha, com ameaças à jornalista e ao veículo, ora feitas por e-mail e até por cartas, como no dia em que, por trás da caligrafia borrada em azul, prometeram explodir a redação com todos dentro.

Com sua vulnerabilidade posta à prova, a jornalista policial era escoltada, todos os dias, pelo repórter fotográfico que, antes do fim do expediente, descia o lance de escadas íngremes até chegar

à rua e averiguava a situação, sinalizando o momento em que Amanda podia, enfim, ir para casa.

Vivendo os prazeres e dores em ser jornalista, mesmo sob pressão, sentia-se realizada na profissão que escolheu para a vida; mas, como qualquer outro profissional, também passou por adaptações, por vezes não muito fáceis.

A cobrança por textos mais completos, ricos em detalhes, foi um dos primeiros desafios enfrentados, isso porque, devido à sua inexperiência, era natural que a lista de fontes para a realização de matérias fosse escassa se comparada a dos veteranos no mercado jornalístico.

Porém, ela não desanimou.

Enquanto a chaleira no fogão anunciava a fervura da água que, misturada ao pó de café, transformaria o aroma do ambiente, a atenção de dona Jacira era tomada pela programação da Rádio Comercial AM, sua fiel companheira de todas as manhãs. Os dias, no entanto, ficaram mais completos com a presença da filha.

A estratégia que Amanda adotou para conseguir o máximo de informações sobre o que acontecia na cidade e região era ouvir os noticiários. Todos os dias, acordava e sentava ao lado do radinho de pilha preto, com vários botões de comando. Nas mãos, um bloquinho de papel com folhas brancas, suficiente para registrar as notícias policiais que ouvira na rádio e, depois, ao assistir o SPTV, atual FN1 (Fronteira Notícias 1ª Edição).

Foi essa rotina das tardes cheias de trabalho e apuração que permitiu a recém-formada escrever sobre assuntos importantes do universo policial, enriquecendo suas matérias com muitos detalhes.

O relógio na parede marcava oito da noite. Exausta após um dia inteiro de trabalho, Amanda preparava-se para ir embora.

Enquanto descia o lance de escadas, o ar gelado do prédio embalava os seus movimentos, como numa valsa.

Prestes a deixar as dependências do jornal, seu caminho foi cruzado por dois colegas diagramadores.

– *Aí, Amanda, tem alguma novidade do cara lá da garagem?*

– *Garagem?! Não! É uma agência de propaganda.*

– *Não! É uma agência de carro, é uma garagem!*

Naquele instante o corpo estremeceu. As mãos suadas e o coração palpitante denunciavam o nervosismo que sentiu ao ouvir a frase dita pelo colega de trabalho. Podia ela ter cometido tamanho erro?

A matéria sobre o desaparecimento de um casal, foi produzida com muito custo, baseada nas poucas informações disponíveis, inclusive do próprio homem desaparecido, que era dono de uma agência de carros e não de propaganda, como acreditava Amanda. Em poucas horas, a matéria ganharia as capas dos jornais e o erro podia passar despercebido ou gerar confusão. De qualquer forma, a jornalista tinha que ser rápida.

Subindo novamente o lance de escadas, mas agora com o calor irradiando pelo seu corpo, dirigiu-se à sala de diagramação do jornal, onde os colegas já haviam puxado a página de sua matéria para estruturar.

– *Amanda, que bom que você voltou! Tem uma matéria aqui que não vai caber. Nós vamos precisar cortar isso daqui, tudo bem se eu cortar aqui?*

A matéria em questão era a do desaparecimento, cujo trecho apartado era justamente o que mencionava sobre a agência de propaganda. Em meio à tensão e ao suor nervoso, a jornalista respirou aliviada, assentindo à decisão e foi para casa tranquila.

Na manhã seguinte, caminhando, ao lado da mãe, no centro

movimentado da cidade, sentiu o telefone vibrar. Do outro lado da linha, o tom de voz de alguém questionando de onde ela tinha conseguido a informação de que o homem desaparecido era dono de uma agência de propaganda.

De repente, o calor prudentino que consumia seu corpo foi substituído pelo gelo que começava ainda na barriga, dissipando-se por todo corpo até chegar aos olhos e escorrer como lágrimas. Amanda tremeu-se toda, presumindo para mãe de que seria mandada embora, mais cedo ou mais tarde.

A decisão dos diagramadores em publicar a matéria completa, na melhor das intenções, surtiu efeito inverso. No dia seguinte, após não concordar em ter uma advertência em sua Carteira de Trabalho pelo erro cometido, o qual reconhecia, mas não concordava com a condição, Amanda deixou o jornal O Imparcial. Um sonho que, quatro anos depois, havia chegado ao fim.

O breve momento sabático da jovem, apaixonada pelo impresso, foi interrompido com o surgimento de uma vaga na área de assessoria de imprensa da Sabesp (Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo). Depois de um ano, viu seu sonho de infância ganhando forma novamente, ao passar pelas portas do extinto jornal impresso Oeste Notícias, como repórter. Na redação ocupada por homens, mulheres, mesas, cadeiras, computadores e a agitação típica de um veículo de comunicação, vivia uma rotina frenética. Foi do turno da manhã à tarde e, depois, à noite. Fechava várias pautas ao dia, sendo responsável, ainda, pelas matérias especiais, que saíam aos domingos e eram produzidas ao longo da semana.

Àquela altura, a menininha tímida e insegura, acostumada a traçar os planos de uma vida inteira, deu lugar à mulher madura e consciente de seu espaço. Naqueles poucos, mas intensos anos de experiência, colecionava memórias lindas, porém, alguns

episódios desagradáveis ainda eram latentes em suas lembranças.

Sua voz ressoando do outro lado da linha telefônica, ao tentar contatar delegados e policiais para suas matérias em uma das redações que trabalhou, era motivo de insegurança à concessão das informações de outras pessoas. Afinal, poderia uma menina tão jovem e inexperiente ser incumbida da responsabilidade de produzir matérias tão complexas?

– *Mas você vai conseguir anotar tudo o que eu tô falando?*

– *Vou, sim. Fica tranquilo.*

– *Ah, não sei... Tem certeza?*

– *Tenho, pode falar.*

– *Mas você não vai dar conta de anotar tudo isso.*

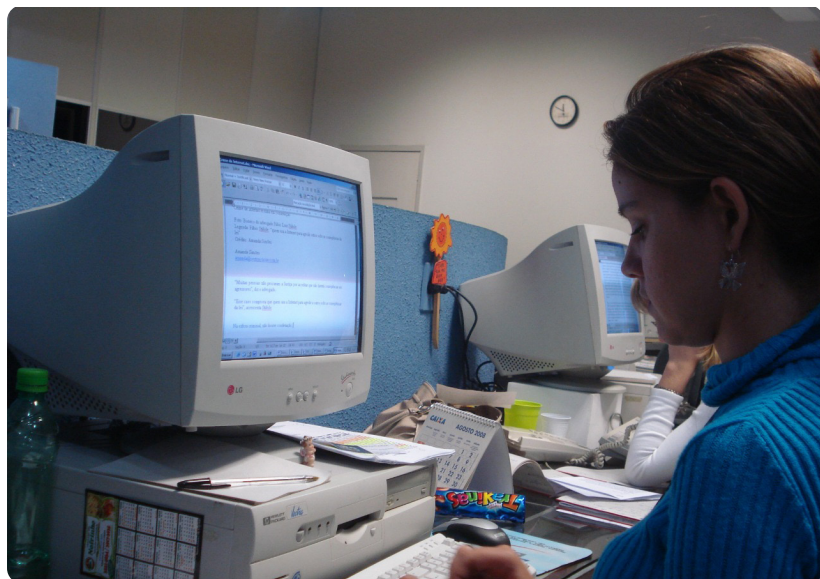
– *Não, pode ir falando que eu tô anotando...*

As respostas escapavam à boca de Amanda de forma automática, traduzindo o sentimento de quem, por dentro, estava cansada de ser questionada.

Em outras vezes, ao chegar acompanhada do repórter fotográfico nos locais onde as matérias seriam realizadas, as informações eram, primeiro, direcionadas a ele, colocando o time de Amanda Simões no banco de reserva. Por trás dos olhos castanhos e do olhar gentil, a jornalista experimentava os piores sentimentos, sempre calada, por receio de não conseguir finalizar a matéria que precisava.

Abriu o guarda-roupa todas as manhãs e ficar parada ali por, pelo menos, dez minutos era rotina. Em meio às roupas coloridas, dispostas nos cabides de forma organizada, Amanda avaliava qual delas não chamaria tanta atenção. Os saltos, empoeirados pela falta de uso, davam lugar aos tênis e sapatilhas, mais discretos. Os vestidos deram vez a blusas de manga e calças não tão justas, tudo para ficar o mais neutra possível.

Na redação, a disposição dos computadores de tubo brancos, enfileirados de forma simétrica sobre as estações de trabalho com divisórias azuis, aproximava os colegas jornalistas, que dividiam histórias, anseios e risadas. Sobre as mesas com tampo de vidro, calendários, pautas, bolachinhas, canetas, garrafas d'água, telefones fixos e um pequeno celular cinza, utilizado por Amanda.



Em meados de 2010, Amanda trabalhava no jornal O Imparcial (Arquivo pessoal: Amanda Simões)

O relógio ao centro da parede branca, próximo à porta, marcava dez para o meio-dia. Concentrada na produção de uma matéria policial, a jornalista era alvo do olhar vívido de um anjinho, uma pequena figura esculpida, com auréola floral, posicionada sobre a CPU do computador.

Às suas costas, porém, o olhar era outro.

— *Eu vou começar a trazer um saco de moedinha pr'eu poder encher esse monte de cofrinho!*

A brincadeira de uma pessoa revirava o estômago da jornalista,

que não concebia a ideia de ter seu corpo e o de suas colegas expostos e, tampouco, satirizados publicamente. Por isso, adotou blusas compridas, como na escola, além de sempre ter ao lado uma jaqueta, para amarrar na cintura ou dispor sobre o encosto da cadeira na tentativa de evitar o constrangimento

Muitas vezes os ensaios da jornalista para fugir dessas situações eram em vão. Por trás dos longos cabelos castanhos, beirando a cintura, seu pensamento era tomado por preocupação e culpa. Mesmo coagida, vestia um sorriso, em busca de entregar a informação que era solicitada, custe o que custar.

– *Eita, que mulherada bonita! Para entrar aqui, como é que é, é pela competência ou pela passarela?*

Fingindo não ligar, as brincadeiras soavam aos seus ouvidos de forma dolorosa. Até mesmo de outra pessoa, ouviu, certa vez, que deveria fazer um ensaio de fotos sensual para presentear o noivo e que podia fotografá-la.

– *Tipo “gata molhada”, sabe?*

O sentimento de insatisfação com os comentários era tão grande que ela ficou paralisada. Como alguém poderia propor algo assim? Seria normal? Ela estava vendo coisa onde não tinha? Embaixo do sorriso, o nó da garganta de quem gostaria de falar tudo o que vinha à sua mente, mas não tinha coragem.

A cobrança para não voltar sem as matérias fazia com que a jovem aturasse coisas que, anos mais tarde, julgou não precisar. Sentada ao redor da mesa de quatro cadeiras, ao relatar esses detalhes, a mulher de sorriso leve, cabelos curtos e olhar maduro estremeceu-se ao lembrar que os abraços dados sem necessidade, os comentários feitos na brincadeira e todas as situações desagradáveis, não deveriam ter acontecido e, muito menos, serem normalizadas.

MUDANÇAS

Depois de passar tanto tempo no jornalismo impresso, Amanda começou a sentir uma certa instabilidade no veículo em que trabalhava, o que a fez buscar por novos ares para voar. Ainda fazendo parte da equipe do Oeste Notícias, aos poucos ia notando que o clima na redação já dava sinais de que o periódico estava com os dias contados. Analisando a crise pela qual o jornal passava, a jornalista já pensava sobre o que faria caso aquilo realmente fosse o fim. Se o diário encerrasse suas atividades, haveriam postos de trabalhos suficientes para abrigar todos os jornalistas que possivelmente estariam em busca de trabalho nos veículos da imprensa regional? Tinha suas dúvidas.

Com o medo do desemprego pairando sobre sua cabeça, Amanda logo tratou de ir em busca de uma solução. Por onde começaria? Vinda de uma carreira consolidada durante tantos anos no impresso, agora, se arriscaria em qual área do jornalismo? Até que um dia lembrou-se de Elaine Hernandez, que durante a faculdade havia sido sua professora e, naquele momento, assumia a chefia da redação da TV Band em Presidente Prudente. Resolveu ligar.

– *Alô Elaine, tudo bem? Aqui quem fala é a Amanda Simões, fui sua aluna na faculdade, lembra?*

– *Oi Amanda, lembro sim! Como vai?*

– *Tudo bem também, mas estou precisando da sua ajuda. Tô trabalhando no Oeste Notícias, mas como você deve saber, as coisas não estão indo muito bem por aqui. Por isso eu estou te ligando, para saber se, por acaso, vocês teriam alguma vaga aí na TV. Será que eu posso deixar um currículo aí?* - propôs Amanda.

– *Claro, pode trazer sim. Aproveita e vem aqui pra gente conversar e aí você também conhece a emissora* - convidou-a.

Chegado o dia, ansiosa, ela dirigia pensando sobre a

oportunidade que parecia emplacar em sua vida. Determinada de que havia escolhido jornalismo para trabalhar no impresso, a possibilidade de ir para a TV nunca havia nem sido cogitada. Na rua Alberto Artoni, no Jardim Santana, parou o carro e avistou o prédio de tijolos a vista, com arbustos laterais e a enorme antena da emissora, que sempre foi um dos pontos de referências para os prudentinos. Ao entrar, durante a conversa, Elaine levou Amanda para conhecer o interior do prédio. Enquanto caminhava pelos corredores, seus olhos brilhavam de curiosidade, afinal, aquela era a primeira vez que entrava em uma redação de TV. Até que a proposta surgiu.

— *Olha, eu até tenho uma vaga agora, Amanda, mas vai levar umas duas semanas, pois é uma pessoa que tá saindo daqui e vai para outro lugar. Ela tá cumprindo aviso* - alertou.

— *Não, imagina! Pra mim está ótimo! Eu também vou ter que avisar lá que vou sair, pode ser que eles queiram que eu cumpra aviso* - respondeu e, assim, firmaram o acordo.

Depois de um mês da sua saída do Oeste Notícias, o jornal fechou.

Como produtora da TV, agora era ela quem carregava a missão de determinar os assuntos que seriam falados nos jornais da emissora e de produzir as pautas que eram cumpridas pelos repórteres. Sempre criativa, logo diversos assuntos surgiam em sua cabeça, mas algo nela ainda precisava mudar. Acostumada com as folhas em branco dos jornais impressos, que na maioria das vezes eram preenchidas apenas por letras e algumas fotos, na nova fase teria que ir além. Estando em um outro tipo de mídia, agora precisava pensar em como preencher as telas da TV, onde as imagens valem muito.

— *E agora gente, será que eu vou dar conta?* - perguntava-se aflita.

– *Vai sim, Amanda. A gente tá aqui pra te ajudar nisso* - falavam as outras produtoras, que a auxiliaram na adaptação.

Ao contrário dos jornais impressos que cobriam a região administrativa de Presidente Prudente, composta por 53 cidades do Oeste Paulista, a Band era responsável por estar na casa de cerca de metade do estado de São Paulo. Com isso, todos os dias, Amanda recebia ligações das filiais em Araçatuba, Bauru, Marília e São José do Rio Preto e, pelo telefone, dava suporte para os repórteres e cinegrafistas que cobriam as notícias locais. Dada a extensão de cobertura da emissora, os critérios de noticiabilidade também variavam. Para ser notícia, quanto mais forte fosse e maior interesse público tivesse, melhor era para o telejornal, que deveria dar as principais notícias das cinco regiões em um curto período de tempo.

Quando adentrava a sala onde ficava a redação da emissora, era possível perceber uma equipe majoritariamente feminina. Representando um dos poucos homens de lá, estava Fabiano Leamas, um dos grandes amigos de Amanda e de toda a redação. Nos últimos dois anos em que esteve na emissora, é por ele que foi ajudada quando recebeu a oportunidade de começar a fazer matérias para a TV. Dentro do carro da reportagem iam o cinegrafista na direção, Fabiano como passageiro e Amanda no banco de trás. Toda aflita com a nova missão, já ia pensando durante o caminho sobre como iria fazer o texto, como ia entrevistar ou fazer a passagem. Chegando no local, o colega sempre lhe dava umas dicas.

– *Ó, Amanda, monta assim. Veja quais são as perguntas e com elas você já vai esquematizando em que sequência você vai colocar essas respostas em seu VT. Com isso, você já vai visualizando ele* - explicava Fabiano.

– *Ah, entendi* - escutava Amanda com toda a atenção.

– *Só toma cuidado para não repetir a informação do off na sonora* - orientava, dando dicas sobre os elementos da reportagem de TV.

Na rua, também pôde experimentar a parceria até mesmo entre emissoras tidas como concorrentes. Entre as multidões das coletivas, ela e os colegas seguravam os microfones um dos outros, caso estivessem em um local mais estratégico para conseguir emplacar o microfone próximo ao entrevistado. Nas ocorrências inesperadas, os chamados factuais pela linguagem jornalística, era comum que muitas vezes se chegasse ao local nenhuma informação prévia. Em algumas dessas vezes, enquanto cumpria outra pauta, Amanda recebeu uma ligação.

– *Amanda, tá rolando uma operação da Polícia Federal com o apoio do Ministério Público lá em Taciba. Corre pra lá!* - informaram da redação.

– *Gente, mas o que que é?* - perguntou assustada.

– *Só vai. Lá você pega as informações.*

Sem saber por onde começar, logo foi encontrar os outros colegas da imprensa que também estavam no local. Quando avistou-a, Maristela Coimbra, na época repórter da TV Record, aproximou-se de Amanda e foi lhe passando todos os detalhes da operação, orientando-a com quem poderia falar. Nova nas reportagens de rua, foi surpreendida pelo gesto da colega, que espontaneamente fez questão de ajudá-la. Na hora de gravar a passagem, Mateus Tarifa, que representava a reportagem da TV Fronteira, deu-lhe dicas de como se portar em frente às câmeras e quais informações poderia dizer na gravação. Na volta para a redação, Amanda foi refletindo sobre o que havia acontecido. Passando pelo desafio de começar na reportagem da TV, nunca tinha imaginado que pudesse encontrar união com os colegas de outras emissoras.

Mesmo quando deixava a redação para fazer suas primeiras reportagens, Amanda ainda conciliava a produção em sua rotina. Esta começava às 7h da manhã, quando chegava para ver os assuntos do dia, produzia algumas das pautas, saía para gravar, fazia a matéria, voltava para a TV, fechava o texto e ainda fechava o restante das pautas do dia seguinte para ela mesma e as demais equipes. No relógio, muitas vezes o ponteiro já marcava mais de 14h e Amanda finalizava os afazeres do dia.

Depois de quase oito anos nessa rotina frenética da TV, ela foi dispensada. Enquanto a chefia da emissora era modificada, a vida dela também foi alterada. Na época, já com dois filhos pequenos, viu-se desempregada. Mesmo com tantos anos de trabalhos prestados, ela e outros funcionários não foram poupados quando a empresa precisou cortar gastos.

Em março de 2020, logo após ter sido demitida, um caos emanou no mundo todo. Nos noticiários, falava-se de uma doença que até então ninguém conhecia, muito menos sabia como era transmitida e quais eram os melhores meios de prevenção. O vírus identificado em Wuhan, na China, como Sars-Cov-2, gerou a Covid-19, uma doença com um grau de transmissibilidade muito alto, que já fez mais de 4 milhões de vítimas em todo o mundo. Para evitar a contaminação, o uso de máscaras e o distanciamento social foram obrigatórios, empresas fecharam as portas e pessoas ficaram confinadas em suas casas. Entre elas estava Amanda. Diante do novo cenário, a jornalista não via uma perspectiva de retorno ao mercado de trabalho. Com a crise gerada pela pandemia, ninguém estava contratando, pelo contrário, muitos postos de trabalho estavam sendo encerrados.

A televisão foi um dos veículos de comunicação mais afetados. Acostumados a falar com diversas pessoas na rua e fazer imagens de todos os lugares, agora eles também teriam que se adaptar

a esses processos. A TV Fronteira, afiliada da rede Globo em Presidente Prudente, sempre foi popular pelos eventos que promovia, como o Mania de Cão, um dos mais famosos da casa. Contudo, como todos os eventos presenciais também haviam sido cancelados, a emissora teve que se adaptar.

Um belo dia, sentada no sofá enquanto brincava com os filhos, recebeu uma mensagem em seu celular. Era um amigo de longa data, João Pedrini. Os dois se conheciam desde a época do extinto Oeste Notícias, quando ele trabalhava como editor no jornal. Agora, como editor de rede da TV Fronteira, ele procurava a amiga para fazer-lhe uma proposta.

– *Amanda, acho que vai surgir uma oportunidade aqui na TV. É um freela, você tem interesse?* - convidou o amigo.

– *Lógico! Eu quero sim!* - aceitou, animada com a nova oportunidade.

Alguns dias depois, a jornalista foi chamada para conversar com Márcio Rubio, responsável pelo setor de programação da emissora. A ideia era que Amanda fizesse a produção e reportagem da reformulação do Mania de Cão, que, como não poderia mais ser feito presencialmente, tornou-se um programa especial. Mesmo com o acordo fechado entre os dois, os planos tiveram que ser adiados. Os números de casos da pandemia ficaram cada vez mais altos e a direção da TV optou por aguardar mais alguns meses para iniciar a produção do programa.

– *Oi, Amanda. E aí, vamos fazer?* - perguntou Márcio, buscando retomar os preparativos.

– *Vamos sim* - disse, prontificando-se.

– *Então é o seguinte, o projeto é um programa de trinta minutos em três blocos. Você vai produzir, fazer o roteiro, reportagem e apresentar* - explicou.

- Apresentar? Mas eu nunca apresentei, não tenho experiência em apresentação - respondeu, tomada pela insegurança mais uma vez.
- Mas você é jornalista, você dá conta - incentivou.
- Bom, então tá. Vamos lá!



A jornalista na 1ª edição do programa Mania de Cão 2020, lançado devido à pandemia da Covid-19, visto que o evento não poderia ser realizado presencialmente (Arquivo pessoal: Amanda Simões)

Enquanto produzia o programa, Amanda se dava conta de que tinha assumido um dos maiores desafios de sua vida. Embora um tanto receosa com a nova experiência, enquanto fazia as entrevistas em meio a gatos, cachorros e passarinhos, nas gravações, dava espaço para uma jornalista confiante, que, ao entrar em frente às câmeras, brilhava orgulhosa de sua superação.

Depois do sucesso do programa, ainda foi chamada para produzir mais outros dois programas especiais. Ao longo destas oportunidades, Amanda foi fazendo seu nome, mas mesmo gostando de todas as experiências que vinha tendo, o jornalismo diário ainda lhe fazia falta. Foi quando surgiu uma vaga na redação da mesma emissora de TV em que fazia freelas. Por conta do

afastamento de uma gestante, a jornalista foi chamada para suprir uma vaga temporária de três meses. Mais um desafio estava por vir.

Adentrando a redação, caminhava, pensando sobre o que teria que fazer em seu primeiro dia. Sentada em frente ao computador, ao olhar a capa de pauta, logo descobriu que faria sua primeira entrada ao vivo, no jornal Fronteira Notícias 2ª edição. As mãos tremiam, seu corpo suave, os pensamentos se embaralhavam:

– *Meu Deus, tantos anos de experiência, mas eu nunca fiz isso, será que vai dar certo?*

– *Vai sim, você é capaz* - apoiavam os colegas.

Atenção... três, dois, um, vai! Com a postura endireitada, microfone na mão e fone no ouvido para ouvir os comandos, Amanda encarou seus primeiros três minutos ao vivo. Mãos firmes e o pensamento concentrado nas informações que noticiaria, conversava perfeitamente com a apresentadora. Quando ouviu o “encerra!”, suspirou aliviada por mais um medo superado. Mesmo ainda impactada com a emoção do momento, sentia-se realizada.

– *Amanda, pelo amor de Deus, essa criança vai nascer. Você vai começar a entrar em trabalho de parto aqui. Vai descansar!* - dizia um dos colegas da redação na Band.

– *Não. Quanto mais tempo eu ficar aqui, mais tempo eu vou ter com ela depois* - explicava.

Em seu primeiro ano na Band, Amanda engravidou de sua primeira filha, Maria. Na época, a jornalista e seu marido João Henrique, que completavam três anos de casados, não haviam planejado a gravidez. Amanda não imaginava que tão logo ficaria grávida, já que, pelas suas contas, havia parado de tomar anticoncepcional há pouco tempo. Nem a gestação, os pés inchados no calor prudentino e o cansaço impediam que

ela estivesse na redação diariamente, das 7h às 14h. Como sua gravidez estava sendo tranquila, fazia questão de não faltar ao trabalho para que, depois que Maria chegasse, pudesse ficar todos os dias possíveis com a filha durante a licença-maternidade. Em uma terça-feira, Maria veio ao mundo cheia de saúde e Amanda seguia firme, mesmo tendo trabalhado até a última sexta-feira.

Na rotina turbulenta do jornalismo, Amanda sempre contou com uma rede de apoio: a mãe. Agora como avó, Jacira via seu amor de mãe triplicar pelos netos, que com tanto prazer fazia questão de cuidar. Enquanto a filha ficava presa em meio a telefonemas, e-mails e fontes na redação, a mãe dava todo o suporte aos pequenos. O marido João também sempre esteve presente. Em diversas vezes que Maria teve algum problema na escola, era ele quem ia resolver a situação, enquanto Amanda trabalhava.

Durante o primeiro ano da escola de Maria Luiza, a menina teve muitos problemas respiratórios. Reclinada no sofá com ela no colo, Amanda passava madrugadas sem dormir para que a filha pudesse adormecer. Se deitasse na cama, Maria não conseguia respirar, já no colo da mãe ela conseguia ter uma boa noite de sono. Mesmo passando horas da noite em claro, às 7h, Amanda estava na TV para dar início a outro dia de trabalho.

Na gravidez do segundo filho, Benício, enfrentou mais um desafio. Crescida em um lar inspirado pela área da educação, onde o irmão e a mãe eram professores, após fazer uma pós-graduação em docência, Amanda fez dois anos de Pedagogia.

Então resolveu tentar um concurso para dar aulas nas escolas públicas de Presidente Prudente, mas, em seu interior, não acreditava que isso realmente fosse dar certo. Em menos de um mês antes de dar à luz a Benício, lá estava ela na atribuição de aulas, pegando uma sala de 1º ano do ensino fundamental. Aquilo funcionou como plano B para ela, que via um futuro um tanto

quanto incerto no atual emprego. Assim, durante o último mês de gestação, com 14 quilos a mais e o inchaço da gravidez, Amanda conciliou as cinco horas de trabalho na TV no período da manhã e o restante da tarde na sala de aula com os pequenos alunos. Após o nascimento do filho, como não conseguia dar conta das quase três jornadas de trabalho, decidiu encerrar a sua curta carreira como professora e seguir no jornalismo.

Tal qual com Maria, enfrentou algumas dificuldades com Benício. Depois de vários exames, Amanda descobriu que o filho era alérgico à proteína do leite, por isso, frequentemente, se deparava com a pele do filho toda vermelha por reações alérgicas e dermatites. Logo depois, com apenas poucos meses de idade, o menino passou por dois quadros de pneumonia e bronquite em um intervalo de menos de seis meses. Jacira, que ficava com o pequeno em casa, ligava:

– *Amanda, ele tá com febre, já dei remédio e não baixa. A gente precisa levar ele ao médico - dizia a mãe, desesperada.*

– *Mas faltam só mais duas horas mãe, eu já vou sair. Deixa tudo pronto que, assim que eu sair, a gente vai - respondia Amanda, com o coração partido.*

Inspirada pelas histórias que ouvia do avô quando criança, Amanda sempre fez questão de registrar todos os momentos da vida dos filhos. À mão, mais uma vez utilizou da escrita a seu favor e com a caneta e o papel descrevia os mais sensíveis momentos desde os primeiros meses de sua gravidez. Como foi o primeiro exame, o que sentiu, com quem estava, como foi o primeiro aniversário ou a ida para a escola, tudo era registrado em pequenas cartas que são guardadas em duas pastas, uma para cada filho. Uma, exclusivamente, foi dedicada para falar sobre a pandemia que os

filhos presenciaram, mesmo sem ter muito discernimento sobre a situação. Para ela, as cartas funcionam como um HD externo, rico em detalhes, que muitas vezes poderiam ser perdidos ou esquecidos durante o crescimento de Maria Luiza e Benício.



Amanda, João e seus dois filhos, Benício e Maria, no aniversário de 42 anos do marido (Arquivo pessoal: Amanda Simões)

Assim como quem abre um baú com fotos e começa a revisitar suas memórias, olhando para trás Amanda conseguiu perceber que talvez o maior tesouro que conseguiu obter é fazer o que nunca lhe fizeram: dar voz e ouvidos ao outro. Mesmo que, ao fazer um balanço de sua vida, perceba que poderia ter tido mais oportunidades do que muitos homens que trabalharam com ela, sente-se realizada por ter chegado onde chegou..

A menina que corria para o quarto ao ver visita, tinha vergonha de fazer pedidos ao telefone e se expressava apenas por

meio dos textos e desenhos, hoje ganha o mundo com sua imagem passando as principais informações pela TV. Depois de tantas situações de assédio e ocasiões em que sua voz foi silenciada, a jornalista já não permite que lhe digam o que fazer.

Com o jornalismo, soube se dar mais oportunidades e chances de viver por si mesma. Acima de tudo, agora sob intensa luz que a profissão lhe concedeu, ela consegue se reconhecer como pessoa e dona de si. No dia a dia da profissão, muitas vezes ouve comentários que a fazem acreditar que tudo valeu a pena.

– *Você é a Amanda Simões, da televisão?* - disse um homem que caminhava pelo calçadão de Presidente Prudente.

– *Sim, sou eu* - respondeu surpresa. Amanda não esperava que em pouco tempo de TV já seria reconhecida.

– *Muito prazer, eu sou Jurandir. Acompanho sempre o trabalho de vocês. Eu vi que você começou agora e queria dizer que estou gostando muito do seu trabalho* - declarou o senhor.

Até aquele momento, Amanda nunca tinha se dado conta de como as pessoas a observavam e lembravam dela na televisão. Ao ouvir aquele senhor, a jornalista, que diante de todas as dificuldades que passou sempre questionava-se se estaria no caminho certo, teve sua resposta. Sim, tinha feito a escolha certa e viu que aquilo de alguma forma impactava a vida das pessoas, assim como a sua própria, pois com essa escolha havia vencido a timidez.

Jornalistas na história

TERESA MONTERO OTONDO

Em seu último ano de curso de Jornalismo na Cásper Líbero, Teresa Montero Otondo entrou na redação recém-formada do Jornal da Tarde. Contratada por Murilo Felisberto, disse que sua vontade era fazer de tudo no jornalismo. E fez. De 1964 a 1976, Teresa atuou em reportagem geral, produção e na editoria Internacional. Em seu primeiro ano no diário, em que só ela e mais uma mulher trabalhavam como jornalistas, foi escalada para fazer a cobertura do casamento de Pelé e, com as matérias, conquistou o Prêmio Esso de Melhor Reportagem. Teresa casou-se com um francês em 1967, com quem teve três filhas e sempre foi seu grande incentivador na profissão. Quando ganhou uma bolsa de estudos da Reuters Foundation para participar do programa John S. Knight Fellowships da Escola de Comunicação da Universidade de Stanford, nos Estados Unidos, o marido ficou tomando conta das filhas. Quando retornou ao Brasil, voltou para a redação d'O Estado de S. Paulo, onde, antes da viagem, colaborava no Suplemento Cultural. Entretanto, tornou-se a primeira mulher a editar um caderno de economia em São Paulo. Teresa ficou no periódico até 1992. Depois disso, com quase 50 anos de idade, aventurou-se em uma nova carreira na TV Cultura. No início dos anos 90, foi presidente da Comissão de Ética da Associação Brasileira de Rádio e Televisão (Abert). Atualmente, a jornalista representa a Television Trust for the Environment, uma ONG (Organização Não-Governamental) inglesa que distribui pelo mundo documentários sobre direitos humanos, meio ambiente e desenvolvimento sustentável, além de ter se tornado forte pesquisadora sobre a televisão brasileira.

Fonte: RAMOS, Regina Helena de Paiva. **Mulheres Jornalistas: A Grande Invasão**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2010.

Cássia *Motta*

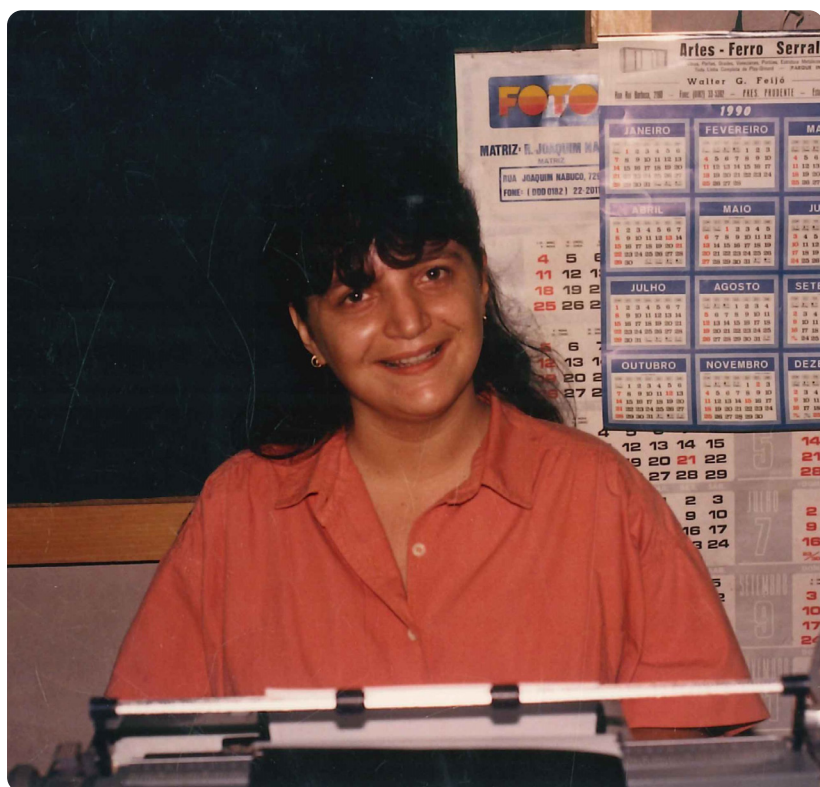
Rosas

Apesar de seus espinhos, é conhecida por sua exuberância e diferentes colorações. Gosta de solos argilosos, regas constantes e locais ensolarados.



Cássia Motta

Nos bastidores da vida



Cássia Motta em uma das máquinas de escrever da redação da TV Bandeirantes, em 1990 (Arquivo pessoal: Cássia Motta)

DESTOAR

No meio da tarde, o telefone tocou. Do outro lado da linha, a voz solicitava que ela comparecesse à respectiva sala assim que possível. Os últimos meses não haviam sido fáceis. Ocupando o cargo de editora-chefe do antigo SPTV 2ª Edição, renomeado para Fronteira Notícias 2ª Edição, da TV Fronteira, afiliada da rede Globo no Oeste Paulista, Cássia Motta desempenhava muitos papéis, dentre eles, auxiliar e orientar o trabalho dos produtores na emissora. No entanto, dentro de alguns meses, uma destas vagas na produção tentou ser ocupada por diferentes pessoas, que acabaram não se adaptando e migrando para outras empresas.

Depois de algum tempo já na emissora, um dos produtores resolveu mudar de cidade e deixar o cargo, dando início à busca por profissionais capacitados a ocupá-lo. A primeira pessoa a ocupar o posto foi uma jovem que, passado algum tempo, recebeu uma contraproposta do veículo em que trabalhava anteriormente e, pela maior afinidade com a área, resolveu retornar ao antigo emprego.

Veio o segundo.

Desta vez um rapaz. Contudo, o jovem não atendia às expectativas de Cássia, visto que a maioria de suas sugestões de pauta não continham dados suficientes para sustentar encaminhamentos, e por vezes, resultaram em matérias derrubadas e no incômodo da editora-chefe por ter seus conselhos ignorados. No entanto, o rapaz havia participado de um processo seletivo antes mesmo de ingressar na TV, e por isso, aguardava sua convocação, até que a mesma aconteceu e ele escolheu deixar a emissora.

Veio o terceiro profissional.

Enquanto este aprendia a atividades do novo trabalho,

nos corredores povoados da redação, Cássia caminhava em direção à sala em que havia sido chamada. Sua cabeça fervilhava repassando, mentalmente, a lista de afazeres do dia: redigir notas, checar informações, reestruturar pautas, passar os textos com os repórteres, fechar os blocos do jornal. A lista era longa, outras demandas certamente surgiriam, mas a adrenalina daquele ambiente repleto de comunicadores, notícias frescas, telefones tocando e digitações nos teclados dos computadores, a fazia sentir viva.

Dois toques na porta, ela estava entreaberta. Pediu licença, encostou-a e sentou na cadeira, pensando o que teriam de tão importante para conversar naquela hora.

– *Cássia, o que é que tá acontecendo?*

– *Como assim, “acontecendo”? Não entendi.*

– *Em menos de não sei quanto tempo, dois produtores do SP2 saíram. O que é que tá acontecendo? Porque eu não tô entendendo.*

– *Mas você quer dizer o que com isso?*

– *De repente, você tá sendo muito exigente.*

– *Exigente?! Mas você mesmo cobra qualidade da gente e que temos que botar no ar um jornal de qualidade.*

– *Olha, você questiona demais as coisas.*

– *Bom, eu sou jornalista. Se um jornalista não questionar nada e engolir o que vier, como é que vai ser?*

– *Mas é que você questiona muito, você destoa das outras editoras. Você fala, você exige...*

O corpo pulsante respondia ao nervosismo em ouvir aquelas suposições. As palavras, ditas sem nenhum desvio, ecoaram em sua mente pelo resto do dia, junto à preocupação com os filhos, uma das principais razões para não desistir, até mesmo após o divórcio com o marido alguns anos atrás. Ela endireitou a postura,

respirou fundo e seguiu.

No caminho de volta para casa, ainda inconformada com a ideia de ser culpada pela saída dos produtores, lembrou que, anos atrás, naquela mesma sala, foi confiada à chefia do telejornal, oportunidade que abraçou e defendeu todos aqueles anos. Ela não podia se permitir errar e nem aos outros. Dentro do carro, passando por entre as paisagens que a levavam para o lar, Cássia refletiu ainda que, em todos aqueles anos na TV, nunca viu uma mulher ocupar o posto de gerente de jornalismo. No máximo ocupavam o cargo de chefe de redação. Tantas reflexões que pairavam dentro de sua cabeça após um cansativo expediente, entretanto, ela mal esperava que, alguns anos depois, ainda naquela sala onde esteve mais cedo, seria demitida, após vinte anos trabalhando na emissora.

A mulher de cabelos curtos, unhas pintadas no tom café e sorriso largo, sabia onde estava e o caminho árduo percorrido para chegar ali. Gostaria, também, que outras mulheres tivessem a oportunidade de se enxergarem pertencentes a qualquer espaço que desejassem estar, por meio de sua maior paixão: o jornalismo.

Era oito de março. O alvoroço da redação segundos antes do jornal da noite entrar no ar caracterizava mais um dia intenso de trabalho. Enquanto ajustava a ordem dos blocos, de olho no relógio da parede, Cássia sentia um fio de ansiedade percorrer seu corpo. No teleprompter, a chamada que havia escrito para introduzir a matéria especial em comemoração ao Dia Internacional da Mulher ganhava a tela preta.

Em alguns minutos, os telespectadores das 56 cidades do Oeste Paulista conheceriam a história de duas profissionais, cujos cargos que ocupavam, majoritariamente, eram desempenhados por homens: uma bombeira e uma eletricista.

“O lugar da mulher é atrás do fogão, do tanque, em Paris, nas

redações, no Senado...”

O jogo de palavras, embora simples, defendia a ideia de liberdade e poder de escolha feminina. No fundo, Cássia sabia que, mesmo com a obviedade do discurso, podia levar mulheres a refletirem sobre suas reais vontades, sobre suas realidades. Nesse cenário, o jornalismo se apresentava, mais uma vez, como agente transformador. No entanto, a intenção não foi vista com bons olhos.

– *Cássia, não vai dar para entrar com essa “cabeça”. Ele acha que tá muito feminista.*

– *Feminista?! O que ele entende por feminismo? Será que ele acha que as mulheres estão contra os homens?*

– *Olha, eu não sei. Ele só pediu para reescrever.*

– *Eu não consigo. Eu não consigo mudar minha cabeça. Vou pedir para ele fazer.*

A ansiedade foi substituída pelo arraso. O que era para ser único, tornou-se mesmice. Naquele dia após o trabalho, ela não conseguiu esboçar um sorriso nem na presença dos filhos, durante um show de comédia stand-up. Enquanto as gargalhadas da plateia preenchiam o ambiente, Cássia era preenchida pelo misto de tristeza e indignação. Sentimentos que se repetiam em outras ocasiões dentro da emissora.

Com o copo na mão, cheio do café que havia acabado de ser passado, a jornalista retornava à sua mesa entre as tantas que compunham a redação da TV Fronteira e sustentavam computadores, papéis, canetas, telefones e a pressão de trabalhar com as hard news. No vai e vem das paradas obrigatórias, avistou a cena que se repetia há algum tempo. Um de seus subordinados, repassava informações diretamente com outras pessoas da redação, mesmo ela estando na mesa ao lado. Questionado

sobre o motivo pelo qual as dúvidas não eram sanadas com ela antes, ouviu, tantas vezes, que nas ocasiões em que elas surgiam, a editora-chefe não estava na mesa, sendo necessário recorrer a outros. Mesmo o colega sendo um bom profissional, Cássia já estava farta de ouvir as mesmas justificativas e, mais uma vez, respirou fundo e seguiu.

Certo dia, nos últimos dez minutos antecedentes ao início do jornal, uma nota mal escrita veio à tona. A informação havia sido repassada ao mesmo colega para ser atualizada, mas nada aconteceu. Nessa ocasião, outros da redação sentiram a necessidade de questioná-la.

– *Desculpe, mas, agora, eu não tenho condição de fazer isso. Se você tivesse falado para mim, eu teria reescrito, teria pedido para checar.*

– *Mas tem que entrar* - disse um dos colegas.

– *Tudo bem, eu vou colocar no último bloco, e vocês* – apontava para o rapaz – *chequem e escrevam a nota porque, se tivesse falado para mim, que estou fechando o jornal, eu mesma teria reescrito.*

Cássia pertencia àquela redação e ali era onde ela queria e merecia estar. A cobrança que fazia pela qualidade dos materiais apenas refletia o maior compromisso que, um dia, todos naquele prédio abraçaram: o de informar a sociedade com dedicação, verdade e qualidade. Contudo, em meio aos tantos desafios que enfrentava diariamente em seus trabalhos na redação, quando o quinto dia útil chegava, o valor disposto em seus holerites apresentava também a desigualdade salarial entre homens e mulheres em iguais cargos, fato que Cássia teve que conviver por alguns anos de sua carreira. Frente a tudo isso, a mulher que destoava por seus questionamentos e exigências, muitas vezes se cansava de sua luta diária, e por isso, em meio a tantas contestações que quase lhe saltavam a boca, por vezes preferia dar lugar apenas ao silêncio.

AS DIFERENÇAS

Após mais um dia cansativo de trabalho, Cássia retornava para a casa, dessa vez um pouco mais tarde do que o normal. À sua espera, no portão, Bob Roberto, um lhasa apso de pelagem marrom-clara e olhar carinhoso, o xodó da família. Ao adentrar a casa laranja do Parque São Judas Tadeu, número 264, ouviu o barulho do chuveiro. Nara, a filha mais velha, estava no banho e Lucas, o mais novo, no quarto. Após saudar os filhos, tirou os sapatos e sentou no sofá marrom da sala, revestido por uma manta branca, em formato losangular.

Na estante à frente, rodeada por CDs de Chico Buarque, Nara Leão, Raul Seixas e Legião Urbana, sua amiga fiel: a televisão. À sua esquerda, em um degrau saliente abaixo da janela, uma espécie de altar, com fotos dos filhos pequenos e, ao centro, uma antiga mala da avó, aberta, abrigando mais fotos, flores e duas garrafas antigas. Parada, ali, olhando aquele espaço simples, mas afetuosos, lembrou-se de como sua infância foi especial.



Cássia em seu aniversário de 2 anos. Ao lado esquerdo, o pai, Euclides, e a mãe, Maria, e à direita, a irmã mais velha, Fatinha (Arquivo pessoal: Cássia Motta)

Caçula entre os irmãos Fatinha e Luiz, que logo criança haviam sido adotados pelos pais de Cássia, e Paulinho, ela cresceu na Rua Santos da Vila Marques, uma pequena região localizada atrás da Apea (Associação Prudentina de Esportes Atlético), local onde a família era frequentadora assídua dos eventos. Um deles, especialmente, era marcado no calendário fixado no canto da parede. Os quatro dias do Carnaval eram circulados em vermelho, evidenciando a data comemorativa favorita de Cássia e de toda a família.

O relógio marcava dez horas quando a mãe acordou os quatro filhos para o café da manhã. Pelo chão da casa, restos de serpentinas e confetes coloridos denunciavam a folia da noite anterior. Nos quartos, as crianças, sonolentas, desfaziam-se de suas fantasias da noite passada, ansiosas para mais um dia de festa.

O som que ecoava do majestoso salão era um convite à diversão, que já estava garantida para a família durante quatro noites, além de matinês. Antes mesmo de chegar à rua da Apea, o coração de Cássia, ainda criança, disparava e um sorriso largo ganhava seu rosto. Os pais, Maria Martins Motta e Euclides Rabelo Motta, adoravam a festança e, desde cedo, incentivaram os filhos a gostarem também. Em meio a músicas, brincadeiras, confetes, espumas e serpentinas, os irmãos se divertiam em mais um carnaval da família Motta.

Quando a música cessava e as luzes se apagavam, era sinal de que chegava ao fim mais um dia de folia. Rumo à saída do local, a família decidia a próxima parada: Hotel Aruá. Fantasiados, decidiam degustar uma saborosa canja, ritual certo para repor as energias. Depois, iam para casa, dormiam e, no outro dia, tudo se repetia.

Estando em um novo endereço, agora na Rua Prudente de Moraes, no Jardim Aviação, próximo ao Ginásio Municipal de Esportes Watal Ishibashi, os Motta não abriam mão de sempre

estar em meio a amigos e da felicidade e alegria das reuniões no lar. A casa da família era tomada por amigos que, além dos pratos de comida e das bebidas, levavam seus violões, dando início às diversas comemorações, como nos aniversários de Euclides que se emendavam com as festividades da virada do ano nos primeiros dias de janeiro. No enorme quintal da casa, crianças, esposas e maridos punham a vergonha de lado e adentravam o local que se transformava em uma enorme pista de dança, performando canções populares.

Entre suas memórias mais saudosas e nostálgicas, também estava as viagens que levavam ela e a família à casa da prima Terezinha, em Rancharia, cidade do interior paulista. Ao lembrar dos momentos que dividiu com a família naquele lugar especial, instantaneamente, o cheiro de comida preparada no fogão a lenha ganha seu olfato.

Em certos domingos do mês, a mala de cada um dos filhos era preparada com, pelo menos, uma troca de roupa. O carro da família dava partida ao amanhecer, rumo à casa de alvenaria e madeira localizada a quase 60 quilômetros da cidade prudentina. Na estrada, entre cochilos e risadas, os irmãos Cássia, Fatinha, Luiz e Paulinho compartilhavam os planos para quando chegassem ao destino.

Ao contrário da maioria dos comércios, o ranchariense abria aos domingos, junto ao bazar de costura da prima Terezinha. Entre laços, presilhas e fitas, Cássia era consumida pelo aroma doce que percorria o ambiente, um cheiro único, familiar, sentido antes mesmo de cruzar a porta de entrada. Ali, a mãe comprava laços para amarrar os longos cabelos da filha, nas cores azul e branco, próprias do colégio onde estudava, o Cristo Rei.

– *Crianças, o almoço está na mesa!*

– *Eba! Macarronada da prima Terezinha!*

Até a refeição mais previsível para o almoço de domingo tornava-se ainda melhor quando feita pelas mãos da prima de Euclides, nas grandes panelas de ferro que aqueciam no fogão de lenha. O arroz temperado e os doces caseiros de abóbora e mamão eram únicos ao paladar e coração da família, principalmente de Cássia, cujos aromas permanecem em um cantinho especial de sua memória até hoje.

Espaço que divide o carinho e a saudade com as idas à casa do padrinho Zeca, em Assis, também no interior paulista. As cortinas de crochê, o papel de parede revestindo os cômodos, a cristaleira com os copos de cristal e o banco de madeira inteiriço onde as refeições aconteciam foram detalhes marcantes no imaginário da jornalista que, por vezes, ao assistir Sítio do Pica Pau Amarelo, apontava para a tela e dizia que era a casa do padrinho Zeca.

Embalada pelo afeto de amigos e familiares, Cássia firmou-se no mundo. A presença constante da avó materna, Claudia, que sempre dividiu a mesma casa com a filha, o genro e os netos, dona dos pães caseiros mais gostosos, era o afago que precisava para os dias em que o brilho do sol dava lugar à opacidade das nuvens cinzas.

Entre uma fornada e outra, o “nhoque doce especial da vovó”, preparado em uma das bocas vazias do fogão, ia ganhando forma. O cheiro de açúcar e canela misturados ao molho de tomate invadia os cômodos da casa, anunciando uma das sobremesas preferidas dos netos. Por trás da excentricidade da sobremesa, reflexos de uma vida dura quando a avó, imigrante italiana, aportou em terras brasileiras.

O barulho da colher raspando o prato revelava o fim da refeição mais saborosa da vida, cujo tempero, além dos tradicionais, era o amor. A avó deleitava-se em ver a neta devorando a segunda pratada de nhoque doce, preparada às pressas, para que pudesse comer antes de seus compromissos semanais.

Alguns anos mais tarde, acordada pelo barulho das conversas que vinha da cozinha, Cássia presumia o porquê do alvoroço. Agora, ela e os irmãos já desfrutavam da juventude e da vida adulta. Fatinha, por exemplo, dentro de dois dias iria se casar, e por isso, os preparativos estavam a todo vapor naquele dia. Adentrando o cômodo repleto de mulheres, avistou a boleira, dona Nair, dando corpo à massa do bolo que incrementaria as caixinhas de madeira, distribuídas ao longo da festa.

Para a jovem, era mais um dia comum na casa aberta a todos, palco de outras festas de casamento, como o da irmã de Fatinha e, até, de uma ex-namorada do tio Paulo, que morava com eles. Atravessar a infância e adolescência envolta à amistosidade do ambiente e das relações com os amigos, fez com que Cássia comesse a delinear seu futuro, mesmo inconscientemente. Incentivada pelos pais à cultura e à educação, nunca perdeu uma sessão de cinema aos domingos.

Sentada em uma das várias poltronas da imensa sala de reprodução de filmes, a jovem via o telão à sua frente dar forma a um dos atores mais populares do cinema brasileiro: Amácio Mazzaropi. A comicidade de seus filmes, vistos tantas vezes no antigo e tradicional Cine Prudente, conquistou até mesmo o pai que, hoje, aos noventa e dois anos, permanece fã do humorista.

Certa vez, acompanhada do irmão Paulinho, Cássia viveu uma das maiores aventuras no cinema. Ao passo em que subia a escadaria que levava às salas de reprodução, sentia seu coração bater acelerado. Há poucos segundos, o irmão havia conseguido a liberação de sua entrada com um amigo, para assistirem juntos a “Um Estranho no Ninho”, drama protagonizado por Jack Nicholson. O suor na palma das mãos, no entanto, denunciava

o fato de que ela não tinha dezesseis anos, faixa etária indicada para o filme. Mesmo assim, enxugou a mão na roupa, centralizou o olhar, respirou fundo e assistiu ao filme, que logo depois rendeu várias reflexões junto com o irmão que cursava psicologia.

O relógio na parede marcava uma hora da tarde quando, no portão da casa do Jardim Aviação, as palmas inconfundíveis da amiga Tetê sempre notificavam sua chegada.

– *Cássia, vamos! Estamos atrasadas.*

– *Tô indo, Tetê! Vou só pegar o óleo.*

– *Com o urucum?*

– *Esse mesmo!*

Óleo Johnson's com semente de urucum. Esse era o item que, em hipótese alguma, podia faltar na mochila que as amigas levavam para a Apea, rumo a mais um fim de semana com muito sol, piscina e conversas jogadas fora com as amigas.

Ao cruzarem a porta de entrada, avistaram Meire, Denilde, Sandra, Marcinha e Nadir, com suas bolsas trançadas e óculos escuros no rosto. O cheiro de protetor solar que circulava no ambiente era característico. Ao redor, crianças segurando suas boias coloridas à espera dos pais que, aos poucos, descarregavam os carros com produtos de sobrevivência para um domingo de sol prudentino.

Nas espreguiçadeiras dispostas simetricamente na grande área de lazer, as amigas estendiam suas toalhas, deitavam-se sobre elas e ali ficavam. Entre mergulhos, chuveiradas na ducha e cumprimentos aos amigos do Colégio Cristo Rei, sentiam o calor do sol penetrar em suas peles, fixando o pigmento da semente que as faria saírem de lá bronzeadas.

Próximo ao local em que estavam, Cássia avistava o majestoso salão de festas, o mesmo no qual compartilhou inúmeros carnavais

ao lado da família, durante a infância. Àquela altura, mesmo na juventude, o gosto pela folia da infância não havia desaparecido, e quando a data chegava, ao lado das mesmas amigas do Jardim Aviação, a jovem não admitia perder nenhum dia de um dos seus eventos favoritos.

Na sala de casa, ainda observando as fotografias de sua história, deparava-se com retratos de uma infância amistosa. Em uma das fotos, seu irmão mais velho, Luiz, segurava suas mãos, demonstrando o cuidado que sempre teve com a caçula. O menino de pele clara, olhos azuis e cabelos crespos, não se parecia com a irmã, mas isso nunca fez diferença para ela.

A chegada de Luiz ao mundo havia sido conturbada. Encontrado envolto a um pedaço de calça rasgada, na porta de uma propriedade rural da tia de Euclides, o recém-nascido, desnutrido, quase não sobreviveu. Ao saber da notícia, Maria Motta pegou a filha Fatinha e, juntas, dirigiram-se à chácara localizada próximo ao local que, hoje, é o Hospital Regional de Presidente Prudente (HR).

O corpo tenso em cima da carroça que atravessava a imensa estrada de terra denunciava o nervosismo da mãe, alimentado pela ideia em adotar mais um filho. Compartilhando o mesmo banco de madeira gasta, sua única filha, Fatinha, a quem pegou para criar com um ano e sete meses, pesando apenas sete quilos. O amor nutrido por aquela menina, no entanto, era maior do que qualquer coisa. Sentimento que a fez lutar pela vida da filha e proporcionar a melhor criação, dentro do possível.

Com os olhos fixos no bebê ensanguentado, que chorava sem cessar, Maria foi tomada pela emoção maternal. Não podia deixar ao relento uma criança tão pequena e indefesa. A família que a encontrou não tinha condições de criá-la, por isso, encaixou o

menino em seu peito e o levou para casa.

– *Você não sabe de quem é, Maria! Daqui a pouco vão querer pegar de volta!* - disse Euclides à esposa.

– *Eu sei, sim. Ele é meu! Nosso filho!* - respondeu Maria, firmemente.

A resistência do pai, no entanto, durou pouco. A cada ida ao pediatra, a afirmação de que o bebê não sobreviveria soava como uma flechada no peito dos pais que já haviam se afeiçoado pelo pequeno e, a todo custo, tentavam dar-lhe o melhor acompanhamento médico. O resultado veio em poucos meses: Luiz tornou-se uma criança saudável e peralta, contrariando a opinião dos profissionais.

Entre cortes de cabelo e arrumações de unhas, a mãe mantinha seu emprego num salão de beleza, até descobrir a gravidez do terceiro filho, Paulinho. O pai, por sua vez, passou por inúmeros trabalhos até firmar sociedade com uma loja de calçados que, tempos mais tarde, tornou-se própria: Selaria e Sapataria São José.

No casarão construído atrás da loja situada na Rua Barão do Rio Branco, no Centro de Presidente Prudente, a família viveu até a chegada da filha caçula, sete anos depois do nascimento do terceiro irmão. Os pais, que só tinham o ensino primário e fundamental, sempre buscaram oferecer a melhor educação para os filhos, incentivando-os a ingressarem na faculdade ou nos cursos técnicos, muitas vezes, sacrificando-se para pagá-los.

Olhando para a foto de papel preto e branca, guardada há tantos anos por ela, Cássia via uma pequena garotinha de vestido branco e laço no cabelo, com o rosto colado no do pai. Suas mãos, pequeninas, apoiavam-se sobre a gola da camisa de manga curta xadrez de Euclides, cujo olhar paternal era registrado pela câmera.

O pai não era o único apoio de Cássia e dos irmãos. Além da avó

e do tio, a família ainda contava com a ajuda de uma secretária, Maria, que contribuía nos cuidados com as crianças. Certa vez, durante a comemoração do Dia das Mães na escola de Cássia, a mãe não conseguiu sair da loja da família, pedindo à secretária para que comparecesse em seu lugar. Os olhinhos da menina procuravam, em meio à multidão, uma feição familiar até mirarem o sorriso largo de Maria. Nessa hora, o coração de Cássia quase saltou pela boca. A alegria em vê-la ali, compartilhando daquele momento especial, quase não coube em si.

A felicidade sempre foi um sentimento constante em sua trajetória, vindo principalmente das coisas mais simples, como as brincadeiras protagonizadas junto aos irmãos. De pés descalços, corriam pela rua atrás da bola, durante os jogos de queimada. O barulho do taco de madeira, atirando para longe a bolinha utilizada nos jogos de bets, e das rodas dos patinetes cortando o chão da rua ainda são audíveis em sua memória, assim como a frase que marcou o dia em que soube que Luiz não era, de fato, seu irmão biológico.

Ela tinha nove anos. Ainda sem compreender ao certo o que acabava de ouvir, sentia o desespero chegar só de pensar em perder o irmão a qualquer momento. O seu protetor. O processo, que foi tão natural à descoberta da adoção de Fatinha, tornou-se complicado quando Luiz foi o protagonista. Naquela noite, ela foi consumida pelo suor que sinalizava, no antigo termômetro de vidro, os trinta e nove graus de febre. Ela não queria perder o irmão e, até entender que, para todo sempre, ele estaria ao lado dela, foram muitas conversas. No entanto, essa era uma promessa que ninguém podia fazer a longo prazo.

Até que em 2012, Luiz morreu em decorrência de um infarto. Por um instante, Cássia foi tomada pelo sentimento que vivenciou intensamente quando criança. Infelizmente, essa não era a sua

primeira perda. Ainda no terceiro colegial, em 1983, enquanto realizava uma prova de vestibular em Londrina, havia perdido Fatinha, por conta de complicações pós-cirúrgicas ao retirar um cisto do ovário. Agora, eram somente ela e Paulinho junto aos pais.

Após o falecimento dos irmãos mais velhos, Cássia e Paulinho aproximaram-se ainda mais. Ele foi o espelho da jovem que, em 1985, saiu às ruas marchando em nome das “Diretas Já!”, movimento que mobilizou o Brasil durante o período da Ditadura Militar, reivindicando as eleições diretas ao cargo da Presidência da República.

– *A senhora sabe onde tá sua filha?* - falou uma das freguesas de Maria na selaria.

– *Qual delas?* - questionou a mãe.

– *A menorzinha.*

– *Ah, ela tá na praça!*

– *Mas ela tá com um negão!* - disse a mulher, surpresa.

– *Não, é o Sombrinha. Ele é nosso amigo...*

A convivência com várias pessoas e a defesa de causas sempre foram muito naturais a ela. Ainda criança, de mãos dadas com o amigo da família, Sombrinha, Cássia passeava pelo centro da cidade enquanto os pais tocavam a sapataria. O homem negro, de quase dois metros de altura, vestes claras e dentes a faltar, era o seu melhor companheiro, na ausência dos irmãos.

Mesmo após o falecimento do amigo, ela não tem ideia de seu nome. Sombrinha era conhecido por todos no bairro e chegou a participar dos desfiles da Escola de Samba Unidos do Jardim Paulista, onde também foi homenageado. Na selaria da família, as botinas eram feitas sob medida para alguém que deixou sua pegada na vida da jovem menina, ainda depois de tanto tempo.

QUERO JORNALISMO

– *Por que você não faz Direito? Você é bocudinha, vai brigar!* - disse a mãe, tentando influenciar a filha a escolher a mesma carreira do tio.

– *Ah, não sei... Será?* - dizia, ainda confusa sobre seu futuro.

– *Faz pelo menos a prova - insistia Maria.*

– *Quer saber? Vou fazer - resolveu Cássia.*

Influenciada pela mãe, resistente à sua inclinação pelo curso de Comunicação Social, e pelo tio Paulo Roberto Martinez, advogado, Cássia decidiu arriscar e prestar o vestibular para a faculdade de Direito. Sem sucesso na Universidade Federal do Paraná (UFPR) e contemplada na lista de aprovados da Toledo, centro universitário particular de Presidente Prudente, teve de tomar a decisão que definiria o rumo de sua vida.

A escolha pelo curso de Comunicação Social, no entanto, já havia sido feita muito antes que pudesse se dar conta. A casa sempre cheia, o contato com várias pessoas e o respeito às diferenças, aspectos tão naturais a ela e que fez questão de passar aos filhos, anunciavam o amor por comunicar e, mais do que isso, ser agente de transformação social.

Desde pequena, a curiosidade em saber o que acontecia nos bastidores dos jornais consumia a garotinha. Espiando as repórteres Sandra Passarinho e Glória Maria, na televisão da sala de casa, seus olhos, vigilantes, tentavam captar alguma pista por trás das câmeras que traziam a figura das mulheres que marcaram gerações. Mesmo sem entender o que acontecia à sua frente, Cássia permanecia ali, sozinha ou acompanhada por algum familiar, com o olhar fixo na tela.

Com o resultado do vestibular da Toledo em mãos, Cássia era pressionada para realizar a matrícula. A insistência da mãe para a filha ingressar no curso de Direito significava a possibilidade

de uma vida estável, como a do tio, Paulo. Segurança que não conseguia sentir diante da primeira opção de curso da caçula.

Maria Motta foi vencida, no entanto, pela persistência da jovem. Sob a desculpa de que, no dia seguinte, o resultado do vestibular da Unesp, onde havia prestado para Comunicação Social, viria à tona, ela adiou o pedido da mãe por dias, até que, por fim, ele saiu. O nome na lista de aprovados significava a maior conquista que já alcançara e o sorriso de orelha a orelha não negava.

Em meio aos corredores movimentados da Universidade Estadual Paulista (Unesp), na cidade de Bauru, cerca de 280 quilômetros de Presidente Prudente, Cássia tentava localizar o número de sua sala nas tantas placas fixadas próximo às portas. O nervosismo por estar sozinha naquele lugar desconhecido só não era maior do que a ansiedade que guiava seus passos rumo à sala de aula que, pelos próximos quatro anos, compartilharia sua vida acadêmica ao lado dos colegas.

Ao cruzar a porta estreita, avistou as inúmeras carteiras, uma a uma, sendo ocupadas. Ela nunca tinha visto tantas pessoas diferentes reunidas em um mesmo lugar. À medida que adentrava o espaço, os olhos, atentos, analisavam cada detalhe do local: a cor do piso, a localização da lousa, as janelas, as pessoas.

Foram naquelas salas que Cássia aprendeu, na prática, o princípio básico do jornalismo: ouvir os dois lados da história. No espaço em que tantas realidades se cruzavam até alcançarem um mesmo ponto, um novo mundo surgiu diante de seus olhos. Mundo esse habitado por pessoas extraordinárias, tão diferentes entre si, mas que foram essenciais para a nova fase de sua vida longe dos pais e de sua terra natal.

– Alô, Márcia? - disse Cássia, em uma ligação para uma colega que havia conhecido no dia do vestibular.

– Oi, Cássia! Você passou?! - respondeu Márcia no outro lado da linha.

– Passei! E você?

– Eu também! Ai, o que a gente vai fazer? Onde será que vamos morar, ein?! - perguntou a colega.

– Eu também não sei, mas calma. Meu pai vai passar por Marília e levar a gente para ver uns pensionatos em Bauru, tudo bem? - propôs Cássia.

– Claro! É só me passar o dia.

– Combinado.

Em sua primeira ida a Bauru, para fazer o vestibular, a jovem havia se hospedado em um pensionato de freiras localizado pela mãe, onde conheceu Márcia, que veio de Marília, também interior paulista, para conseguir uma vaga no curso de Processamento de Dados, atualmente, Tecnologia da Informação (T.I). Na pensão construída no centro movimentado de Bauru, na Rua Rodrigues Alves, ela e a colega trocaram telefones.

Poucos dias antes de as aulas começarem, Euclides, que, naquela época, trabalhava como representante comercial, levou a filha e a amiga de volta à cidade universitária em busca de uma estadia para as jovens. À medida que cruzavam a enorme Avenida Nações Unidas, os olhos da jovem Cássia eram cativados pela arquitetura diferente da que estava acostumada a ver pelas ruas de Presidente Prudente.

As construções robustas que cercavam a via durante o trajeto em nada pareciam familiar, mas, ainda assim, a vontade de explorar esse novo universo era maior do que o medo frente ao desconhecido. Após tantos anos nas asas protetoras da família,

era hora de levantar voo.

Nas proximidades da avenida pela qual os ônibus que seguiam para o campus da Unesp passavam, o carro de Euclides estacionou em frente a uma casa. Ao cruzar o portão, ele se deparou com a dona do aposento, uma mulher com a qual não foi com a cara, porém, devido à falta de opções, fechou negócio. Em alguns dias, aquela seria a casa de sua filha.

Malas prontas e o corpo pulsante. Dentro de poucas horas, Cássia enfrentaria trezentos quilômetros de estrada rumo à maior aventura de sua vida. O aroma de café recém-passado pela mãe invadia os cômodos da casa e, enquanto tomava um gole, percebeu como sentiria falta daquela rotina. Agora, sem Fatinha e com os dois filhos mais velhos morando fora, ela não fazia ideia dos pensamentos que, sem pedir licença, invadiam a cabeça dos pais.

Era essa a explicação para a insistência da mãe em fazer com que sua “besourinha de ouro” ingressasse na faculdade de Direito da cidade e permanecesse próximo à família? Ela não sabia. Sua única certeza do momento é que precisava trilhar o próprio caminho. E assim fez.

Na estrada, observando a paisagem que ganhava forma ao amanhecer, ela repassava a lista de conselhos dados pela mãe durante sua estadia em Bauru. Os olhos cansados denunciavam a noite de sono mal dormida, provocada pela ansiedade em imaginar como seria sua nova vida longe de casa.

De repente, sua atenção foi tomada pelo barulho da buzina dos carros, sinalizando a proximidade com o pensionato. Ao chegarem no local, o carro, carregado de malas, pouco a pouco ia se esvaziando, dando lugar à saudade.

No quarto que dispunha de duas camas beliche, um guarda-roupa e uma escrivaninha, Cássia dividiu suas noites ao lado das

amigas Márcia, a quem já conhecia, Tânia e Tarsila, irmãs que vieram de Santa Cruz do Rio Pardo para cursar faculdade. As roupas, amontoadas na mala, ilustravam a falta de espaço no quarto para guardar os pertences, mas, ainda assim, ela estava onde queria.

O primeiro ano de faculdade da caçula dos Motta foi marcado pela novidade. Em certas noites, as amigas de pensionato saíam para as baladas de rock bauruenses em busca de explorar o que havia de diferente na cidade. Curiosidade que era o combustível da jovem em sala de aula, cujo ingresso no curso de Jornalismo ocorreu, de fato, após dois anos de graduação em Comunicação Social, período de tronco comum entre os cursos.

A melodia que ecoava pelos corredores da Unesp declarava aberta a temporada de shows ao vivo na faculdade. Em meio às aulas de Psicologia Social, ministradas pela professora Salete, Cássia era convidada pelos colegas a ir para a área externa curtir as apresentações de MPB e samba, gêneros aos quais nutre admiração até hoje e preenchem a estante recheada de CDs, em sua casa.

Contudo, não foi só explorando a cidade e as novidades da faculdade que Cássia ocupou seu tempo durante os quatro anos que permaneceu em Bauru. A menininha que ficava horas em frente à televisão, tentando descobrir o que havia nos bastidores dos jornais, via a solução do mistério aproximando-se cada vez mais rápido.

Em meados da década de oitenta, a oferta de estágio aos futuros jornalistas era quase nula, ao contrário do cenário encontrado hoje. Por isso, a estudante teve de guardar a vergonha no bolso e ir em busca de qualquer oportunidade que a fizesse aprender, na prática, sobre o universo fascinante do jornalismo para além das quatro paredes da sala de aula.

Sem muitos ensaios, a oportunidade de estagiar em uma rádio local, junto a um colega de turma, veio. Todas as tardes, o compromisso da jovem era, naquela sala revestida pelo isolamento acústico, que dispunha de bancada e equipamentos tecnológicos, fazer chegar à casa das pessoas as últimas notícias do dia. Ali, Cássia começava a entender a dinâmica interna de um veículo de comunicação.

A esta altura já fora do pensionato e morando provisoriamente com o irmão e a cunhada em um apartamento na cidade, ao saber que a editora-chefe da Globo de Bauru, Neusa Rocha, daria a ela um estágio na emissora, Cássia ficou extasiada. Ela mal podia acreditar que, finalmente, conheceria todos os processos de uma redação jornalística televisiva.

Ao adentrar o prédio, foi tomada pela emoção. Ela nunca havia pisado em um lugar como aquele. O vai e vem das pessoas, os telefones tocando sem parar, as tantas máquinas de escrever dispostas sobre as mesas, o cheiro de café característico, o bater dos sapatos no piso dos corredores. Esse universo, que parecia tão distante a ela, começava a tomar forma diante dos seus olhos.

Por um mês, nos períodos da manhã e, às vezes, da tarde, a jovem fazia a rádio escuta, levantando informações que, posteriormente, seriam repassadas ao produtor para torná-las matéria ou não. Os períodos de estágio na TV e na rádio, embora breves, significaram o início de sua trajetória na área, algo que ansiou e valorizou desde a entrada na faculdade, movida pela consciência de que era no dia a dia dos veículos de comunicação que toda dinâmica poderia, de fato, ser aprendida.

Ideia que defendeu e tentou repassar a todos os estagiários que cruzaram seu caminho na TV, por terem a oportunidade que, um dia, muitos em seus lugares não tiveram.

EXPERIÊNCIAS

1989. A jornalista, recém-formada, ainda se encontrava em Bauru na tentativa de conseguir um emprego. Os bicos que fazia, no entanto, não eram suficientes para bancar sua estadia por mais seis meses, período necessário para concluir seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Ainda que os pais ajudassem-na financeiramente, a alta demanda de afazeres, devido ao trabalho conclusivo, a impossibilitava de trabalhar e, por isso, decidiu voltar para Presidente Prudente.

Despedir-se da cidade que, por quatro anos, a acolheu e moldou como pessoa não foi fácil. Contudo, a alegria em de voltar para o lar, no seio acolhedor da família, trazia o aconchego de que precisava para o momento. Ao descarregar as malas do carro, uma mais pesada do que todas, trazia a saudade. Saudade do abraço apertado da mãe, da companhia do pai, do cheiro dos pães e bolos que propagava casa adentro entre uma fornada e outra. Era bom estar de volta.

No extremo oeste do interior paulista, Cássia continuou a saga em busca de emprego, agora, com o diploma na mão. Ainda sem experiência efetiva no mercado de trabalho, ela entregava os currículos nas redações de alguns veículos de comunicação prudentinos, como o jornal impresso O Imparcial e, na época, a TV Bandeirantes.

Avaga disponível na emissora, no entanto, era para reportagem, algo que arrepiava Cássia só de ouvir falar. Desde a faculdade, sua afinidade era com os bastidores, as engrenagens que, por trás do glamour das câmeras, eram responsáveis por colocar os jornais ao ar.

— *Olha, eu vou ser bem sincera com você. Eu não dou para isso. Não é, sabe, o meu perfil...* - disse Cássia a um dos chefes da TV

Bandeirantes em uma entrevista de emprego.

– Ah, mas...

– Não, não dá. *Desculpe. Se você tiver qualquer vaguinha, aqui, na redação, de produtor, do que for, eu prefiro* - respondeu, incisiva.

– Ah, mas tão bonita, vai ficar em uma redação escondida? - tentou argumentar o chefe.

– Sim, prefiro. *Eu não gosto de reportagem.*

Passados alguns dias, o telefone da jovem tocou.

– Bom, Cássia, *pela sua sinceridade, realmente não daria certo te contratar para a reportagem. O seu perfil não bate. A única vaga que temos disponível é para arquivista de filme. Você topa?* - propôs o chefe do outro lado da linha.

– Topo, claro! *Quando eu começo?*

Ela não imaginava que a conversa franca com Itanir Perenha, diretor da TV Bandeirantes, a prepararia junto à função que desempenharia tempos mais tarde. As longas horas que passava dentro da sala de arquivamento, descarregando as reportagens e organizando-as por datas, despertavam o senso crítico sobre a forma como estavam sendo veiculadas as notícias.

Àquela altura, a análise sobre o que colocaria ou deixaria de fora das reportagens acusava seu interesse pela edição. As idas despretensiosas à redação, em busca de entender como funcionavam os processos internos, despertava, cada vez mais, a vontade da recém-formada em participar daquele universo único.

Os comentários sobre a escolha por permanecer longe das câmeras não a fizeram desistir e tampouco minaram sua felicidade ao entregar a primeira nota, a promoção à editora de texto e, posteriormente, à editora-chefe, momentos que marcaram sua trajetória durante os três anos que permaneceu na emissora.

Em meio aos restos de construção da reforma do prédio,

os colegas atravessavam as salas sobre as tábuas de madeira do chão de concreto até chegarem à redação improvisada, no refeitório. Fora Cássia, mais duas mulheres integravam o quadro de funcionários da TV.

Na sala do prédio que, aos poucos, ia ganhando forma, mesas, ilhas de edição e máquinas de datilografia caracterizavam o local de trabalho dos jornalistas. Durante trinta longos dias, o colega Luiz Augusto teve de apresentar o telejornal Edição Regional dentro de um banheiro, único lugar possível de revestir com as espumas do isolamento acústico.

Diante dos desafios encontrados em sua primeira experiência profissional, ela partiu rumo à próxima, auxiliando Sinomar Calmona em um projeto que anunciava as ofertas das lojas do Prudenshopping. Produzindo textos e notas que seriam veiculadas junto às propagandas, ela mantinha relacionamento direto com os clientes atendidos, a quem recorria para confirmar informações.

Tantas foram as vezes, porém, em que Cássia ouviu dos clientes que preferiam conversar com o superior do que com ela. A cada frase dita do outro lado da linha telefônica, o corpo dela estremecia, contudo, a oportunidade dada pelo jornalista possibilitou que ela fizesse contatos e seguisse no trajeto que a levaria à próxima experiência: assessora de imprensa no departamento de marketing do Prudenshopping, local em que permaneceu por quatro anos.



*Cássia na sala do setor de assessoria de imprensa do Prudenshopping, em 1994
(Arquivo pessoal: Cássia Motta)*

Como se fosse ontem, ela lembra da primeira vez que adentrou a sala localizada em meio a tantas outras, naquele majestoso prédio. Os computadores de tubo dispostos sobre as mesas marcaram o início de uma nova era. Junto às colegas que preenchiam as cadeiras do departamento, Cássia teve de se adaptar à tecnologia.

O barulho dos dedos batendo no teclado do computador anunciava o longo dia de trabalho que a esperava. À frente da produção de releases, a jornalista dividia a rotina amistosa com o time de profissionais responsável por divulgar as ações do shopping, bem como a dos lojistas, composto por três mulheres. Sua concentração foi fisgada quando ouviu a porta bater.

– *Mas só tem mulher trabalhando aqui?! - disse uma pessoa ao entrar na sala.*

– *Desculpe, mas o senhor tem alguma reclamação? Estamos aqui para escutar.* - respondeu a gerente de marketing com firmeza.

Sem reclamações, a fala debatida rapidamente pela responsável pelo setor, ressoava na cabeça de Cássia. A sós com seus pensamentos, ela questionava o motivo pelo qual as pessoas avistavam problema em um departamento composto só por mulheres que desenvolviam seu trabalho com o mesmo compromisso e seriedade.

O gosto em ver as palavras delineando o rumo de tantas histórias estava no DNA de Cássia. Após sua jornada no Prudenshopping, resolveu se aventurar novamente no jornalismo diário, partindo para um dos jornais impressos de Presidente Prudente. No jornal Oeste Notícias, trabalhou junto a Homéro Ferreira, na editoria de negócios, antes de assumir o caderno de cultura, seu maior presente no veículo impresso.



*Cássia na redação do jornal Oeste Notícias em 2000
(Arquivo pessoal: Cássia Motta)*

Intitulado “Tem”, o caderno era preenchido por notícias do universo artístico, de música a artes plásticas, ao longo de oito páginas trabalhadas semanalmente por Motta e sua equipe. A entrevista com o estilista Ronaldo Éssper foi um dos marcos de sua atuação na pasta, apresentando a ela o amor não só pela edição, mas por dar vida às histórias de outras pessoas.

A cada matéria entregue, Cássia percebia que o jornalismo havia sido a melhor escolha de sua vida, mas, até mesmo o ofício mais apaixonante tinha, ao longo do caminho, obstáculos que ela precisava driblar. O carro parado no estacionamento, logo pela manhã, revelava mais um sábado de plantão no jornal. No andar do edifício preenchido pelas salas de redação, diagramação e fotografia, as matérias rodadas em Presidente Prudente e região ganhavam vida. À medida em que caminhava pelos corredores do prédio, sentia o ar fresco do ambiente contrastar com a temperatura externa. Não demorou muito até que avistasse duas colegas editoras, sua companhia ao longo do expediente.

Na parede que cortava a redação, o tic tac do relógio sinalizava os poucos minutos antes do fim do plantão das jornalistas, às duas da tarde. Os compromissos firmados ainda para aquele dia eram repassados por ela. Dentre eles, um muito especial: aproveitar o tempo com sua filha Nara, ainda bebê. Como de costume, o telefone começou a tocar.

Do outro lado da linha, uma voz ordenou que ficassem na redação e esperassem seu retorno sobre algo que estava acontecendo. Ela explicou, porém, que outra pessoa já havia pedido que não fizessem nada a respeito e fossem embora quando terminasse o horário de expediente. Sob os gritos ameaçadores de que seria despedida, desligou o telefone e foi embora. Na segunda-feira, foi chamada para uma conversa.

– *Você é uma incompetente!*

– Não, eu não sou. Fui orientada a não fazer.

– Eu mandei, você desobedeceu! Você tá demitida!

Antes que qualquer palavra pudesse saltar de sua boca, a discussão foi interrompida por alguém que, ouvindo as ofensas à jornalista em sua sala, não se conteve.

– Ela não sai. Se você não está satisfeito, saia você!

Impressionada com a situação que acabava de protagonizar, Cássia caminhava a passos lentos para sua mesa. Nem mesmo o copo de água que havia acabado de tomar foi suficiente para apagar a chama da indignação que ardia dentro dela. A maneira como foi tratada era inadmissível. Aliada ao estresse dessas situações, uma rotina frenética a fazia permanecer muito tempo longe da família, principalmente de Nara.

Depois de algum tempo no periódico, Cássia ainda passou a tentar conciliar uma jornada tripla de trabalho. Com um convite de cobrir por três meses as férias de um funcionário da TV Fronteira, a jornalista dividia seu tempo entre casa, filha e trabalho. Das sete da manhã às duas da tarde, ocupava o cargo de editora na TV, entrando no jornal uma hora depois, de onde sairia às dez horas da noite. Somando mais de doze horas de trabalho, teve que decidir por um emprego.

Há quatro anos no jornal impresso, para ela, a decisão mais viável era permanecer no veículo, junto ao caderno de cultura que, semanalmente, se dedicava com tanto gosto a fazer. No entanto, foi surpreendida pelo convite da emissora em permanecer na TV, como produtora. Ela aceitou o desafio.

O sonho da garotinha que, desde cedo, era movida pela curiosidade em saber o que se passava nos bastidores dos jornais televisivos, novamente estava sendo realizado. Cássia passou de produtora a editora e, por fim, editora-chefe do jornal da noite,

extinto SPTV, somando 20 anos de casa. Embora subisse de cargo, algumas situações ainda permaneciam as mesmas, não importava onde estivesse.

À frente de vários jornais, Motta via-se sobrecarregada em meio à produção de tantas pautas. Trabalho que deveria contar com o auxílio de outras pessoas da redação, mas que na maioria das vezes ficavam imersas em matérias investigativas, das quais ela nunca tinha a chance de participar.

Enquanto aguardava um entrevistado na linha, a jornalista refletia sobre o motivo de nunca ter produzido essas reportagens. Atuando há alguns anos, ela contava com uma vasta lista de fontes oficiais, incluindo policiais e delegados, o que tornava completamente possível sua atuação junto à editoria. O que fazia, no entanto, era sobrecarregar-se com tarefas que, embora importantes, deviam ser divididas igualmente entre os colegas.

Com carinho, lembrava da amizade com as fontes que conquistou ao longo de tantos anos na emissora, sobretudo em momentos críticos, como os ataques do PCC (Primeiro Comando da Capital) na região, que faziam com que as equipes de imprensa ficassem sempre em alerta. Eram constantes os dias em que Cássia saía da emissora, muitas vezes às quatro da manhã, e dirigindo-se ao seu corsa, olhava atentamente ao seu redor, com medo de que fosse atingida por um tiro como forma de retaliação por parte da organização criminosa.

Dividindo o mesmo ambiente de trabalho com o então marido Adilson, Cássia e o companheiro organizavam suas rotinas familiares com base nas escalas da TV. Em certos dias, ele era o responsável por buscar Nara na escolinha e vice e versa. A avó materna também ajudava ficando com a neta durante os plantões de fim de semana ou em qualquer eventualidade.

Um dia, no entanto, isso não foi possível. A jornalista foi pega de surpresa por uma das reuniões marcadas em seu local de

trabalho. Além da angústia em saber que o irmão mais velho, Paulinho, quase morreu devido a um aneurisma, a preocupação em com quem deixar a filha, já que a mãe estava acompanhando o irmão, em São Paulo, para uma cirurgia, consumia a mente de Cássia.

Chegando à conclusão de que não havia outra alternativa senão trazer a filha ou apenas um do casal comparecer à reunião, ela foi negociar a situação.

– *Eu e o Adilson não temos onde deixar a Nara. Eu posso trazer, ela fica quietinha, ou um de nós vem? Já que o assunto é para todo mundo, ele vem e me passa, ou eu venho e passo para ele.*

– *A reunião é para todos os funcionários da redação.*

– *Sim, eu sei, mas eu não tenho onde deixar minha filha. Minha mãe não tá aqui, ela tá com o meu irmão que, como você sabe, tá doente, fez uma cirurgia...*

– *Isso é um problema seu.*

Ao contrário do que esperava ouvir, as palavras acertaram-na em cheio, aumentando a preocupação sobre onde deixaria a filha naquela noite. Numa tentativa desesperada de obter uma solução, pediu ao marido para que tentasse novamente uma negociação.

– *Então, é que eu e a Cássia não temos onde deixar nossa filha, a Nara. Um de nós pode vir e passar as informações para o outro?*

– *Tudo bem! Você vem e ela fica com a filha.*

O mesmo pedido, para a mesma pessoa, e uma resposta diferente.

Cássia deu à luz à primeira filha em 1999, ano em que ainda estava no jornal impresso. Agora, trabalhando na TV, a rotina havia mudado. Fora de casa da uma da tarde até às nove da noite, quando chegava, a mãe de primeira viagem deparava-se com a bebê dormindo, episódio que se repetiu muitas vezes. Os plantões

aos finais de semana eram ainda piores e a festa de dois anos da filha foi marcada pela correria que antecedeu um deles.

Era um domingo. De olho no relógio da redação, que marcava uma e meia da tarde, ela calculava o tempo que gastaria até chegar em casa, almoçar, tomar banho, arrumar a filha e correr para a casa da mãe, onde seria realizada a festa, às quatro da tarde. O plantão do marido no dia anterior impossibilitou que a família comemorasse no sábado, restando apenas o domingo. Contudo, a correria foi compensada ao ver os olhos brilhantes da filha mirando os familiares.

Na maternidade, porém, nem tudo é festa, principalmente quando a mãe está suspensa sobre uma corda bamba, tentando equilibrar carreira e filhos. Naquele dia, Cássia sentiu-se dessa forma.

Em meio ao tumulto da redação, um dia a jornalista foi pega de surpresa pelo telefonema da mãe de uma amiga da filha, dizendo que Nara estava passando mal, vomitando. Sem pensar duas vezes, ela largou tudo o que estava fazendo e avisou o pessoal da redação que estava indo levar a filha ao hospital. Enquanto, apressada, arrumava suas coisas, a jornalista ouviu:

– *Perguntaram se não dá para sua filha ficar com o pai, e ele levar ela ao médico?*

– *Não, não dá!*

Embora soubesse que, assim como ela, o pai também podia levar a filha ao médico, Cássia não daria as costas à Nara. Foi para ela que a mãe da amiga ligou. Era ela que iria ao encontro da filha, não importava o motivo.

No caminho do centro médico, vendo a filha naquele estado, refletiu sobre o tratamento dado às mães não só dentro das redações, mas na sociedade. Certa vez, ouviu que os filhos de uma colega de trabalho não paravam de ficar doentes. Como se

quisessem, tivessem escolha. Ora, as mesmas pessoas já haviam sido crianças um dia e também precisaram ir ao médico. Para elas, na melhor das hipóteses, uma mãe estava doando tempo e cuidado para sua recuperação. Ela tinha o direito e a obrigação de fazer isso pela filha.



Cássia com a filha Nara, à espera do segundo filho, Lucas, em 2003 (Arquivo pessoal: Cássia Motta)

Em março de 2003, a jornalista viu estourar o palco dos acontecimentos envolvendo o PCC e sua atuação na região. Grávida de seis meses do seu segundo filho, a notícia de que

o juiz Antonio José Machado Dias, o “Machadinho”, havia sido assassinado tomou os corredores da redação. No entanto, o fervor não era só por isso. Trabalhando em meio ao calor que aquece os termômetros prudentinos, ela caminhava de um lado para o outro em busca de informações.

Já era madrugada quando os pés, inchados, eram engolidos pelos sapatos. Nessa ocasião, Cássia “desceu do salto”, mas manteve o compromisso de entregar um material de qualidade às pessoas que recorriam aos jornais da emissora para saberem a respeito dos desdobramentos dos acontecimentos.

Com a chegada de seu caçula, Lucas, em 2003, a logística da jornalista tornou-se ainda mais complicada. As festinhas de Dia das Mães nas escolas eram cronometradas para que ela pudesse sair de uma e chegar a outra a tempo de ver os filhos se apresentarem. Ainda assim, Cássia nunca deixou apagar a chama que mantinha seu amor vivo pelo jornalismo, bem como por todas as experiências que ele podia proporcionar.

Com os dois filhos pequenos, ela sempre contou com os familiares, sobretudo pela mãe e pelo pai, para cuidar das crianças. O período de amamentação de Lucas, no entanto, foi conturbado. Durante as horas combinadas, o pai levava o bebê para a redação para que Cássia pudesse alimentá-lo. Sem um espaço destinado a essa demanda, ela recorria aos camarins. O abre e fecha das portas, contudo, fazia com que o pequeno se distraísse e o processo se tornasse mais complicado, distanciando o momento íntimo entre mãe e filho.

Revezando, com o marido, os compromissos de levar e buscar os filhos nas aulas de dança, inglês, catecismo ou qualquer outro tipo de atividade que envolvia deslocar-se de um trecho para o outro, ainda assim, o cansaço mental transpassava o físico, quando Cássia chegava em casa. Em certos momentos, ela só queria se recolher,

ficar a sós consigo mesma, para colocar os pensamentos no lugar.

Um dos momentos mais difíceis, entretanto, foi quando viu-se sozinha com os dois filhos, naquela casa que parecia ser muito maior do que realmente era. Em 2015, ela e Adilson divorciaram-se, após vinte e dois anos juntos. No dia seguinte à decisão, lá estavam eles, tendo que conviver na mesma redação que, ao contrário de sua impressão sobre a casa, ficou pequena demais para os dois e toda repercussão sobre o ocorrido.

Demorou um pouco até que o grande vagão, que é a vida, entrasse nos trilhos novamente e o ex-casal estabelecesse uma convivência saudável, motivada pelo fruto mais bonito da relação: os filhos. Mas a vida de solteira a que Cássia já havia se adaptado novamente ainda não tinha sido superada por colegas, que incomodadas, frequentemente esbanjavam comentários.

– *Poxa, mas agora você tem que arrumar um namorado, né?! -* dizia uma das colegas.

– *Tenho?!?* - respondia Cássia, se fazendo de desentendida.

– *Sim, né. Ter alguém para compartilhar a vida, afinal, logo, seus filhos vão crescer, vão sair de casa... Você merece ser feliz de novo -* argumentava a colega.

– *Mas quem disse que eu não sou feliz?! Eu sou muito feliz! E não preciso de um homem do meu lado para que eu possa viver essa felicidade. Ela é minha!* - afirmava decidida.

Compartilhando a vida ao lado dos filhos, pais, irmão e amigos, que nunca soltaram sua mão, não tinha como sentir-se mais feliz.



Cássia junto aos filhos Nara e Lucas, com 7 e 3 anos, respectivamente (Arquivo pessoal: Cássia Motta)

SEMPRE APRENDENDO

Após uma vida inteira dedicada ao jornalismo factual, imersa na agitação das redações, Cássia viu-se integrada a um universo totalmente inovador. De frente ao prédio construído na Avenida Comendador Alberto Bonfiglioli, Jardim Itaipu, estava prestes a embarcar em sua mais nova aventura.

O fio de nervosismo que percorria sua espinha era um sinal de que estava viva e tinha a chance de se jogar em algo novo, não se deixando permanecer na zona de conforto, após encerrar um ciclo de duas décadas na emissora de televisão.

Ao cruzar as portas de vidro que davam acesso ao complexo da Fundação Inova Prudente, seu olhar contemplava a estrutura que, agora, seria o ambiente de trabalho da mais nova assessora de comunicação.

O imenso espaço de coworking, preenchido por inúmeras mesas e cadeiras, disponíveis ao público, era tomado pelas múltiplas cores que, em uma das paredes, dava vida a imagens e formas, como a releitura da obra Mona Lisa, de Leonardo da Vinci, e o rosto de Albert Einstein. As portas coloridas, que interligavam os espaços, tornava a vista ainda mais contemplativa e cheia de vida.

A curiosidade que a instigava na busca em descobrir e explorar todas as potencialidades daquele local era a mesma que sentiu nos veículos de comunicação onde trabalhou. Ela era intrínseca ao seu espírito de jornalista e, por isso, não cessava ao romper com os contratos.

Seu maior contrato, naquele momento, porém, era consigo mesma e com os desafios que propunha a enfrentar para se reciclar enquanto profissional e como pessoa. Atuando no Inova desde maio de 2021, junto à equipe de comunicação, Cássia aprende diariamente.

A jornalista que, anos atrás, editava as matérias sobre a fundação para colocar no ar, hoje, é a pessoa responsável por desenvolvê-las em uma frente de trabalho muito específica, que é a da tecnologia da informação, área na qual nunca atuou como assessora.

– Alô, professor? Sobre aquele tema que conversamos naquele dia, o senhor pode me explicar? E você pode ser didático, o mais didático que puder! Faz de conta que eu sou uma tiazinha que não tá entendendo nada...

– Pode deixar!

A vontade de estar sempre conectada com o mundo e com todos os processos que ocorrem dentro dele é o combustível de Cássia. Guardar a timidez no bolso e admitir que, não importa quantos anos de vida ou experiência profissional uma pessoa tenha, ela nunca vai saber de tudo é necessário. É um exercício

diário para que os olhos, a mente e o coração estejam sempre abertos ao novo.

Cássia sempre esteve aberta e, por isso, permaneceu crendo no fazer jornalístico, não importa em qual lugar esteja. A profissão é e sempre será dinâmica, volátil e transformadora, assim como a realidade das pessoas que, por sorte, têm seu caminho cruzado por ela. De uma forma ou de outra, o jornalismo cruzaria o caminho de Cássia, fazendo-a destoar mais uma vez.

Jornalistas na história

NÍSIA FLORESTA

Com o pseudônimo de Dionísia Gonçalves Pinto, Nísia Floresta Brasileira Augusta começou a colaborar com a revista O Espelho das Brasileiras em 1831. Por isso, é considerada a primeira mulher jornalista do Brasil. Nascida em 1810, em Papari, cidade que mais tarde recebeu o nome da jornalista, no Rio Grande do Norte, dominava o francês e o italiano e chegou a escrever para vários jornais do país, como o carioca O Liberal. Em seus trabalhos, introduziu temas como emancipação e direitos da mulher, escravidão, assuntos referente ao indígenas e preconceitos, comparando também a condição feminina com a de outros países. Nísia tornou-se também escritora, produzindo romances e ensaios sobre os direitos das mulheres. Uma de suas obras, Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens, é considerada um marco do feminismo no Brasil. Em 1852, dedicou-se à produção de artigos para alguns jornais, os quais posteriormente foram compilados em uma de suas obras, Opúsculo Humanitário, que consiste em uma coletânea de 62 artigos sobre a educação feminina. Nísia também adentrou-se no universo pedagógico e dirigiu um colégio para meninas no Rio de Janeiro. Com os filhos e viúva, morou em diversos países, como Itália, Alemanha, França e Grécia. Fez amizades com figuras importantes da história mundial, como Victor Hugo, Alexandre Herculano e, principalmente, Auguste Comte. Nísia faleceu no povoado de Bonsecour, na França, em 1885, mas seus restos mortais só retornaram ao território brasileiro em 1954, quando foram enterrados na cidade em que hoje leva o seu nome, próximo ao sítio Floresta, onde nasceu.

Fonte: RAMOS, Regina Helena de Paiva. **Mulheres Jornalistas: A Grande Invasão**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Faculdade Cásper Libero, 2010.

Luci *Castro*

Flor de mandacaru

Símbolo de resistência do nordeste brasileiro, este tipo de planta é proveniente de um cacto cultivado em locais de grande incidência de sol e clima seco. Suas ramificações com espinhos possuem a capacidade de captar e reservar água



Luci Castro

Raízes da mulher arretada



Luci Castro apresenta o jornal Band Cidade 1ª Edição (Arquivo pessoal: Luci Castro)

BAIANIDADE

– *Mainha, eu vou, eu vou, eu vou!*

Luci Dias de Castro fechou os olhos cansados das mais de 20 horas de viagem, faltavam ainda quatro antes do seu destino. Sua cabeça, porém, continuava agitada repassando as mudanças na sua vida que aconteceram nas duas últimas semanas. A conversa com a mãe, dona Ana Lúcia, sempre voltava à sua mente esperançosa, mas assustada.

– *Mainha, eu vou. Eu consegui uma bolsa para estudar em Presidente Prudente, interior de São Paulo. A senhora acha mesmo que eu deveria ir?*

– *Vá, minha filha. Se é sua vontade, vá. As portas de mainha sempre estarão abertas para você.*

Luci teve apenas 20 dias para arrumar toda a papelada antes de embarcar na viagem que mudaria, literalmente, o rumo de sua vida.

Baiana nascida em Palmas do Monte Alto, tinha a irreverência como um de seus traços de personalidade mais marcantes desde muito cedo. Embaixo dos cabelos castanhos e do olhar espevitado, a presença de alguém que nunca passou despercebida entre os amigos e familiares, pelo seu jeito comunicativo e falante.

A menina que, hoje, é uma mulher de 33 anos, ainda deixa escapar aos ouvidos de quem convive junto a ela vestígios de um sotaque arrastado, cantado, próprio da Bahia. Sob os céus de uma das cidades mais antigas do estado, firmada a partir da fé, ela nasceu e cresceu até os 19 anos entre as ruas de terra que abrigavam casas muito simples, mas acolhedoras, e as pouco mais de 20 mil pessoas que, atualmente, habitam o município contemplado com parte do bioma da Caatinga, tornando-o mais belo do que já é.

Quando fez a inscrição no Proni (Programa Universidade

para Todos), na tentativa de conseguir uma bolsa estudantil em uma instituição de ensino superior, não havia contado a ninguém, nem mesmo à mãe, testemunha de sua busca incessante por oportunidades no estado da Bahia, mas sem sucesso. Em Presidente Prudente, estado de São Paulo, havia conseguido o benefício para dois cursos: Jornalismo e Economia. O amor pelo primeiro falou mais alto.

Às vezes, porém, a decisão dá espaço à dúvida, mesmo quando tudo parece ter seu caminho definido. Isso porque, desde criança, o gosto pela comunicação se manifestava na menina. Ainda de olhos fechados naquele ônibus, Luci se lembrava de, na 7ª série, brincar de ser repórter. Ela subia nas carteiras e roubava a cena nos momentos de ausência da professora, indo à frente da sala e improvisando, com microfone, as matérias jornalísticas. Bagunças típicas da idade, mas que nunca tiraram seu título de boa aluna e os frutos que colheria, seis anos mais tarde, por isso.

Depois de inúmeras tentativas em conseguir uma bolsa estudantil perto de casa, Luci decidiu que iria morar no interior do Oeste Paulista, a mais de 1.500 quilômetros de onde cresceu e viveu. Sua família, sobretudo a mãe, sempre apoiaram-na. Era hora, portanto, de tornar realidade a brincadeira de criança, de chegar mais perto de concretizar seu sonho.

O ano era 2007, meados de junho. Ela tinha até o dia cinco do próximo mês para efetuar a inscrição na Uniesp (União das Instituições Educacionais de São Paulo), polo de Presidente Prudente. Aos 19 anos, enfrentaria 27 horas de ônibus até a cidade em que se estabeleceria pelos próximos quatro anos ou, quem sabe, pela vida toda.

A viagem parecia durar uma semana. Dentro do ônibus azul e amarelo, com todos assentos ocupados, Luci via, pela janela, a mudança vagarosa da paisagem. Aos poucos, as maniçobas, as

acácias e os mandacarus, vegetação característica do bioma da Caatinga, eram substituídos por bromélias, jequitibás e orquídeas, próprios da Mata Atlântica. O clima semiárido, por sua vez, dava vazão à semi tropicalidade singular do bioma que, hoje, ocupa aproximadamente 13% do território brasileiro.

Cada paisagem que via através do vidro, era como se transformasse em uma tela, onde os takes de memórias iam fazendo-a regressar aos momentos em família e, ao mesmo tempo, preparavam-na para abdicar de tudo isso, em prol de algo maior: o sonho de ser uma jornalista. Encostada no banco que, após tantas horas de viagem, não era mais tão confortável, um misto de sentimentos era morada no coração de Luci, ora habitado por dúvidas sobre sua decisão de ir morar praticamente do outro lado do país; ora ansioso e apreensivo com a escolha que já havia sido feita.

Embora o percurso solitário de ônibus, na cidade, não estava completamente sozinha. A postos na plataforma concretada de desembarque da rodoviária, Adnalva aguardava ansiosa pela chegada da sobrinha que passaria dois anos em sua casa.

Ao ouvir o barulho do motor desligar, o coração de Luci disparou. Pela janela escura revestida de insulfilm, pousou seus olhos sobre a silhueta da tia, que quem não via há 12 anos. No pequeno hiato entre pegar a bagagem de mão e adentrar o estreito corredor povoado de passageiros, um filme passou em sua cabeça. O suor nervoso irradiava por seu corpo e aumentava conforme via o pequeno lance de escadas que a levaria a pisar, pela primeira vez, em solo prudentino.

O dia estava nascendo quando a jovem desceu do ônibus. De repente, já não estava mais na Bahia e a saudade de casa consumia o seu peito. Ao redor, inúmeras bagagens de quem, assim como ela, enfrentou um dia e três horas de viagem em busca de algo

maior no oeste do interior paulista. O veículo ainda emanava o calor de horas na estrada e o cheiro de fumaça do escapamento atribuía à rodoviária seu cheiro característico.

– *Luci, aqui!* – gritou a tia.

No caminho para a Vila Líder, onde Luci passaria os quatro primeiros semestres do curso de Jornalismo morando sob o mesmo teto de Adnalva, do marido dela, Sidnei, e da prima, Naiza, flashes de momentos antes de subir ao ônibus em Palmas de Monte Claro voltavam à sua memória.

Seus olhos, abatidos do percurso, tentavam traçar alguma semelhança com a cidade que, há poucas horas, havia deixado para trás, em uma Prudente movimentada e calorosa, um respiro urbano em meio ao interior paulista.

A presença da tia trazia o acalento de que Luci precisava para enxergar aquele lugar desconhecido, agora, como seu lar. Mesmo assim, não foi fácil. Quando o carro estacionou em frente à casa de seis cômodos, um nó formou-se em sua garganta. Ali, ela experimentou todos os sentimentos de quem começava a desbravar o mundo longe das asas da família e, aos poucos, sua ficha caía.

Embora vivesse em um ambiente tranquilo e acolhedor, por vezes, sentia que a sua presença incomodava, mesmo sem sua tia nunca ter reclamado. A saudade dos pais e dos irmãos gritava diariamente em seu peito, trazendo aos olhos marejados da jovem a realidade nua e dolorosa de quem não voltaria tão cedo para sua Bahia.

Os ventos, no entanto, trouxeram a irmã, Ana Paula, com então 19 anos, segunda entre os quatro filhos de Ana Lúcia e Percival, até Luci, dois anos mais tarde. Espelhada pela irmã mais velha, veio ao encontro do sonho de estudar Direito, oportunizado em Presidente Prudente. Para Luci, contudo, a vinda da irmã representou muito mais do que isso: era a calma em meio ao

mar agitado de sua vida.

Numa quitinete alugada, compartilharam a vida por 4 anos, assim como era na infância e adolescência. Os cômodos, embora pequenos, eram suficientes para abrigar o amor e a cumplicidade das irmãs. Entretanto, os ventos sopraram para outra direção. Ao contrário da mais velha, Ana Paula não se adaptou ao curso e, dada a possibilidade de transferência de trabalho para Salvador, voltou para o estado onde nasceu e cresceu.

Porém, antes de tudo isso, ainda no dia seguinte à chegada da baiana na terra paulista, o relógio marcava oito e meia da manhã quando Luci, mal tendo descansado após 27 longas horas de viagem, foi à faculdade, para realizar sua matrícula. No prolongamento da Avenida Coronel José Soares Marcondes, avistava, pelas janelas do carro do tio, o verde característico do interior paulista, uma região isolada em meio à frenesi urbana, cercada por pastagens.

Desde o primeiro dia, Luci foi recebida de braços abertos pelos prudentinos. Apelidada carinhosamente de Baiana pelos colegas de curso, vivia rodeada destes que, sabendo de sua dificuldade em estar tão longe de casa, tentavam fazer de tudo para alegrá-la. Com os professores não foi diferente. Para eles, Baiana era considerada como filha, tendo sido ajudada em diversas situações.

Contudo, mesmo tendo os tios por perto, o companheirismo dos amigos e o carinho dos professores, adaptar-se em um local tão diferente de sua origem foi um desafio. Durante seus momentos de reflexão, Luci não imaginava nem um terço de todas as dificuldades e caminhos que iria percorrer. Porém, de uma coisa ela tinha certeza: independentemente do que passasse durante essa assustadora e excitante jornada, a chegada em seu objetivo era o que valeria a pena e, para isso, estava convicta de que toda bagagem trazida consigo a ajudaria.

Na caixa que a acompanhava em sua mudança para Prudente, tapioca, queijo, manteiga, bolo e cocada. Comidas típicas que traziam ao paladar e coração da baiana o gostinho de casa.

A adaptação ao paladar prudentino foi a maior pela qual passou. As visitas ao mercado tornaram-se uma brincadeira de caça ao tesouro. O tesouro? Produtos que, na Bahia, eram facilmente encontrados e consumidos no dia a dia, mas, em Prudente, não tão comuns.

A cada ida à cidade natal, que acontecia uma vez por ano, ela aproveitava para encher o carrinho e carregar um pouco do gosto de saudade na mala. Saudade da feijoada, sarapatel e buchada que a mãe fazia, utilizando o melhor dos temperos: o amor.

Determinada em assumir uma nova vida em busca do sonho, Luci entendeu que a mudança também entregava-lhe a missão de andar com as próprias pernas. Longe do seio familiar, a jovem rejeitava a ideia de pedir dinheiro aos pais e, por isso, enquanto não conquistava a independência financeira, passou os dois primeiros meses na cidade com apenas os 300 reais que trouxe na mala.

A vida dava sinais de que tudo, aos poucos, entraria em seu devido lugar. Quando o dinheiro que havia levado já se transformava em algumas moedas e a preocupação com as possíveis despesas tomava conta de seus pensamentos, o alívio chegou. Em setembro, Luci foi contratada por uma empresa de call center. Ali, mesmo que indiretamente, começou a ter o seu primeiro contato com o jornalismo. Na função de operadora de telemarketing, vendia jornais e, por três anos e meio, essa foi a maneira que conseguiu estar próxima de alguns dos principais títulos da imprensa brasileira.

Foi, porém, na avenida Manoel Goulart, número 291, que a

jovem, aos 23 anos, experimentou de fato o clima do jornalismo diário. Logo após ter escolhido sair da empresa de call center, sob a explicação de que precisava finalizar seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), iniciou o primeiro estágio na Rádio Comercial, uma das principais emissoras AM de Presidente Prudente.

– *Você quer vir fazer estágio na rádio?* – convidou um amigo, durante o percurso que, todos os dias, faziam juntos no ônibus até chegar à universidade.

– *Mas eu nem tenho voz de rádio...* – respondeu, um tanto quanto insegura frente à nova oportunidade que se apresentava.

– *Ah, mas tenta. Vamos lá!* – insistiu.

– *Ah, eu não sei. Nunca fiz... Será? Bom, vamos tentar.*

O convite partiu do colega Ronaldo Nascimento, hoje um dos importantes nomes do rádio e do jornalismo esportivo da cidade. Luci estava um semestre à frente dele no curso, entretanto, o amigo já atuava como radialista. Além dele, a montealtense também trabalhou com outros grandes nomes do radialismo prudentino, como Osvaldo Torino, Cláudio Moreno e Laerte Silva, que, inclusive, também possui raízes nordestinas, herdadas do pai, que veio da Bahia para Presidente Venceslau, outra cidade do Oeste Paulista.



Osvaldo Torino, Xexeu e Cláudio Moreno ao lado de Luci na Rádio Comercial, em 2012 (Arquivo pessoal: Luci Castro)

Foi com a ajuda de Laerte que a jovem, ainda inexperiente na profissão, aprendeu as primeiras dicas e técnicas de voz para o rádio. Consciente do forte e imponente sotaque nordestino, o radialista sabia qual era a maneira ideal de padronizar a voz para o público e, assim, foi aconselhando a nova repórter.

– *Nosso sotaque é lindo! Mas tenta não falar tão cantado. É gostoso? É. Mas, para quem ouve e não está acostumado, pode cansar. Não é para tirar o seu sotaque, mas sim para diminuir essa coisa mais arrastada que temos. Tenta impostar mais a voz...* – aconselhava Laerte.

Apesar do respeito e receptividade encontrados na rádio, Luci também experimentou o preconceito devido a sua origem. Baseados no estereótipo cultural brasileiro, que se refere às pessoas baianas como “preguiçosas”, Luci ouviu, por diversas vezes, comentários nesse sentido.

– *Tinha que ser baiano nessa lerdeza toda... Isso é coisa de baiano, né?*

– *Mas eu sou baiana!*

– *Nossa, desculpa, não sabia que você era baiana. Mas você sabe que é verdade, né?*

– *É, né... – respondia sem graça e, ao mesmo tempo, com medo de ofender quem havia acabado de tê-la ofendido.*

Os questionamentos sobre a sua capacidade não se limitavam a sua terra natal, mas também pelo fato de ser jovem e mulher. Nos primeiros contatos com a profissão de jornalista, por diversas vezes, sentiu de entrevistados tons que colocavam em dúvida sua capacidade como profissional.

Como não tinha carteira de habilitação, durante o tempo que ficou na Rádio Comercial, ao sair para cumprir suas pautas, era sempre acompanhada por outro repórter. Ao descer do carro, Luci presumia o que viria pela frente. O olhar duvidoso lançado sobre ela por entrevistados embrulhava-lhe o estômago.

Permanentemente questionada sobre como iria organizar as informações, se sabia como anotá-las ou redigi-las nas matérias, a futura jornalista compreendia que os desafios e as adaptações, os quais ela viveu tão intensamente nos últimos tempos, estavam apenas começando num longo e custoso percurso.

Nesses momentos, ser embalada pelo abraço de mainha e painho era tudo o que Luci desejava. A saudade incessante de casa fazia com que a baiana, durante as férias de fim de ano, fosse visitar a família.

O mesmo ônibus que a trouxe para a desafiadora aventura de sua vida, a levava de volta, mais uma vez, para o aconchego do seu lar. O coração, palpitante, fazia o corpo de Luci pulsar compulsivamente. Pela janela em que, outrora, viu as paisagens semiáridas da Caatinga darem lugar ao clima tropical úmido da Mata Atlântica, ela via os cenários se modificarem novamente, mas, dessa vez, a mudança não a assustou, pelo contrário, trouxe o alívio de quem começava a se familiarizar naquele espaço. Em breve, a jovem estaria no seio da família, que tanto sentiu saudades, para recarregar as energias e encarar, por mais 11 meses, a distância que só aumentava o amor pela sua terra.



À direita de Luci, Paulo Henrique e, à esquerda, Percival, Ana Lúcia, Ana Paula e Persival Junior, com Gabriel no colo, durante a comemoração do Natal da família, em 2020 (Arquivo pessoal: Luci Castro)

NA MALA

Roupas, sapatos, documentos, comidas típicas, um envelope com 300 reais e o sonho de ser jornalista. Essa era a bagagem que Luci Castro trazia consigo, em uma grande mala preta, uma pequena mala azul e uma caixa. Tudo bem organizado, de modo que ficasse firme, em seu devido lugar. Contudo, pela agitação do ônibus ou dos pensamentos que invadiam a cabeça da jovem, que atravessava três estados rumo ao interior paulista, algumas coisas saíram do lugar de onde foram guardadas, com todo cuidado, há muito tempo – sentimentos e lembranças.



Da esquerda para direita: Persival Junior, Ana Paula, Paulo Henrique e Luci, os irmãos sempre unidos desde a infância (Arquivo pessoal: Luci Castro)

Filha de Ana Lúcia e Percival, Luci cresceu sob a companhia dos irmãos Ana Paula, Persival Junior e Paulo Henrique. Mais velha entre os quatro, a nordestina sempre teve um sentimento maternal, que se afluou ainda mais após um grave acidente com a irmã, fato que a marca até hoje.

Era uma tarde de 2001. A avenida Castro Alves, a única da cidade baiana de Palmas do Monte Alto, estava movimentada, com comícios que davam intensidade à corrida eleitoral. Luci e Ana Paula caminhavam entre as pessoas, mas, por um momento, separaram-se dentre a multidão. Logo após, avistou a irmã novamente, numa distância de cerca de 500 metros, porém foi em frente, tomando outra direção. Foi quando um motorista embriagado invadiu a rua na contramão e, ao tentar fazer uma ultrapassagem e evitar uma possível colisão frontal, jogou o automóvel pela lateral da via. Ana Paula estava no local errado e na hora errada. A menina foi prensada no meio fio, ocasionando uma gravíssima fratura no pé direito.

Internada por um mês, em Vitória da Conquista, cerca de 500 quilômetros longe de casa, na época, a menina de apenas 12 anos passou por cinco cirurgias de reconstituição do membro, precisando emendar nervos, vasos sanguíneos e ossos. Essa é uma imagem fixada na memória da jornalista que, mesmo não presenciando o acidente, convive com o trauma que a marca até hoje.

A mãe, Ana Lúcia, precisou acompanhar a filha no hospital e todo o ocorrido mudou completamente a dinâmica da família. Com 14 anos, as responsabilidades da vida adulta e o amadurecimento precoce bateram à porta de Luci. Durante a ausência materna e, na posição de primogênita, teve que ocupar o posto de “dona de casa”, ficando responsável pelos afazeres domésticos e cuidados com os irmãos Persival Junior, de 11 anos, e do caçula, Paulo Henrique, de seis. Os três chegavam a dormir sozinhos em casa, enquanto o pai, feirante, viajava de cidade a cidade em busca do sustento da família.

Seguindo o exemplo do pai, Luci precisou tomar as rédeas da própria vida e, como parte de seu processo de independência,

já em terras prudentinas, viu-se revisitando antigos traumas da adolescência, que traziam à memória o dia do acidente com a irmã e os desdobramentos do fato sobre a vida da família.

Ainda no início da carreira, Luci viu um amigo, muito próximo à família com quem compartilhou seus primeiros dois anos no Oeste Paulista, perder a vida num trágico acidente. Ela estava próxima à universidade em que, nos últimos quatro anos, aprendeu o ofício do jornalismo. Nas ruas, porém, a situação era outra. Embora acostumada às hard news, um jornalista, por mais experiência e domínio de técnica que tenha, nunca está preparado para transformar em notícia uma tragédia envolvendo alguém tão próximo.

No prolongamento da rua Coronel José Soares Marcondes, cortada pela extensa faixa de grama que separa os sentidos das pistas, um caminhão, sentido aeroporto, tentou fazer uma curva que dava acesso a outro bairro.

Aquela altura, a sucessão de acontecimentos revirava o estômago da jornalista, não só pela cena, naturalmente traumática, mas também por sua experiência pessoal ainda na Bahia. A tragédia, tão súbita, repercutiu de forma lenta, quase eterna, aos olhos da repórter.

Olhos que testemunharam, tempos antes, outra tragédia, dessa vez, envolvendo uma idosa. Era mais um dia normal de trabalho, na Rádio Comercial AM, e Luci repassava as notícias para suas entradas ao vivo no decorrer da programação. De repente, uma movimentação estranha do lado de fora fez com que ela e os colegas saíssem em disparada para entender o que havia acontecido.

Próximo à autoescola e ao posto da esquina, separados por um canteiro central, uma senhora tentou atravessar a extensa Avenida Manoel Goulart para chegar ao outro lado, mas teve seu

percurso interrompido por uma moto, que não a viu e a acertou em cheio, ocasionando uma fratura exposta.

Ao se deparar com aquela cena, flashes do dia em que a irmã, Ana Paula, sofreu o acidente, vieram em sua memória. O suor frio escorria pelo corpo da jornalista que sentia na pele os efeitos do trauma que ainda não havia superado. Os pensamentos pesaram tanto que, em questão de segundos, Luci ficou tonta e desmaiou, chocando-se com o mesmo chão que, minutos antes, era palco de um trágico acidente.

Ainda na bagagem de recordações, Luci trazia a memória de 19 anos junto à família, no interior da Bahia. A união era marcante entre os Dias de Castro. Dona Ana Lúcia sempre prezou pelas refeições compartilhadas ao redor da mesa. Um a um, os filhos eram acordados, logo cedo, pela mãe, para tomar o café da manhã, um dos principais momentos de alimentação da casa. Seu cuidado maternal os poupava até mesmo de levantar para repetir a comida, sempre temperada do jeito que só a mãe sabia fazer. Panelas, pratos e talheres eram dispostos ao centro da mesa, muito próximos, traduzindo o desejo da matriarca em manter-se sempre junto aos filhos.

Hoje, o picado de arroz, também popular entre a família, tem gosto de nostalgia. O ano era 2002, Copa do Mundo no Japão e Coreia, e a família vibrava, durante a madrugada, com a performance do Brasil em campo. Enquanto a bola rolava, pais e filhos deliciavam-se com a refeição feita à base de carne picada, arroz e legumes. Com o vento gelado anunciando o inverno e a madrugada, eles entrelaçavam-se em meio às cobertas, no sofá da sala, onde comemorariam, horas mais tarde, o pentacampeonato do futebol brasileiro. Dia marcante não só para a Seleção, mas também para Luci, que tomou seu primeiro porre de caipirinha, aos 14 anos.

Por trás dos momentos fraternos, os reflexos de uma vida dura no sudoeste da Bahia eram visíveis em alguns comportamentos dos pais de Luci. A educação tradicional e conservadora, comum à época em que viveram, também foi atribuída aos filhos. Por isso, assuntos considerados tabus eram pouco discutidos. Como quando viveu a transição de menina para moça, com a sua primeira menstruação.

Há alguns dias, a jovem vinha sentindo seu corpo estranho. As pontadas de dor ao pé da barriga, a mudança repentina de humor e a indisposição para certas brincadeiras as quais já estava acostumada, começaram a chamar atenção. Decidiu guardar para si, talvez fosse somente impressão – mas não. Poucos dias depois, ao despir-se para o banho, notou uma manchinha vermelha estranha em sua veste íntima e, não sabendo a quem recorrer, pediu ajuda à vizinha, com receio de que, se contasse antes à mãe, ela relatasse o fato ao pai.

Este, por sua vez, era o que mais apresentava esse olhar conservador. Na adolescência de Luci, esse fator foi muito presente, indo de encontro ao gênio forte da garota, que já dava indícios da construção de sua personalidade, mesmo tão jovem. Um de seus últimos castigos foi motivado justamente pela não validação do pai a uma amizade com a vizinha que, segundo ele, tinha “má fama”.

Esse traço determinado que Luci já carregava na juventude permanece consigo até hoje e, sobretudo, foi um ponto crucial para que pudesse dar passos largos ao longo da vida, como no ingresso ao ensino superior a mais de 1.500 quilômetros longe de casa.

Durante os quatro longos anos da graduação, o contato com a mãe, por exemplo, limitou-se às constantes ligações telefônicas. Em muitas delas, a frase sempre dita era: “está muito difícil, mainha! Não aguento mais”. Mesmo sabendo que Luci estava

seguindo o seu sonho, mas compadecida por a filha estar tão distante de casa, Ana Lúcia sempre frisava:

– *Ai, Lu, cê sabe que a casa de mainha tá aberta. Se você quiser voltar... mas você vai deixar o curso pela metade?*

E mesmo em meio a tanto sacrifício e saudade, Luci não deixou. Persistiu ano a ano, revendo a família na Bahia somente nos recessos de dezembro e contentando-se com as ligações nos meses restantes.

Entretanto, o tão esperado junho de 2011 chegou. Com ele, um enorme sentimento de missão cumprida tomou conta de Luci. Com uma turma pequena, de apenas cinco formandos, a jovem baiana se tornou jornalista aos 23 anos. Ao lado dela, estavam mainha e painho, como são carinhosamente chamados. Ambos tiveram o privilégio de prestigiar a formação superior da primeira filha, fato até então inédito, principalmente para o pai que, tampouco, conseguiu concluir o ensino fundamental.

Com os olhos cheios de lágrimas, Percival conduziu a filha na entrada dos formandos e, mesmo sem dizer uma palavra, era perceptível que o orgulho transbordava pela sua face. O jeito retraído, que sempre foi um traço do relacionamento entre os dois, ainda se fazia presente mesmo em um momento tão importante. Para Luci, isso não importava, pois sabia que o pai, que perdeu a mãe aos 15 anos, não tinha experimentado o amor de uma família e, por isso, como filha, reconhecia que, mesmo no silêncio, Percival tentava demonstrar algo que nunca havia aprendido: a ternura.



Luci e seus colegas do curso de Jornalismo na formatura, Eder, Ana, Gabriela e Gabriel (Arquivo pessoal: Luci Castro)

DUPLA JORNADA

– *Mamãe, faz “tuistuíz”?*

– *Mamãe faz, meu amor.*

Mesmo longe da Bahia, é no dia a dia que Luci tenta transferir ao filho Gabriel, de três anos, um pouco das raízes nordestinas em que cresceu. Talvez esse seja um dos únicos pontos de sua criação que faz questão de tentar reproduzir com o filho. Como se desenvolveu em um lar em que o diálogo aberto não era algo presente no relacionamento com os pais e as demonstrações explícitas de carinho e afeto eram raridade, a jornalista, que agora também é mãe, prometeu para si mesma que, com a ajuda do ex-marido, seria diferente com o filho.

Driblando a intensa rotina de trabalho como editora e apresentadora da TV Band Paulista, em Presidente Prudente,

quando chega em casa, Luci assume uma nova função: mãe. Voltando ao lar após dias exaustivos na redação, ela faz questão de ouvir atentamente todas as “historinhas” de Gabriel, que, sentado em seu colo no sofá marrom da sala, conta animadamente tudo que aconteceu em seu dia na casa da avó paterna. É aí, também, que a jornalista coloca de lado as laudas, os scripts e os microfones, típicos do ambiente jornalístico, para dar espaço aos desenhos, carrinhos e quebra-cabeças, que ele tanto gosta de brincar e, como numa imersão, adentra o universo imaginário do filho.

Ainda vivendo a mais de 1.500 quilômetros longe da casa dos pais, a montealtense não abre mão de levar Gabriel pelo menos uma vez ao ano para visitar os avós. Em toda viagem que faz para Bahia, o clima sempre é de festa para o garoto, que, com os olhinhos vidrados, admira o grande avião que os leva à casa de dona Ana Lúcia e Seu Percival. No aconchego do lar dos avós, Gabriel já revela o sangue baiano que corre em suas veias pelo gosto por alguns itens da culinária típica da região, como o famoso cuscuz. Por isso, quando volta para casa, em Presidente Prudente, sempre pede para a mãe reproduzir a saborosa receita.

Foi junto com Luci e a avó Ana Lúcia que o pequeno também teve a oportunidade de conhecer o mar pela primeira vez. Apaixonado pelas águas das piscinas, ao se deparar com a imensidão do oceano, encantado pelo som da maresia, quando chegou, Gabriel não quis mais sair das ondas. Ao dar a hora partir, o choro demonstrava a vontade de quem quer ficar para sempre naquele lugar. Entrelaçado a todos esses momentos de amor e importantes memórias afetivas, o menino ainda nem imagina o que a mãe, Luci, enfrentou quando ele ainda estava no aconchego do ventre materno.



A mãe e o filho viajando juntos na praia Buraco da Velha, em Lauro de Freitas, Bahia (Arquivo pessoal: Luci Castro)

– *Então, aproveitando que a gente está aqui, eu queria te contar uma coisa. Estou grávida – contou Luci, comunicando a novidade.*

– *Mas você sabe que eu ia te mandar embora, né? – falou a pessoa.*

– *Aconteceu. Eu também não tinha planejado – disse a jornalista, tentando se justificar.*

– *Você não sabe como é que faz filho?*

No caminho de volta para a casa, as lágrimas, a angústia e a insegurança tomavam conta de Luci, não só pelos hormônios aflorados da gravidez, mas, principalmente, pelas agressões verbais que sofria em um momento tão delicado. Seu marido, na época, vendo a esposa fragilizada e indignado com a situação, sempre aconselhava a companheira.

Contudo, depois do nascimento de Gabriel e dos cinco meses concedidos devido à licença-maternidade, teve que enfrentar outro desafio: a volta para a rotina da redação. Momento em que se fez necessário deixar o bebê, com tão pouca idade, em uma creche durante o expediente. Isso gerou um misto de sentimentos na mãe de primeira viagem que, ao se separar do filho pela primeira vez, chorou de preocupação. As lágrimas, que escorriam no rosto da mãe, molhavam a roupa que, dentro de algumas horas, ela se apresentaria frente às câmeras, para os telespectadores ligados na programação da emissora. Mal sabia ela que a profissão a faria se separar do filho por incontáveis vezes.

Em virtude da rotina frenética do jornalismo, algumas coberturas demandaram que Luci passasse dias fora de casa e, com isso, Gabriel ficava com a avó paterna. Em uma dessas situações, a jornalista teve que ficar dois dias seguidos em Botucatu, no interior de São Paulo, para cobrir as fortes chuvas que causaram crateras e grandes enchentes que devastaram o município conhecido como “a cidade dos Bons Ares, das Boas Escolas e das Boas Indústrias”.

Foram várias entradas ao vivo que começavam logo nas primeiras horas do dia, em jornais locais e nacionais. Tudo isso com chuva, frio, sono, fome, cansaço e sem Gabriel. Mãe e filho quase não conseguiam manter contato nem por ligações telefônicas e a situação conturbada a fazia refletir se era isso mesmo o que almejava para a vida.

No fundo, sabia que, sim, era isso que queria. A bagagem que vinha trazendo durante a sua caminhada, com o sonho que veio buscar no interior paulista, foi ficando cada vez mais pesada de carregar. Logo nos primeiros meses de vida do filho, Luci desenvolveu um quadro de depressão pós-parto, condição que se agravou com o fim do casamento, em 2019.

Como uma bagagem que começa a sacudir em meio a uma turbulência em um avião, a jornalista teve que lidar com a bagunça de alguns pontos pessoais de sua vida. Enfrentando inimigos internos e com um filho para criar, sabia que dentro da redação teria que dar conta de ser Luci Castro, a profissional, a jornalista. Porém, como acima de qualquer profissão também há um ser humano, com sentimentos, vontades e anseios.

Em frente às câmeras, vestia um sorriso no rosto, afinal, o público não precisava saber de seus problemas e seu compromisso com a informação estava acima disso. Hoje, a maternidade, que desencadeou sua depressão pós-parto, tornou-se a cura para os dias difíceis. Ao lado de Gabriel, Luci é despertada para as coisas boas da vida, consegue descobrir e redescobrir diariamente as pequenas alegrias ao lado dos dois verdadeiros grandes amores de sua vida: o filho e o jornalismo.

POTENCIAL

Quando as portas do Laboratório de TV se fechavam, Luci apresentava. Naquela sala, em meio a tantas outras que abrigavam sonhos de jovens universitários, Baiana, como era carinhosamente apelidada por amigos e professores, desbravava um novo mundo, sob a mira das câmeras e das lentes críticas da professora que, àquela época, já enxergava o potencial da estudante.

– *Baiana, você tem jeito! Eu te contratava!*

E assim aconteceu; seja pelo destino, pelo talento ou pela insistência da jovem que, durante oito meses após formada, ligava e mandava e-mails e mensagens constantemente para sua ex-professora, então chefe de jornalismo da TV Bandeirantes e, tempos mais tarde, sua colega de profissão.

Numa segunda-feira, sete de maio de 2012, Luci ingressou na

Band de Presidente Prudente, como produtora. Nos Trending Topics do Twitter, ao longo do dia, comentários sobre o programa Muito +, aposta da emissora na grande São Paulo, sob o comando de Adriane Galisteu. A atração, no entanto, não teve vida longa, chegando ao fim nove meses depois, o oposto à carreira de Luci.

Por quase dois anos, dividiu seu tempo e paixão entre os empregos na Rádio Comercial, enquanto repórter, das sete e meia às nove e meia da manhã, e na Band, como produtora, da uma e meia da tarde às sete e meia da noite. A rotina, embora puxada, significava a vitória da jornalista que, quatro anos mais cedo, enfrentou 2 dias de viagem em busca de um sonho, em uma cidade desconhecida.

Luci estava onde queria.

Como na brincadeira do cabo de guerra, em que só um lado pode vencer, apesar do esforço do lado oposto e das tentativas de manter-se em equilíbrio, o amor pela TV falou mais alto no coração de Luci. Sentimento que ela compartilhava junto à área de assessoria de imprensa, ainda na faculdade. A vida, no entanto, dita outros rumos.

Assim, Luci reuniu toda a bagagem conquistada na rádio e pegou estrada, agora, sem paradas, numa só direção. Em quase dez anos de TV, muitas pedras cruzaram o caminho da jornalista.

Como repórter, já ouviu gritos e questionamentos sobre sua competência profissional; traumas que, junto aos demais, ainda não foram superados.

Fazia questão de te fazer sentir a pior pessoa, a pior profissional.

Pautas caídas, edição equivocada, impossibilidade de executar sonoras. Para qualquer profissional da comunicação que esteja inserido em um veículo com rotinas pré-determinadas e deadlines apertados, esses são fatos triviais, comuns à euforia das redações

e, em sua maioria, possíveis de resolver. Contudo, Luci escutava uma voz uma voz dizendo:

– *A culpa é sua!*

Perseguição que se estendeu até um dos momentos mais importantes de sua carreira: o tão esperado teste para a apresentação de um programa. Realizá-lo, significava muito mais para ela do que se podia imaginar e, mesmo depois de uma provocação, sobre estar apta para a função, Luci não esmoreceu: manteve a foto, que havia dado origem ao questionamento, postada em seu perfil no Instagram e consagrou-se apresentadora do jornal que, hoje, também é editora, o Band Cidade.

Após os episódios que, frequentemente, colocavam em prova sua capacidade enquanto profissional, começou a duvidar de sua competência na realização dos trabalhos a quem era incubida. O medo de errar e as inúmeras checagens de um mesmo fato refletiam mais um trauma adquirido em sua vida, no ambiente que menos esperava.

Em alguns momentos, porém, as dificuldades eram tantas que desistir apresentava-se como uma solução mais fácil, um sussurro tentador ao pé do ouvido: afinal, por qual motivo escolher aquele caminho? O que devia ter feito para não chegar àquele ponto? O que devia ter insinuado para que uma fonte se achasse no direito de pedir para terminar a conversa num motel?

O assédio aconteceu em um pesqueiro, por um homem, entrevistado de sua matéria. No caminho para o local, o calor do sol que refletia sobre o carro anunciava mais um dia quente de trabalho. Ela, no entanto, já estava acostumada. À medida em que via o estabelecimento se aproximar, repassava, mentalmente, as tarefas que ainda tinha de completar ao longo das próximas horas.

Ao adentrar o espaço, avistou o enorme tanque de peixes que,

mais tarde, seriam capturados por quem ali estava buscando descomprimir as tensões do dia a dia, por meio da pesca esportiva. Um momento de lazer, junto à natureza, compartilhado entre amigos e familiares.

Ocupadas, as mesas do outro lado do salão davam o tom dos pesqueiros tradicionais prudentinos, divididos entre área de lazer e comedoria, onde eram servidas porções das mais variadas espécies de peixes, para degustação. O cheiro de fritura característico do local impregnava o olfato da jornalista, sinalizando a fome que, minutos depois, começaria a sentir.

Foi quando seus olhos avistaram o entrevistado sentado em uma das mesas, à sua espera. Na ocasião, haviam outras pessoas no local, assim como em todos os momentos sociais da vida de Luci, que não gostava de ficar a sós com ninguém desconhecido, seja da imprensa ou fontes.

Antes mesmo que o primeiro prato chegasse à mesa, Luci foi surpreendida pelo pedido inusitado do entrevistado, que a mirava compenetradamente, na expectativa de que seu pedido fosse correspondido.

– *Ei, escuta, você não quer conversar melhor ali, não?* – propôs, direcionando o olhar, por um breve momento, para o motel que ficava ao lado.

Um misto de vergonha, culpa e raiva. Foi o que ela sentiu ao ouvir o pedido. Da sua boca, porém, nem uma palavra saiu. Tentando desvencilhar-se da situação em que foi colocada, inesperadamente, apenas fingiu que não ouviu a proposta. Seu semblante, propositalmente confuso, revelava, na verdade, a face de constrangimento que dava lugar ao calor do nervosismo.

– *Foi porque eu sorri para ele? Foi porque eu fiz alguma piada? Em qual momento dei essa ‘brecha’?* – pensava, desconcertada.

Os assédios, porém, não se limitavam apenas à presença física da jornalista. Caso semelhante aconteceu, também, via WhatsApp, durante a gravação de uma matéria sobre cultivo de algodão.

Diante da imensidão das propriedades rurais que cercam o interior paulista, ela e o cinegrafista viram-se perdidos na vasta estrada de terra que interliga vias estreitas de acesso aos sítios e às chácaras. Não havendo outra alternativa senão tentar contato com o entrevistado por telefone, Luci, com o seu próprio, ligou para o homem que, prontamente, explicou como chegar ao destino.

No recinto, o vento que batia levemente sobre o seu rosto, despertava o sentimento de mansidão, um respiro calmo em meio à rotina frenética urbana. Ao fundo da propriedade, era possível avistar o motivo pelo qual a repórter estava ali: uma imensa área dedicada ao plantio e cultivo de algodão.

Direcionados ao local pelo entrevistado, enquanto caminhava, a jornalista observava o branco da cultura pintar o horizonte. As ramificações que alcançavam seu quadril eram como um abraço convidativo a explorar a plantação. Com o microfone na mão, Luci repassava as perguntas com o entrevistado, tempo em que o cinegrafista que a acompanhava buscava o melhor ângulo para registrar a beleza do lugar.

Matéria feita, trabalho finalizado – ou quase. No carro, à caminho da cidade, o celular da jornalista começou a vibrar incessantemente. Ao abaixar a barra de notificações, a foto do entrevistado junto à sua noiva sinalizava a mensagem que acabava de chegar, via WhatsApp, para Luci. Presumindo ser um agradecimento por terem ido gravar com ele, abriu o recado.

“Gostei de você, do seu jeito. Queria sair contigo...”

Ao ler as palavras do homem, o estômago da jornalista

embrulhou. A repulsa que sentiu naquele momento, imediatamente, deu lugar à fúria de quem acabava de ter um encontro profissional para falar exclusivamente sobre algodão, nada além disso. Foi o que seus dedos, ligeiramente, digitaram em resposta ao rapaz.

Em meio à indignação desse episódio, lembrou-se da vez em que, ainda na Rádio Comercial, foi escalada para uma matéria em uma feira livre. Enquanto compartilhava sua admiração pelo trabalho e também pela beleza de Renata Fan, apresentadora do programa esportivo “Jogo Aberto”, da Band, ouviu, sob a mira dos olhos de um homem, que a olhava de cima a baixo, a seguinte frase:

– *Ah, ela é bonita, mas existem mulheres bonitas e mulheres gostosas...*

– *Como assim?!*

– *Ah, eu gosto de gente assim, que nem você, que tem peito, tem bunda...*

Pensar, mas não falar. Desconversar, fugir do assunto e do constrangimento. Foi o que fez e o que muitas profissionais fazem por se sentirem tão violadas a ponto de não conseguirem esboçar qualquer reação, por medo de perderem o emprego, parecerem deselegantes, recearem ter provocado a situação.

Diversas foram as vezes em que, ao chegar em casa, após ser vítima dos assédios, analisava toda a situação minuciosamente. Em frente ao espelho, espiava se a roupa estava vulgar. Nos diálogos mentais, respostas que podia ter dado, mas, na hora, escaparam à sua boca, por vergonha e constrangimento.

Frente a tantos motivos que poderiam fazê-la desistir da profissão, porém, a jornalista não se permitiu abalar, reunindo todas as forças que tinha para seguir até um dos momentos mais ilustres de sua carreira: uma entrada ao vivo no programa do Datena.

Uma, duas, três... Foram várias as vezes que a repórter conversou, ao vivo, com o ícone do jornalismo na Band. Uma, em especial, marcou não só sua vida, mas a de inúmeras mulheres que foram vítimas de abusos sexuais de um médico cardiologista de Presidente Prudente.

O coração da jornalista parecia que, a qualquer momento, saltaria pela boca. A pedido de Datena, na tentativa de flagrar alguma situação que comprovasse as denúncias feitas ao médico, atravessou a entrada do consultório, situado na Avenida Washington Luiz, gravando, com o seu celular. Apressada, passou direto da portaria até o elevador. Porém, o ritmo dos passos foi interrompido pelo porteiro, que percebeu sua intenção e a seguiu em outro elevador.

– *O que você tá fazendo aqui?*

– *Nada.*

– *Como “nada”? Eu tô vendo você filmar! Apaga agora essas gravações!*

– *Não! Eu não vou apagar, o celular é meu!*

– *Eu vou chamar a polícia, então!*

A confusão estava armada. Luci, nervosa pela situação e psicologicamente abalada por cobrir aquela denúncia, um mês depois de ter se divorciado, tremia dos pés à cabeça. Ao telefone, sua chefe, Hortência Pinaffi, pedia para que fosse embora, pois os advogados da emissora ajudariam-na.

Em vão.

Acionada pelo porteiro, a polícia chegou e Luci teve de acompanhá-la até a delegacia para o registro de um Boletim de Ocorrência. Tudo isso às três e meia da tarde, meia hora antes da jornalista entrar ao vivo com o Datena. Dessa forma, o período para se recompor até a participação no programa, era curto.

O caminho de volta para a emissora foi conturbado. Em meio às lágrimas, à pressão baixa e à ansiedade de entrar ao vivo, Luci tentava reunir o restante de forças que tinha para conversar com o apresentador, a postos no estúdio.

Ao cruzar a porta de entrada do prédio construído por inúmeros tijolos marrons, que cediam espaço ao letreiro cinza, em alumínio, anunciando o nome da emissora e os canais de sintonização nas cidades de Araçatuba, Bauru, Marília, Presidente Prudente e São José do Rio Preto, Luci avistou Hortência. Ainda tentando assimilar o que acabava de acontecer, a repórter tinha poucos minutos para se arrumar e ir em direção ao estúdio onde entraria ao vivo para falar com Datena.

Enquanto arrumava os cabelos e retocava a maquiagem borrada pelas lágrimas que insistiam em saltar de seus olhos, semelhante à forma como tentava manter-se calma, Luci esforçava-se para ignorar o nó na garganta que se formava naquele momento importuno.

A hora havia chegado.

Frente às câmeras, com os ouvidos atentos à voz do apresentador que conversava por meio ponto, sentiu seu corpo estremecer. No entanto, por dez minutos, manteve-se firme e respondeu tudo o que Datena a perguntou, sem esmorecer. Um dos momentos mais difíceis e lindos de sua carreira.

Dentre tantos desafios e conquistas em Prudente, Luci criou um carinho enorme pela cidade, até se apelidou de “baiana prudentina”. Ainda assim, visitar a terra natal era um afago em seu coração.

Em meio à bagunça da arrumação das malas, Luci avistava o

filho, Gabriel, divertindo-se com os brinquedos que, logo, seriam guardados em sua pequena bolsa, rumo a Palmas de Monte Alto. A ansiedade e expectativa em rever a família depois de tantos meses faziam com que, a cada dez minutos, conferisse o horário para ter certeza de que não iriam se atrasar para o voo.

Conforme iam organizando as malas, recordou as tantas vezes que seu coração foi tomado pela ansiedade ao arrumar roupas, sapatos, itens de higiene e demais coisas necessárias para encontrar a família, nas férias de fim de ano. Lembrou-se, ainda, do primeiro dia em que pôs os pés naquela cidade desconhecida, tão ansiosa mas, ao mesmo tempo, assustada. Àquela altura, não fazia ideia de tudo o que passaria para tornar-se quem é hoje.

A baiana que não teve medo de arriscar-se em nome de um sonho deixou família, amigos e o aconchego da cidade natal. Trouxe saudades, lembranças e traumas, que mal cabiam em sua bagagem. Conquistou diploma, emprego e o lugar que sempre quis ocupar, sempre dando o seu melhor.

Hoje, a editora e apresentadora do Band Cidade sente-se realizada por ter conquistado o seu espaço enquanto profissional, mãe e mulher, por mérito próprio.

No aeroporto, ao passar pelo portão de embarque, sentiu o frio na barriga que sempre sentia prestes a entrar no avião. As cores azul e amarelo do ônibus que a trouxe para sua aventura, anos atrás, eram substituídas pelo cinza metálico do enorme pássaro que, assim como a asa-branca que sobrevoa a Caatinga, aterresaria em seu destino, em terras baianas.

Na janela, o verde foi substituído pela imensidão azul e branca. Não há mais apreensão ou medo, somente ansiedade para rever a família e recarregar as energias para a viagem de volta. Turbulências existem e, vez ou outra, fazem o avião balançar, mas,

ao seu lado, o seu maior amor e motivo para seguir em frente:
Gabriel.



Luci e seu filho Gabriel, hoje, com 3 anos (Arquivo pessoal: Luci Castro)

Jornalistas na história

PATRÍCIA REHDER GALVÃO (PAGU)

Jornalista, poeta, crítica literária, romancista, Patrícia Rehder Galvão, mais conhecida como Pagu, nasceu em 9 de junho de 1910, em São João da Boa Vista, no interior do estado de São Paulo. Com o pseudônimo de Patsi, começou suas atividades jornalísticas escrevendo para uma coluna do Jornal do Brás. Mais tarde, em 1946, também colaborou no suplemento literário do Diário de São Paulo, para o qual escreveu até o ano de 1948. Pagu casou-se com o poeta modernista Oswald de Andrade e, em 1929, começou a contribuir na Revista de Antropofagia, oriunda do Manifesto Antropófago de Oswald. Em 1931, os dois lançaram o jornal O Homem do Povo e no periódico, que durou oito edições, Patrícia era responsável pela coluna feminista “A mulher do povo”. Pagu foi a primeira mulher a ser presa por assuntos políticos do Brasil, somando 23 prisões ao longo de sua vida como aliada do Partido Comunista. O livro Parque Industrial foi seu primeiro romance, escrito sob o pseudônimo de Mara Lobo. Posteriormente à publicação, ela partiu em viagem para diversos países, onde atuou como correspondente dos jornais Correio da Manhã, Diário de Notícias e A Noite. Depois da separação de Oswald de Andrade em 1935 e a união com o jornalista Geraldo Ferraz, Patrícia também teve passagem pela agência de notícias France Press. Ao fim de sua quarta década de vida, Pagu descobriu um câncer. Com isso, foi a Paris, capital francesa, onde passou por uma cirurgia, que infelizmente não teve sucesso. De volta a Santos, no litoral paulista, Pagu faleceu ao lado de Geraldo, que permaneceu com ela até o último suspiro, dado em 12 de dezembro de 1962.

Fonte: RAMOS, Regina Helena de Paiva. **Mulheres Jornalistas: A Grande Invasão**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Faculdade Cásper Libero, 2010.

Paula *Sieplin*

Tulipas

Flor solitária formada por seis pétalas, podendo ter cores e formas variadas. Aprecia climas frios, locais arejados e que recebam a luz direta do sol.



Paula Sieplin

Mãe solo e com amor de sobra



Paula cobrindo reportagem de incêndio em Presidente Epitácio, uma das suas primeiras aparições na televisão (Arquivo pessoal: Paula Sieplin)

SURPRESA

De frente para o prédio de esquina na rua Ernesto Rotta, número 83, no Jardim Novo Bongiovani, em Presidente Prudente, Paula Sieplin observava o letreiro do jornal O Imparcial. Dentro de seu carro, olhando a estrutura do imóvel composto por tijolos a vista e janelas arredondadas com vidraças miúdas, a jornalista se perdia em um misto de sentimentos. Ali, fora do local em que pouco menos de um mês tinha começado a trabalhar, se preparava para mais um dia de expediente tendo que remoer uma notícia que ainda nem tinha conseguido assimilar.

Naquela sexta-feira, Paula trabalhou como todos os outros dias, em meio a pautas, entrevistas e textos, mas algo a inquietava. Ao fundo da sala cheia de jornalistas que digitavam incessantemente nos computadores, avistava a editora-chefe Giselle Tomé, pensando o quanto precisava conversar com ela, mas não encontrava palavras nem coragem para expressar sua situação.

Com o expediente finalizado, Paula retornou para a casa ainda com o peito sufocado. Precisava encontrar forças para falar com a chefe. Até que, como num impulso, pegou o celular, buscou pelo contato e ligou. Enquanto isso, Giselle aproveitava o happy hour em um espetinho de Presidente Prudente, após seu último dia de trabalho antes das tão esperadas férias. Até que seu telefone tocou.

- *Alô, Gi? Preciso falar com você* - disse Paula, no outro lado da linha.
- *Aconteceu alguma coisa?* - respondeu Giselle apreensiva.
- *É que você vai entrar de férias e eu preciso conversar com você urgente. Onde você está?*
- *Estou no Espetinho do Japonês.*
- *Posso ir aí? É rapidinho.*
- *Pode sim.*

Com a chamada finalizada, Giselle aguardou ansiosa pela

chegada de Paula. Afinal, o que ela teria de tão importante para conversar em uma sexta-feira à noite? Recém chegada ao periódico prudentino, ambas ainda não tinham muita afinidade, por isso, na maioria das vezes o diálogo entre as duas ainda era um tanto quanto formal e profissional. Minutos depois, a Paula chegou ao espertinho, sentou-se na mesa e com um nervosismo nítido e uma voz quase trêmula, começou:

– *Gi, preciso contar uma coisa que aconteceu e eu não estou conseguindo dormir, com medo de você achar que eu fiz de propósito, mas minha mãe me aconselhou a te procurar e dizer a verdade.*

– *Calma, Paula, o que aconteceu?* - disse Giselle, ainda sem entender a situação.

– *Eu estou grávida! E eu sei que estou no período de experiência, e por isso estou com medo de ser mandada embora ou de vocês acharem que eu já sabia e estou me aproveitando* - percebendo o nervosismo de Paula e os olhos que, naquela altura, já estavam cheios de lágrimas, Giselle envolveu suas mãos na dela e respondeu:

– *Tem tantas mães que sonham em engravidar e não conseguem, e você está triste por isso? Não fique. Ser mãe é uma benção. Acalma seu coração, pois vai ficar tudo bem. Como você sabe, amanhã vou entrar de férias, mas quando voltar converso com a direção e vai ficar tudo bem.*

Emocionada, Paula chorou toda a ansiedade que a consumia desde que soube que esperava um filho. Após ter pedido demissão da Vitapelli, curtime em que trabalhou como assessora de imprensa durante 5 anos e 4 meses, Paula resolveu que era hora de dar outros ares a sua vida profissional. Por isso, diante de um convite para integrar a redação do jornal O Imparcial, em novembro de 2008, assumiu a função de repórter em um dos diários mais tradicionais de Presidente Prudente.

Contudo, em meio a toda mudança na vida profissional, em

algumas semanas, a notícia de que estava grávida também mudou por completo sua vida pessoal. A novidade veio após quase três meses de gestação, quando nem Paula nem o seu namorado, na época, esperavam por isso. Como tinha praticamente acabado de começar no jornal, o desespero diante da possibilidade de ser mandada embora fez até mesmo com que a jornalista ligasse novamente para o antigo trabalho na esperança de ser recontratada, mas não obteve sucesso.

Com o emocional abalado e em meio a constantes enjoos, típicos do início da gravidez, a jornalista passou a aguardar durante um mês a volta da chefe. Até que o dia chegou. Ao ver Giselle adentrar a redação depois de um período que parecia infundável, Paula sentiu um misto de alívio e preocupação, afinal, era chegada a hora da importante conversa com a direção do jornal. Observando os minutos no relógio do canto inferior direito do computador, as duas aguardavam apreensivas pela chegada de Deodato da Silva, diretor do O Imparcial da época, que comparecia diariamente à redação sem horário previsto. A porta da redação se abriu e ele seguiu em direção a sua sala. Rapidamente, Gisele foi ao seu encontro.

– *Olá, boa tarde, seo Deodato, tudo bem? Posso dar uma palavrinha com o senhor?* – perguntou a editora chefe.

– *Claro, senta aí* – respondeu, apontando em direção às cadeiras.

– *Então, seo Deodato, a Paula, nossa repórter, descobriu que está grávida. Ela está aqui há menos de três meses, por isso está bastante apreensiva em relação à estabilidade dela aqui no jornal...*

– *Olha, eu contratei a profissional Paula, não contratei a mulher Paula. Então, se ela tá grávida, não importa. Ela continua com a gente aqui no O Imparcial.*

De volta à redação, Giselle seguiu ao encontro de Paula com

um sorriso no rosto.

- *Ele disse que você pode ficar!*
- *Sério?* – respondeu Paula, incrédula.
- *Pode ficar tranquila.*

Naquele momento, Paula se sentiu valorizada em sua profissão, mas principalmente se sentiu valorizada como mulher. Ciente de que uma gravidez sempre é vista como um problema nas empresas, a jornalista não esperava por uma resposta daquela. Como não encontrou nenhuma objeção, Paula continuou com sua intensa rotina jornalística durante os meses restantes de gestação, subindo e descendo as escadas do prédio, com o salto que não abria a mão de usar, no auge de seus 27 anos.

– *Pelo amor de Deus, você vai cair com esse salto e esse barrigão!* – dizia Oslaine Silva, faxineira na época e, hoje, repórter do jornal.

Com as mãos inchadas já no fim da gestação, Paula encontrava conforto no carinho de Oslaine que, mesmo em meio ao trabalho, tirava um tempinho para massagear os grossos dedos da jornalista que já não conseguiam se fechar. No carro da reportagem, ao lado do fotógrafo José Reis, diariamente Paula saía para cumprir suas pautas e, por onde andava, sempre encontrava uma pessoa ou um entrevistado que quisesse, com um gesto de carinho, passar a mão em sua barriga. Certo dia, já nos últimos momentos da gravidez, Paula e José Reis foram cobrir uma missa no tradicional sábado de aleluia do período pascal. Depois de entrevistar várias pessoas, a dupla retornou para o carro, porém, dentro do veículo, a jornalista começou a ter sensações estranhas.

– *Zé, tô sentindo a minha barriga ficar dura e depois amolecer. Não sei o que é.*

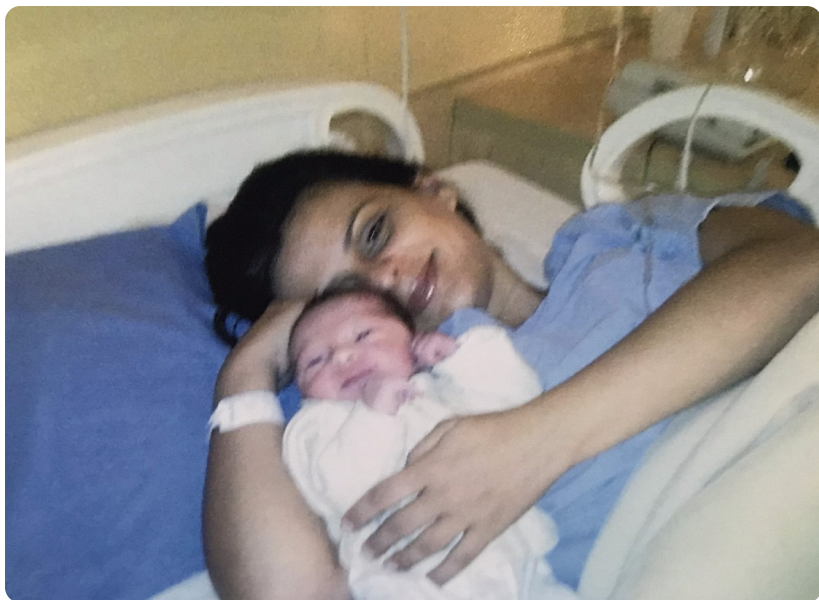
– *É contração! Não vou mais carregar você aqui dentro do carro, não* – respondeu preocupado.

– *Acho que vou ligar para o meu médico.*

Ainda dentro do automóvel, Paula pegou o celular e discou o telefone de seu obstetra. Ao ouvir a voz do médico, a jornalista relatou tudo que estava sentindo, mas, mesmo diante dos sintomas, para ele, ainda não era a hora certa. Terminada a chamada e chegando em frente ao jornal, Paula desceu do carro com movimentos mais demorados do que o normal e, com a ajuda de José, lentamente subiu as escadas em direção à redação. Ao finalmente sentar-se na cadeira em frente a sua mesa, deu um longo suspiro. Embora achasse estranho, confiou na palavra do especialista e, diante disso, resolveu permanecer no jornal, afinal ainda tinha um texto daquele dia para fechar. Contudo, enquanto redigia as palavras em seu computador, a sensação estranha ia aumentando cada vez mais.

Com a visão turva e as palavras e frases se embaralhando em sua cabeça por conta do mal-estar e das contrações que aumentavam, Paula conseguiu terminar a matéria. Após cumprir sua missão, na redação, a jornalista só pensava em uma coisa: voltar para a casa. Logo, pegou seus pertences e novamente seguiu para o carro da reportagem, onde José a levaria para o apartamento da sogra. De acordo com seu calendário gestacional, o bebê estava previsto para nascer somente dali a 15 dias, por isso, ainda contando com o tempo que tinha para se preparar, Paula mal tinha arrumado a bolsa da maternidade e sua mãe, Alzira, estava viajando.

No entanto, às três da tarde, as sensações foram ficando cada vez mais fortes, misturadas com as pontadas espaçadas pelas dores das contrações. De repente, Paula olhou para o chão, encharcado com um líquido. Sua bolsa havia estourado. Rapidamente, ela foi levada pelo namorado e pela sogra para o hospital, onde às seis horas da tarde daquele dia, seu primogênito João veio ao mundo.



Nascimento de João no hospital chamada de Presidente Prudente, em 11 de abril de 2009. (Arquivo pessoal: Paula Sieplin)

Ainda com o receio de perder o emprego, depois da licença maternidade, Paula retornou ao jornal ainda apreensiva. Porém, os dias foram passando e cada vez mais foi sentindo que pertencia àquela redação que, hoje, saudosamente, chama de família O Imparcial. Lá dentro, em meio a pautas, telefonemas e matérias, nunca se sentia só. Ao lado de Edneia Silva, Maisa Faccioli, Zilanda Cardoso, Melina Dominato, Mariana Hirai e Giselle Tomé, ela fazia parte da equipe majoritariamente feminina do diário prudentino. No entanto, Paula também era parceira da parte masculina da redação, composta por Leandro Nigre, Cássio Oliveira, Emerson Sanchez, José Reis, dentre tantos outros que passaram por ali durante seus seis anos de O Imparcial.

E, assim, João cresceu em meio às matérias jornalísticas e

ao falatório dos comunicadores que movimentavam a redação, principalmente quando Paula o levava para visitá-los ou em festas de colegas de trabalho e comemorações de final de ano do jornal. Mesmo tendo ido morar com o namorado após a descoberta da gravidez, aos quatro meses de vida do filho, o casal optou pela separação. Com isso, Paula era quem ficava a maior parte do tempo com o bebê, dividindo as obrigações com o ex-namorado. Ele ficava com João aos finais de semana e a mãe da jornalista a auxiliava com a rotina de retorno ao trabalho.

Porém, mesmo com a ajuda de Alzira, a dupla jornada como jornalista e mãe começou a refletir em uma das áreas. Por conta do estresse do dia a dia na redação, mesmo conseguindo sair meia hora mais cedo, período assegurado pela lei, aos poucos, Paula via seu leite secar e, quando João ainda tinha apenas oito meses de vida, a jornalista não conseguiu mais amamentá-lo.

Apesar dos percalços, a jornada de trabalho estabelecida no O Imparcial corroborava para que a jornalista conseguisse passar mais tempo com o filho. Como seu expediente só começava à uma hora da tarde, Paula aproveitava cada segundo das manhãs para dar todo seu amor ao pequeno, com então um ano e três meses. Dado seu horário de trabalho, o levava para a escola, onde ficava até às cinco e meia da tarde, quando os avós maternos iam buscá-lo. Alzira Sieplin, mãe de Paula, sempre foi seu braço direito e esquerdo na criação de João. A cada segundo da vida do neto, a avó fazia questão de se fazer presente, ajudando a filha com todas as atribuições diárias da rotina.

Na posição de mãe solo, Paula dedicou-se prioritariamente ao filho até os seis anos de vida dele, abdicando de passeios com amigos e até de novos envolvimento amorosos. Hoje, mesmo após tantos anos, o trio “avó, mãe e filho” ainda convive junto na mesma casa, em Regente Feijó, cidade onde Paula nasceu.

Enquanto dormia para descansar para o próximo dia de trabalho, já na função de coordenadora de produção, na TV Fronteira, foi acordada por João, que, em pé ao lado da cama da mãe, aos sete anos, reclamava de fortes dores na barriga. Rapidamente, Paula se levantou, abriu o guarda-roupa, pegou a primeira roupa que viu pela frente, vestiu o filho e, na madrugada, levou-o de carro de Regente Feijó até o Instituto da Criança, em Presidente Prudente. Estacionando o automóvel na Avenida Washington Luiz, ela pegou o filho no colo e se dirigiu à recepção do Pronto Atendimento. Ao passar pela médica de plantão, a profissional disse que o menino tinha apenas gases.

Assim, Paula retornou com o filho para Regente, preocupada com a situação dele e com a sua também, pois dali a algumas horas teria que estar novamente em Prudente para o expediente que começava às oito da manhã. Contudo, já em casa, João ainda continuava com fortes dores. Então Paula decidiu levá-lo para a Santa Casa de Presidente Prudente.

– *Oi, bom dia. Não vou trabalhar hoje. Meu filho está doente. Estou com ele na Santa Casa* – escreveu em uma mensagem avisando o pessoal da redação.

– *Oi, Paula, tudo bem. Só não esquece de trazer um atestado de acompanhante.*

No hospital, após passar por uma bateria de exames, João foi diagnosticado com apendicite e, às pressas, teve que ir para a sala de cirurgia. Após o procedimento, o quadro do garoto ainda demandava que ele ficasse alguns dias em observação na unidade hospitalar e a presença de algum responsável era obrigatória. Enquanto isso, na redação, a atuação da jornalista já estava sendo solicitada.

– Olha, meu filho acabou de passar por uma cirurgia e vai precisar ficar ainda uns três dias no hospital. Eu preciso ficar com ele – informou no trabalho.

– Eu entendo, mas a gente só pode conceder um dia pra você, que já foi o primeiro. Se você precisar ficar mais, vai ter que pagar, infelizmente. Não podemos te dar mais dias – responderam.

Diante da recusa do pedido por mais alguns fora, Paula não pensou duas vezes. Ficaria com o filho, custe o que custasse. Afinal, como sua cabeça profissional trabalharia sabendo que seu filho recém-operado estaria sozinho no hospital? Para ela, o dinheiro que não ganharia pelos dias não trabalhados, descontados de seu holerite, não valia um centavo em relação à vida de seu grande amor: o filho.

Hoje, com 12 anos, João compreende a rotina incessante da mãe. Mesmo diante dos horários opostos provocados pela rotina, ele vai à escola de manhã e Paula trabalha na TV até a noitinha, quando estão juntos em casa, aproveitam ao máximo o pouco tempo que possuem. Quando a saudade aperta ao longo do expediente da jornalista, a tecnologia atua como uma melhor amiga e, por videochamada no celular, Paula checa se o dia do filho está indo bem. Contudo, em meio a todos os obstáculos e adversidades que a vida e o mercado de trabalho impõe às mães solas, felizmente, a jornalista pode contar com uma rede de apoio excepcional para sua vitória até aqui.



Paula e seu filho, João, com 12 anos, na praça do centro da cidade de Regente Feijó.
(Arquivo pessoal: Paula Sieplin)

SEU ALICERCE



Paula com seus pais, Adoniran e Alzira, e os irmãos mais velhos, Andréia, Adriana e Paulo em frente a casa da avó em Regente Feijó. (Arquivo pessoal: Paula Sieplin)

Era início dos anos 80 e, no quintal da casa simples em Regente Feijó, a cerca de 17 quilômetros de Presidente Prudente, Alzira Ribeiro Sieplin e Adoniran Sieplin observavam as gêmeas Andréia e Adriana, de nove anos, e Paulo Eduardo, de seis, correndo durante as brincadeiras. Àquela altura, os pais já estavam acostumados com os três filhos e a presença de mais um não havia sido nem cogitada pelo casal. Mas a vida lhes reservava surpresas. Com seus 37 anos de idade, Alzira se deparou novamente com uma gravidez e, em seu ventre, era Paula que esperava para vir ao mundo que a aguardava para desbravá-lo.

A presença de uma criança outra vez na vida familiar, modificou toda a dinâmica dos Sieplin. Acostumados com os filhos mais velhos, que, aos poucos, iam se tornando independentes, a chegada da filha temporã fez com que Alzira e Adoniram se adaptassem novamente à rotina de um bebê. A mãe, professora de Matemática, por conta das aulas que ministrava durante o dia, na maioria das vezes chegava em casa quando o céu já tinha escurecido. Adriana e Andréia, já no início da adolescência, ajudavam a cuidar de Paula, porém, sozinhas, não conseguiam dar conta de tudo que a irmã, ainda pequena, necessitava. Diante disso, Alzira sentiu a necessidade de contratar uma moça para tomar conta das crianças enquanto estivesse fora.

Enquanto isso, Adoniran, mesmo já não tendo toda a vitalidade para cuidar de uma garotinha novamente, dava seus jeitos para aproveitar a tenra idade da nova filha. Após os dias de trabalho pesado em sua fábrica de carroceria de caminhão, chamada Carrocerias Bandeirante, era comum que o pai chegasse e deitasse na cama para tirar um cochilo e descansar durante alguns minutos. Quando via-o pegar no sono, lá vinha Paulinha, na ponta dos pés, para fazer mais uma de suas artes com o pai. Logo depois, ao se levantar, tranquilamente ele ia ao encontro da família, que ao vê-lo, caía na risada.. Cabelo cortado, bigode raspado ou até mesmo maquiado, Adoniran sempre era pego pela filha, mas nunca se zangava, afinal, com 48 anos de idade, essa era a maneira que encontrava de dar vida às brincadeiras de Paula.



As três irmãs Andreia, Adriana e Paula na Igreja Batista de Regente Feijó (Arquivo pessoal: Paula Sieplin)

Em meio a uma família alegre e com a casa sempre movimentada, a menina Paula pouco a pouco foi experimentando o gostinho doce da união. Adoniram e Alzira prezavam pela casa cheia e, por isso, no lar dos Sieplin, as reuniões familiares e os cultos domésticos eram comuns. Os domingos de manhã na Igreja Batista também eram sagrados para o casal, que assiduamente levavam os filhos para que desde pequenos estivessem em contato com o meio cristão.

Logo, o envolvimento de Paula com a comunidade evangélica começou a aumentar e ela passou a participar de diversas atividades que o local desenvolvia com as crianças. Com isso, seu

jeito ativo e extrovertido desde muito cedo foi incentivado pelas aulas de teatro na igreja e pelos jograis que fazia em algumas apresentações durante os cultos. Antes mesmo que soubesse ler e escrever, junto com outras crianças, Paula aprendeu a decorar textos bíblicos e músicas gospeis. Bastava que alguém fosse lhe falando as frases, que sua mente parecia memorizar com facilidade todas as palavras que iam sendo ditas. Com muita tranquilidade, ainda com pouca idade, recitava perfeitamente o que havia aprendido na frente de diversas pessoas.

Grande apreciadora de histórias desde seus primeiros anos, pelas grandes prateleiras da biblioteca do falecido avô paterno, que viera da Letônia, Paula se perdia em meio às tantas obras que lhe faziam brilhar os olhos. Ao pegar os livros, adorava folhear-lhos, imaginando quais narrativas estariam presentes. Assim que deu seus primeiros passos na alfabetização, aquele canto preferido da casa do avô tornou-se um mar sem fim, em que poderia se deliciar dentre as mais diversas publicações. Conforme ia crescendo, Paula se aventurava também em outros tipos de leitura. Seu tio Valdir, de quem sempre foi muito querida, assiduamente comprava livros clássicos, pertencentes a uma coleção do jornal Folha de S.Paulo e dava-os para Paula. A menina, com apenas oito anos, era incentivada pelo tio a ler as obras sobre as histórias de diversos pensadores e, como numa sabatina, após o término da leitura, detalhava tudo o que havia lido a Valdir.

Contudo, nas carteiras da escola Sesi 368, em Regente Feijó, era pelas Ciências e Matemática que Paula era apaixonada. Sempre muito elogiada por todos os professores, nas exatas e biológicas a menina sempre se destacou durante a vida escolar. Porém, mesmo sendo boa aluna, a idade juvenil não lhe fazia negar também as diversões da época e as bagunças rotineiras com os colegas.

Quando ganhava cinco reais do avô ou do pai, na hora do intervalo, Paula ia correndo até a cantina para trocar a nota por um grande saco de papel cheio de chicletes. Mas se engana quem imagina que a menina fazia isso pelo doce. Pelo contrário, o objetivo da garota era justamente o que envolvia a goma: as figurinhas. Com os meninos em roda, ela sentava no chão e no meio deles eram colocados os cards dos mais diversos personagens e temas. Logo, com a palma das mãos, um deles começava batendo sobre a figurinha, na intenção de virá-la do lado contrário. Aquele que conseguisse inverter o maior número, seria o ganhador. Lá ia Paula participar de uma de suas brincadeiras preferidas. Ao final, com o saldo de figurinhas que levava para casa, a menina ainda aproveitava para completar seus vários álbuns que gostava de colecionar.

As aventuras da meninice também ocorreram em meio às águas da piscina do clube da cidade e nas quadras da escola. Com o desejo de aproveitar tudo que a juventude poderia lhe oferecer, a menina agarrou todas as oportunidades. Na maioria dos dias, depois que voltava da aula ao meio dia para almoçar, descansava um pouco e logo seguia para o clube de Regente Feijó, onde passava as tardes se deliciando na natação durante o verão escaldante do Oeste Paulista. Pelo Sesi, chegou até mesmo a competir na modalidade, assim como no basquete. Mesmo não tendo altura necessária, Paula também entrava em quadras de toda a região, disputando os Jogos Regionais e os Jogos de Primavera promovidos pela escola.

No Centro de Qualidade de Vida (CQC) do Sesi, Paula encontrava a sua segunda casa. Já envolvida com os estudos e com os esportes na juventude, sentiu que ainda lhe faltava algo: a música. Tendo aprendido a tocar órgão na Igreja Batista quando criança, já tinha familiaridade com as notas e partituras musicais,

por isso, quando via os ensaios da fanfarra que aconteciam no local, seus olhos brilhavam de desejo de participar. Em pouco tempo resolveu também fazer parte daquilo e, com a marimba, instrumento que durante algum tempo foi seu parceiro, Paula viajou para as mais diversas cidades em apresentações da banda.

Naquela época, mesmo sendo bastante religiosos, Alzira e Adoniran também prezavam pela liberdade dos filhos, afinal, a pequena cidade em que viviam, aos seus olhos, não lhes aparentava tantos perigos. A população moderada do município, com pouco mais de 20 mil habitantes, distribuídos em 265.087 km², também permitia que, na escola onde Paula estudava, diversas classes sociais estivessem juntas. Do filho do pedreiro ao filho do juiz, Paula convivia diariamente com diferentes realidades, fato que, aos poucos, foi moldando sua percepção de mundo. Este aprendizado social que teve durante a escola, hoje rende frutos em sua profissão, já que, como jornalista, nunca se deixou intimidar diante de cargos ou posições sociais.

Cintia, Daniele, Ritinha, Fernanda e Solange. Ao lado de Paula, as cinco amigas eram inseparáveis pelos corredores da escola. Juntas, dividiam os anseios, as incertezas, as paixões e até mesmo os ídolos. Em 1994, quando o longa-metragem *Lendas da Paixão* foi lançado, o protagonista, Brad Pitt, se tornou o grande colírio das adolescentes da época. E Paula não ficou de fora. Apaixonada pelo ator, em seu aniversário, foi presenteada por uma de suas amigas com um pôster do filme. Extasiada com a nova aquisição, rapidamente colocou a imagem do ídolo no lado de dentro de uma das portas de seu guarda-roupa, onde repetidas vezes abria-o para observar o bonito homem loiro, de cabelos compridos e olhos azuis.

Nem só de paixões imaginárias viveu Paula. Em sua vida real, aos 14 anos, quando começou o Ensino Médio, a jovem ainda era

uma das únicas da turma que não tinha dado o primeiro beijo de sua vida. Até aquele momento, os namoros não eram algo importante para a jovem. Gostava mais mesmo era das brincadeiras, das competições esportivas, das viagens com a fanfarra, de seus livros, suas músicas. Mas vendo o desinteresse de Paula naquela altura, os amigos a questionavam.

– *Não é possível. Você deve gostar de alguém.*

– *Gente, eu não gosto de ninguém, não* – respondeu Paula.

– *Mas então quem você acha o mais bonito aqui da sala?* – retornou o amigo, com outra pergunta, insistindo em tirar alguma resposta valiosa da jovem.

– *Hum... Acho que o Alex.*

De longos cabelos loiros, o garoto que Paula havia acabado de escolher era fisicamente muito parecido com seu ídolo, Brad Pitt. Este, talvez, fosse o principal motivo para que Alex, dentre tantos meninos da sala, tivesse chamado a atenção da jovem. Depois do questionamento dos amigos, Paula ficou pensativa sobre aquilo durante o resto da aula, até que no dia seguinte, os colegas retornaram com um recado.

– *Oi, Paula. Viu, o Alex disse que quer falar com você depois da aula.*

– *Comigo? Tudo bem então* – respondeu, questionando-se o que realmente o menino gostaria de falar com ela.

Olhando apreensiva os minutos que passavam no relógio, Paula sofreu pelo resto da aula com a ansiedade que tomava o seu corpo. Até que seu devaneio foi interrompido pelo barulho estridente do sinal que informava a hora de ir embora. Rapidamente, enfiou o caderno, apostilas e o estojo na mochila, e quase como uma corrida foi avançando entre os alunos para chegar logo em frente ao portão da escola onde Alex a esperava.

– *Oi, tudo bem?* – disse Paula, com um sorriso tímido.

– *Tudo e você?* – respondeu Alex.

– *Tudo também. Então, o pessoal disse que você queria falar comigo...*

– *Ué, pra mim eles disseram que você queria falar comigo* – respondeu o garoto, sem ainda compreender a situação.

Olhando um para o outro, de repente Paula caiu na risada. Analisando a situação, agora ela tinha entendido que tudo não tinha passado de uma trama dos amigos para aproximá-los. Depois daquele dia, as conversas durante as aulas ficaram frequentes e o plano dos amigos começou a surtir efeito quando os dois começaram a namorar. Mesmo com altos e baixos, mas com um relacionamento regado a muitas descobertas, os dois seguiram juntos por cinco anos, até quando as decisões sobre o futuro fizeram com que cada um seguisse para o seu lado.

No entanto, as amizades daquela época permanecem até hoje em sua vida. Quando as seis amigas se encontram, é como se nunca tivessem se separado, e uma conversa flui como se ainda se vissem diariamente e relembram todas as histórias da juventude.

– *Você lembra que a gente falou que igual as duas estrelinhas que ficam bem perto do Cruzeiro do Sul, enquanto elas estiverem no céu, nós vamos ser amigas?* – falou Solange, em uma das visitas que fez a Paula recentemente.

– *Sim! Então, é pra sempre, né?* – respondeu animada.

Ao final da oitava série, Paula precisou mudar de escola, já que o Sesi não contava com turmas de Ensino Médio. Naquele momento, mesmo com tão pouca idade, a jovem já pensava sobre qual profissão gostaria de seguir: a tão sonhada medicina. Para isso, Paula reconhecia que o ensino que tivera não daria conta do fluxo de aprendizado que um vestibular de Medicina demandava e, por isso, seu maior desejo era ir para uma escola particular.

No entanto, como seus outros irmãos estavam oficialmente prestando diversas provas para entrar na faculdade ou até mesmo já cursando o ensino superior, Alzira e Adoniran não puderam arcar com mais um gasto, colocando Paula em uma escola pública. E, assim, mesmo sempre focando fielmente nos estudos do ensino público, aos poucos, a jovem via o sonho da medicina escorrer por entre os dedos. Era preciso achar outro caminho.

IDENTIFICAÇÃO

Aos cinco anos de idade, ao ouvir uma amiga mais velha da igreja, Valéria, comentar sobre as aulas no curso de Fisioterapia, Paula ficava encantada. A cada detalhe relatado pela moça, a menina mergulhava em seus pensamentos e, sempre ávida pelo conhecimento, tentava imaginar como seria estudar o corpo humano. Sua maior curiosidade era conhecer a famosa piscina de cadáveres, onde eram dispostos os corpos usados nas aulas de anatomia.

– Valéria, por favor, me leva na sua faculdade? Eu quero muito conhecer! Me leva por favor! – implorava Paula.

– Eita menina, criança não pode ficar entrando lá. Mas eu vou ver se consigo levar você um dia.

Depois de tanto insistir para que Valéria a levasse para conhecer a faculdade, a moça resolveu ceder aos pedidos de Paula. Ao chegar no campus da Unesp (Universidade Estadual Paulista) de Presidente Prudente, seus olhos brilharam. Pelos corredores, a cada laboratório que visitava, mesmo ainda tão nova, sua paixão pela área da saúde ia crescendo cada vez mais. Seu grande desejo a partir de agora seria cuidar das pessoas, mas diferente da amiga, não optava pela Fisioterapia, mas sim, pela Medicina.

Paula cresceu com esse sonho pulsando em suas veias e, por

isso, um dos fatos que mais lhe marcaram, foi justamente não ter podido cursar o Ensino Médio em uma escola particular, já que tinha o desejo de ter um ensino de qualidade que pudesse lhe capacitar para os complexos e disputados vestibulares de Medicina. Certo dia, no último ano da escola, período em que os alunos já começam a escolher quais áreas gostariam de cursar no ensino superior, uma psicóloga foi até as salas para realizar um teste vocacional com os alunos.

De carteira em carteira, a profissional foi entregando um questionário para todos que estavam na sala. Nele, os estudantes deveriam responder perguntas sobre suas qualidades, defeitos, aptidões, preferências e desejos. Ao entregar suas respostas para a psicóloga, Paula nem estava muito preocupada, afinal, Medicina sempre foi uma certeza para ela e, assim, no teste vocacional isso não seria diferente. Porém, após toda a checagem feita pela profissional, veio a surpresa. No resultado, as profissões ligadas à área da comunicação, como Relações Públicas e Jornalismo, tinham registrado a maior parte da pontuação.

– *Gente, não é possível. Tá errado esse negócio – pensava Paula, consigo mesma.*

A partir disso, a jovem ficou matutando o ocorrido em sua cabeça. Será que esse seria o seu destino? Logo chegou o dia de realizar o temido Enem (Exame Nacional do Ensino Médio). Naquela época, no final dos anos 90, a prova ainda não funcionava como porta de entrada para as universidades, mas, mesmo assim, Paula se preparou bastante para realizá-la. Chegando o dia do resultado, a jovem foi surpreendida pela sua nota. Isso porque, na redação, ela tinha pontuado melhor do que em todas as outras áreas do conhecimento.

– *Mas gente! Será que isso é pra mim? – perguntava-se.*

Entretanto, mesmo diante dos detalhes que a puxavam para a

comunicação, Paula não desistiu de seu sonho. Convicta do que realmente gostaria de fazer, animada e ansiosa, a jovem foi para Campo Grande, no Mato Grosso do Sul, prestar o vestibular de Medicina de uma universidade federal da cidade. Com as mãos suando e os pensamentos que tentavam raciocinar e se lembrar de todo o conteúdo que tinha aprendido para estar ali, pouco a pouco ela ia marcando as respostas no gabarito. Ao se levantar e ir em direção ao instrutor para entregar seu caderno de provas, pensava: o que faria caso não fosse aprovada? A partir disso, Paula sofria ansiosa pelos dias infundáveis, mais parecidos a meses, que a separavam no resultado do vestibular.

Até que um dia, Paula recebeu uma correspondência da universidade, que informava o resultado da prova que havia prestado. Nervosa, abriu o envelope e logo começou a ler a carta. À medida que ia lendo, seu sorriso, devido a chegada do resultado, ia se transformando num semblante entristecido. Isso porque havia descoberto que não tinha conseguido a aprovação, tinha ficado entre os próximos trinta colocados, estando na lista de espera.

Embora desanimada com o resultado, Paula tinha esperanças de que seu nome fosse chamado. No entanto, enquanto aguardava, a jovem não considerava a ideia de ficar um minuto sequer sem estudar, afinal, para ela, adiar sua entrada na graduação em um ano seria tempo perdido. Resolveu, então, tentar o curso que pelas referências da vida, já tinha se mostrado como um caminho alternativo em seu destino: a Comunicação Social.

Em 1998, Paula sentava-se pela primeira vez na carteira de uma sala de ensino superior. De segunda a sexta, pegava um ônibus de manhã, que levava os alunos de Regente Feijó até o campus II da Unoeste (Universidade do Oeste Paulista), em Presidente Prudente. Consternada, esforçava-se diariamente para chegar à

sala. Não estar no tão sonhado curso era como um martírio para a jovem, que todos os dias antes de sair de casa para a aula chorava pela impotência de não poder fazer o que realmente queria.

Certo dia, em uma das aulas da professora Luzia Yamashita Deliberador, a docente reparou no semblante entristecido de Paula sentada no canto da sala. Não entendia o porquê da menina estar daquele jeito, pois, em todo lugar que olhava, deparava-se com jovens felizes e animados. Até que, para sanar sua dúvida e tentar ajudá-la de alguma maneira, a professora se aproximou.

– *O que está havendo, Paula? Não sei, eu percebo que você não está nessa empolgação toda igual todo mundo* – perguntou Luzia.

– *É que eu nunca quis fazer Jornalismo. Eu queria fazer Medicina* – revelou Paula.

– *Então o que você está fazendo aqui?*

– *É que eu fiquei na lista de espera do vestibular de Med, mas eu não queria ficar parada. Eu queria fazer faculdade* – disse a jovem, tentando se justificar.

– *Olha, então faça assim: vou te emprestar um livro e se você ler e não gostar, eu acho que você tem que parar esse curso* – propôs a docente.

De repente, a professora foi até o seu material e, de dentro da bolsa, retirou um fino livro chamado *A prática da reportagem*, de Ricardo Kotscho. Retornando ao local onde Paula estava, entregou-lhe a obra. Passando o olho pelas páginas, a jovem analisava instigada o exemplar. Porém, retornando para a casa naquela noite, logo começou a experiência proposta por Luzia. Os dias foram passando e a afeição de Paula pela leitura da obra só ia aumentando, bem como quando era criança e rapidamente consumia os diversos livros presentes na biblioteca do avô e os presenteados pelo tio.

Ao finalizar as últimas páginas, Paula percebeu algo que até então não havia notado: mesmo diante de toda a história de amor que tinha com a Medicina, viu que naquele momento, era o Jornalismo que a escolhia. Agora, observando a profissão sob os olhos da obra que havia lido, notava que, aquele sim, poderia ser o amor concreto de sua vida, que, assim como a área médica, também poderia ajudar outras pessoas e, diante disso, decidiu permanecer no curso.

Mesmo vendo alguns profissionais do jornalismo trabalhando sem possuir o diploma, aos poucos foi percebendo o quanto o estudo era necessário, pois só na graduação seria possível aprender as técnicas e a teoria, por mais que já estivessem adaptados com a prática há muitos anos. Hoje, Paula se lembra com carinho de professores como Paulo Miguel, Lêda Márcia, Homéro Ferreira, que mesmo dentro da sala de aula puderam lhe mostrar como a realidade da profissão acontecia.

De decisão tomada, Paula percebeu que era hora de adentrar-se de corpo e alma na profissão que havia lhe escolhido. Por este motivo, logo foi procurar por um estágio. Saindo de ônibus de Regente, ao meio dia, estava em frente ao prédio do jornal Oeste Notícias, em Presidente Prudente. Corajosa e destemida como sempre foi em todas as ações de sua vida, sem hesitar ela entrou na recepção do diário prudentino e seguiu em direção à secretária.

– *Boa tarde. Por favor, quem é o chefe da redação do Oeste Notícias?*

– *É o Ricardo Torquato* – respondeu a secretária.

– *E ele está?*

– *Não. Ele só chega lá pelas três horas da tarde* – explicou a Paula.

– *Ah sim, então tá. Quando ele chegar, você me dá um toque? É que eu não conheço ele fisicamente* – pediu a jovem.

– *Claro, pode deixar.*

Sentada em uma das cadeiras da recepção, Paula via os minutos entediados passarem no relógio da parede da sala. A cada homem que chegava ao local, a jovem se inflava de esperança e logo pensava nas palavras certas para abordar o sujeito que poderia lhe conceder uma oportunidade de estágio. Até que, quando o desânimo da espera começava a tomar conta Paula e a jovem já não reparava tão atentamente em quem entrava ou saía do jornal, a secretária deu-lhe um sinal. Como em um salto, a estudante levantou-se da cadeira e foi em direção ao chefe de redação do Oeste Notícias.

– Oi, Ricardo. Tudo bem?

– Olá – respondeu o homem, sem entender a situação.

– *Eu sou Paula, estudante de Comunicação. Eu vim aqui falar com você, pois eu gostaria de um estágio* – disse a jovem, explicando seu objetivo.

– *Então, menina, mas agora não temos vaga.*

– *Ah, mas eu não queria receber nada, eu só quero aprender mesmo* – respondeu Paula, tentando argumentar.

– *Mas, infelizmente, nós não temos mesmo. Desculpe.*

Dali, a jovem retornou para o lar em Regente, mas não aceitou o não como resposta. Retornou ainda mais umas quatro vezes ao periódico, até que, talvez vencido pela insistência da jovem, Ricardo deu-lhe uma resposta positiva.

– *Tá bom. Vem aqui amanhã de manhã para conversar com o Reinaldo Ruas* – disse o chefe, direcionando Paula para falar com o pauteiro do jornal. Ansiosa, ela retornou no dia seguinte.

– *Oi, o Ricardo me falou de você. Então, você agora vai pra rua e faz uma reportagem pra gente sobre o aumento no preço da gasolina* – orientou Reinaldo.

Surpresa, Paula aceitou o desafio. Porém, ainda no início da

faculdade, questionava-se: o que faria, já que ainda não tinha experiências com reportagens? Mesmo com medo, a jovem pegou a caneta e um bloquinho de papel e seguiu para as ruas de Prudente. Em meio a tantas pessoas, Paula olhava ao seu redor, tentava decidir por onde iria começar. Fazendo abordagens ainda meio tímidas e inseguras, a jovem conseguiu as entrevistas que precisava e logo voltou para a redação do jornal. Ao sentar-se em frente ao computador, deparou-se com uma tela em branco que parecia devorá-la, mas colocando sua determinação em cena novamente, começou a escrever um de seus primeiros textos jornalísticos. Assim que fechou sua matéria, avisou Reinaldo, que se dirigiu até a mesa onde Paula estava para corrigir o texto feito pela jovem.

– *Olha, seu texto tem que melhorar muito, mas você tem um negócio que não se aprende na faculdade. Você tem o feeling. Acho que você pode ficar.*

Animada com a oportunidade que estava recebendo, Paula agarrou-a com todas as suas forças e todos os dias que chegava ao periódico fazia de tudo para desempenhar com maestria o seu trabalho. Às cinco e meia da manhã, a jovem acordava para tomar um rápido café, arrumava-se e pegava o ônibus para Presidente Prudente, onde deveria estar às sete na redação do Oeste Notícias. Com isso, também precisou trocar de turno na faculdade e começou a frequentar as aulas noturnas do curso de Jornalismo. Por isso, ao sair do jornal às três da tarde, Paula ainda retornava para Regente Feijó e, às seis e meia, lá estava ela novamente no ônibus, retornando à Prudente para mais um dia de aula.

Sua rotina seguiu assim até o fim do curso, mas, apesar de cansada, Paula não se arrependia, pois sabia que aquele sacrifício poderia render-lhe experiências que a maioria de seus colegas de sala não fazia ideia do que seria viver. Certo dia, um dos repórteres

do Oeste Notícias, Cícero Afonso, que costumava cobrir as ocorrências policiais, chegou na redação com fotos de uma chacina envolvendo cinco jovens, que tinha estarecido a cidade de Teodoro Sampaio, a cerca de 113 quilômetros de Presidente Prudente. Paula e o outro estagiário do diário eram responsáveis por descarregar todas as fotos dos disquetes que eram usados em uma câmera Sony Digital Mavica dos anos 90. Com isso, ao olhar as fotos de pessoas, de idades quase como a dela, brutalmente assassinadas, a vida profissional da ainda estudante já começava a ficar marcada por situações nas quais nunca se imaginou.

Contudo, a jovem que até então só se deparava com esse tipo de notícias no jornal em que trabalhava, foi surpreendida por uma situação assustadora. Saindo do jornal em um final de tarde, sozinha ela caminhava por uma rua que ficava atrás do Campus I da Unoeste, onde também era localizado o Oeste Notícias. Até que, enquanto seguia pela calçada, um homem parou o carro ao seu lado e começou a lhe pedir informações. Sempre solícita a todos os tipos de pessoas, Paula começou a responder as perguntas do sujeito, quando, de repente, notou que ele estava nú na parte de baixo do corpo. Rapidamente, o homem abriu a porta do veículo e, com ameaças, tentou forçar a jovem entrar no carro. Foi quando Cícero, um dos repórteres do jornal, mais conhecido como Feijoada, avistou Paula em apuros e se aproximou do homem, ameaçando-o com uma arma. Felizmente, graças à ajuda de Cícero, a jovem conseguiu escapar da tentativa de estupro.

Sempre muito bonita e vaidosa, a beleza de Paula chamava atenção por onde passava. Seu jeito educado, gentil e amigoso, muitas vezes, confundia a cabeça de entrevistados que se achavam no direito de endereçar-lhe flores no jornal, após entrevistas que somente cumpriam sua função como profissional. Além disso, o desagrado em presenciar situações que punham em

dúvida a capacidade de colegas de trabalho, a deixavam mal, como quando diziam que eram incompetentes ou serviam apenas para escrever notas de falecimento. Mesmo em meio à pressão, Paula não permitia-se abater, pois sua vontade de estar ali, exercendo aquele trabalho, era maior do que a frustração que pudesse sentir no ambiente.

Fora do jornal, seu jeito ainda juvenil também era motivo para desconfiança durante algumas entrevistas. Certo dia, ao conversar com um entrevistado, este, com medo de que Paula não entendesse o que ele estava respondendo, pediu para que anotasse palavra por palavra do que ele dizia, ditando lentamente as suas respostas. Em seu bloquinho de papel, ainda ingênua perante a situação, Paula ia escrevendo tudo que ouvia do homem, que, ao final, pediu-lhe para repetir a fim de confirmar se tinha anotado tudo corretamente.

Contudo, o estágio também pôde lhe proporcionar experiências positivamente inesquecíveis, das quais se lembra com carinho até os dias atuais. Em um gabinete repleto de pessoas influentes no município e personalidades políticas, certa vez, Paula foi entrevistar Agripino Lima, prefeito de Presidente Prudente, em 2001, e famoso professor da cidade. Ao se aproximar dele para a entrevista, a jovem repórter proferiu as perguntas para sua matéria no Oeste Notícias e, ao fim, ele lhe devolveu um questionamento.

– *Você sabe o que Rui Barbosa diz sobre o jornalista?*

– *Não sei, professor. Me diz, o que é?* – respondeu Paula, um tanto envergonhada.

– *Ele diz que os jornalistas são os olhos do povo, pois o que o povo não consegue enxergar, você vai enxergar e vai contar para eles* – explicou Agripino.

Aquela fala fez com que Paula se certificasse ainda mais de que, sim, estava no caminho certo, pois, por mais que o jornalismo não fosse algo sonhado durante sua vida até ali, ele mesmo havia lhe escolhido para cumprir a missão que, agora, tinha sido explicada por Agripino. Chegando na redação, a jovem sentou-se em frente ao computador e navegando nos primórdios da internet do início dos anos 2000, ela resolveu pesquisar a fala de Rui Barbosa, uma das mais conhecidas figuras intelectuais do Brasil.

“A imprensa é a vista da Nação. Por ela é que a Nação acompanha o que lhe passa ao perto e ao longe, enxerga o que lhe malfazem, devassa o que lhe ocultam e tramam, colhe o que lhe sonegam, ou roubam, percebe onde lhe alvejam, ou nodoam, mede o que lhe cerceiam, ou destroem, vela pelo que lhe interessa, e se acautela do que a ameaça.”

RUI BARBOSA

Ao reler a citação, Paula sentiu que tanto quanto na medicina, seu trabalho como jornalista também possuía extrema importância para a sociedade. Aquilo que tinha acabado de ouvir, fizera-lhe despertar um ânimo a mais pela profissão que, aos poucos, ia se apaixonando. Ela compreendeu que, sem aquela oportunidade do estágio, que lhe fazia sentir verdadeiramente como era estar no mercado de trabalho, isso não seria possível.

Com a fala do professor ressoando em seu pensamento, lembrou-se da ocasião em que sua missão enquanto jornalista começou a ser delineada, logo em seus primeiros anos de jornal. Diariamente, Paula recebia ligações na redação, das quais um senhor, estilista de Presidente Prudente, pedia para que fizessem uma matéria sobre o trabalho dele. Até que um dia, depois dos insistentes pedidos, ela resolveu comentar a situação com Reinaldo.

– *Ruas, esse senhor liga todo dia aqui na redação. Vamos fazer uma matéria sobre ele?* – propôs Paula.

– *Se ele tiver uma história legal, pode fazer* – disse-lhe, dando o aval.

Em uma entrevista por telefone, Paula retornou para o senhor, que falou sobre seu trabalho e suas obras. Logo depois, ele endereçou ao jornal suas fotos e croquis de alguns modelos de roupas que havia feito. Em uma matéria mais descontraída e voltada para o comportamento, Paula conseguiu emplacar a reportagem no caderno de cultura do jornal. Passados alguns dias, Cida, a recepcionista do Oeste Notícias, ligou na redação para avisar que um homem esperava por Paula na recepção. Rapidamente a jovem associou que poderia ser o estilista. Ao descer para o saguão onde o homem lhe esperava, a jovem tomou um susto ao se deparar com a imagem de um senhor visivelmente acometido por alguma doença.

– *Moça, eu vim aqui para te agradecer. Hoje eu me encontro em estado terminal da Aids e a última coisa que eu queria realizar nessa vida era que o meu trabalho fosse reconhecido pelo menos uma vez. Você conseguiu proporcionar isso para mim e eu não sei nem como te agradecer* – disse o senhor, aos prantos.

– *Imagina, o senhor não tem que agradecer, eu só fiz o meu trabalho. Eu fico feliz de ter podido fazer o senhor feliz* – respondeu Paula, que em seguida foi abraçada pelo estilista. Ao retornar do ocorrido, subiu pensativa pelas escadas que a levavam à redação – *Caramba, como a gente impacta a vida das pessoas e, às vezes, nem sabemos o quanto!*

Depois de um período estagiando sem remuneração, assim que surgiu uma vaga efetiva no jornal, Paula foi oficialmente contratada como estagiária do Oeste Notícias. Diante disso,

passou a ganhar benefícios que a empresa proporcionava, como o pagamento de parte da mensalidade do curso. Com as irmãs ainda estudando Direito e Paulo morando em Curitiba, no Paraná, para se formar em Teologia, Alzira e Adoniram não estavam dando conta de bancar os estudos dos quatro filhos ao mesmo tempo. Por isso, a ajuda que passou a receber, como estagiária remunerada do jornal, era de extrema importância para que Paula conseguisse finalizar a graduação.

Nas últimas semanas de dezembro de 2002, no auge dos seus 21 anos, Paula estava prestes a encerrar seu ciclo com a graduação para se formar uma jornalista. Como havia ficado quase todo os anos do curso estagiando no Oeste Notícias, aguardava animada pela notícia de sua possível efetivação na equipe. Entretanto, um dia, foi chamada pelo chefe do jornal na época.

– *Paula, infelizmente, o seu contrato de estágio está no fim e a gente não vai poder empregar você* – anunciou o chefe.

– *Ué, mas por quê?* – disse incrédula, pois estava confiante de que seria efetivada.

– *É que o jornal está querendo renovar a equipe. Me desculpe, dessa vez não vai dar.*

Ainda com o choque causado pelo fim do ciclo, Paula não se deu por vencida. Apesar de arrasada, sabia de seu potencial. Por mais que tivesse um imenso carinho pelo local que durante os quatro anos de graduação havia lhe ensinado na prática tudo o que aprendia em sala de aula, a jovem resolveu levar a negativa como uma chance de viver novas experiências. E, assim, seguiu em busca de novos caminhos.



Paula cumprimentando o banca da sua colação de grau, a professora Leda Márcia, e ao lado, o bispo Dom José Maria Libório (Arquivo pessoal: Paula Sieplin)

PERCURSO

Durante os quase três anos e meio de estágio no Oeste Notícias, Paula soube aproveitar a oportunidade para estabelecer um bom relacionamento com fontes e colegas de profissão, além de conhecer diversas pessoas. Por isso, mesmo se vendo desempregada após o término da graduação, ela acreditava em sua formação e no que poderia oferecer ao mercado de trabalho. Logo a sorte bateria em sua porta.

Em fevereiro de 2003, Paula foi chamada para participar de um projeto da chamada Emubra (Enciclopédia Municipal Brasileira), responsável por contar as histórias dos municípios brasileiros. Com isso, a jovem jornalista foi designada para uma pesquisa sobre as cidades do Oeste Paulista e ajudou a produzir o material

referente à região.

No entanto, logo em abril do mesmo ano, foi convocada para a seletiva de uma vaga em uma agência de publicidade de Prudente, chamada Dispert, que era responsável por prestar assessoria para diversas empresas da cidade. Em meio a vários nomes, o de Paula foi selecionado e, assim, ela foi encaminhada para os trabalhos diretos no Curtume Vitapelli, para cobrir a licença-maternidade de Valéria Garbullio, assessora de imprensa do local na época.

Além de se aventurar em algo completamente novo como a assessoria, com o recente trabalho, Paula também precisou morar em Prudente, já que sair todos os dias de Regente Feijó já não seria viável. Depois de quatro meses do seu início na empresa, Valéria voltou de sua licença e, juntas, as duas começaram a trabalhar no local. A parceria entre a dupla deu tão certo que até mesmo o dono do curtume começou a observar e logo teve uma ideia. Com Paula e Valéria sentadas em sua sala para uma reunião, Nilson Vitale fez a proposta.

– *Vocês topam fazer um setor de Comunicação aqui na empresa?* – disse às duas, que se entreolharam sem entender.

– *Sério?* – respondeu Paula.

– *É que o valor que eu pago pra agência é muito maior do que eu poderia pagar a vocês. E, além do mais, vocês fazem um ótimo trabalho.*

Avaliando a oportunidade, as duas jornalistas toparam o desafio. Unidas, elas passaram a comandar sozinhas o setor de Comunicação da empresa, que, na época, empregava mais de 3 mil e 500 funcionários e exportava suas produções para mais de 12 países. Assessoria de imprensa, relações públicas, promoção de eventos... tudo era feito por Valéria e Paula, que, em suas rotinas diárias, estabeleciam vínculos até mesmo com profissionais de diversas línguas.

Contudo, mesmo gostando das experiências que estava tendo,

a jornalista ainda sentia que algo lhe faltava. Seu grande desejo dentro da profissão sempre foi trabalhar com o jornalismo diário, que tinha conseguido experienciar durante algum tempo no Oeste Notícias. Por isso, sentia falta da dinamicidade da redação, da agilidade que as notícias demandavam, das aventuras vividas e histórias conhecidas pelas reportagens. Até que um dia, seu telefone tocou.

– *Olá, Paula. Tudo bem? Aqui é do jornal O Imparcial – falavam do outro lado da linha.*

– *Oie, tudo e você? – respondeu, apreensiva.*

– *Tudo também. Então, a gente recebeu uma indicação sua e gostaríamos de saber se você quer vir trabalhar com a gente. Você topa?*

– *Mas é claro! – assentiu animada.*

Mesmo mudando para um lugar onde seu salário seria menor, Paula não pensou duas vezes. Essa seria a oportunidade que por tanto tempo havia sonhado, depois de quase seis anos fazendo parte da comunicação da Vitapelli. Como repórter do tradicional diário prudentino, a partir de 2008, Paula viveu, comoveu-se e se indignou com as mais diferentes histórias do jornalismo diário de que tanto gostava. Depois de algum tempo, ainda passou para a função de pauteira do jornal, responsável por coordenar todos os repórteres e suas respectivas pautas.

Certa vez, enquanto cobria um jogo entre Grêmio Prudente e Barueri, Paula e o fotógrafo José Reis aguardavam o término da partida para entrevistar os jogadores sobre desempenho em campo. Ao fim do duelo, o assessor de imprensa do time foi ao encontro da equipe.

– *Olha, a coletiva vai ser lá no vestiário. Os outros repórteres já estão todos lá – Paula e José Reis se entreolharam, sem acreditar*

no que estavam ouvindo.

– *Eu não vou entrar e ver eles trocando de roupa* – disse o fotógrafo.

– *Eu também não* – assentiu Paula.

Só com as fotografias do jogo e sem o material da entrevista, a dupla retornou ao jornal sem participar da coletiva. Afinal, como ela, mulher jornalista, iria se submeter à situação de entrar em um vestiário enquanto tantos jogadores se trocavam e ao mesmo tempo falariam com a imprensa? Para a jornalista, aquilo era inadmissível. Chegando na redação, relatou a situação à sua editora chefe, Giselle Tomé, que logo compreendeu a situação. Naquele momento, Paula percebeu que não precisava se submeter a certas situações em que sua dignidade entraria em jogo por conta de um material. O “não”, muitas vezes, também seria necessário.

Além dos desafios diários dentro e fora da redação, a jornalista ainda teve que lidar com as constantes transformações tecnológicas que, com o tempo, implicavam diretamente na forma de se fazer jornalismo. Quase adentrando a segunda década dos anos 2000, Paula via o advento da internet se tornar um fenômeno nas redações se tornando uma revolução devido à facilidade com que as informações eram obtidas. Porém, em meio a essa agilidade, naquela época, Paula também já aprendia sobre a importância da checagem, principalmente no ambiente da internet.

Dada a sua experiência profissional e a credibilidade que tinha adquirido ao longo de todas as suas jornadas na imprensa prudentina para conquistar novas oportunidades, Paula nunca precisou entregar um currículo sequer. Quando seu nome era ouvido nas redações, tornava-se símbolo de integridade e profissionalismo e, por isso, conseguiu tudo que almejou na carreira. Em novembro de 2014, Paula foi surpreendida por uma ligação de João Paulo Nunes, na época, gerente de jornalismo da TV Fronteira, afiliada da rede Globo em Presidente Prudente. Do outro lado na linha, ele lhe propôs o

cargo de produtora na emissora.

Depois de tanto tempo ligada somente ao jornalismo impresso, Paula sentiu que era hora de alcançar novos voos e decidiu agarrar a oportunidade. Seu primeiro desafio no novo emprego foi lidar com a nova linguagem e com o imediatismo da TV. Praticamente com as notícias em tempo real, a jornalista teve que se adaptar com a agilidade e a responsabilidade para com aquele tipo de informação que rapidamente tinha que ser veiculada para o telespectador.

Após quatro meses como produtora e quatro anos como coordenadora de produção do Fronteira Notícias 1ª Edição, principal jornal da hora do almoço no Oeste Paulista, Paula se arriscou em algo que nunca se imaginou fazendo: reportagem de TV. Embora seja sempre muito desenvolta com todos à sua volta, aparecer na televisão nunca foi algo almejado pela jornalista. Além da novidade de aparecer para as 56 cidades da região, Paula também teve que lidar com a mudança no modo de produzir suas reportagens. Acostumada com a robustez do impresso, agora precisava ser o mais coloquial possível em suas falas, mas, aberta ao aprendizado, aceitou de braços abertos o desafio que até hoje tenta driblar.

Na emissora, sempre foi destaque também por ter bons relacionamentos com várias fontes importantes na cidade. Desde a época do estágio, com muito profissionalismo, sempre conseguiu estabelecer um vínculo de credibilidade com os entrevistados que hoje confiam extremamente em seu trabalho. Porém, o fato de ter sempre bons contatos, os quais muitas vezes lhe passam informações em primeira mão, chegou a gerar questionamentos quanto à suas condutas. Certa vez, enquanto estava numa roda de conversa com colegas de trabalho, um deles falou:

– *Ah, mas a Paula tem alguma coisa com o promotor... Não é*

possível – comentou um colega, supondo que Paula tivesse algum relacionamento amoroso com um membro do Ministério Público da cidade, já que este sempre lhe confia informações importantes, que nenhum outro jornalista tem acesso.

– *Não, se eu tivesse alguma coisa ele, possivelmente ele nem me passaria, porque a minha credibilidade seria colocada em prova, né?* – argumentou Paula com o colega.

Eram várias as vezes que comentários como este sobre a sua pessoa eram colocados em jogo em alguma conversa despreziosa. Contudo, Paula sabia de sua integridade. Sempre fez questão de deixar claro sua relação extremamente profissional com todo tipo de entrevistado e, com isso, conseguiu fazer seu nome e ganhar a confiança de quem muitas vezes não se abria com a maioria da imprensa. Inspirada por tantas outras fortes mulheres que conheceu no mercado de trabalho, mesmo com desafios como estes, não se deixava abater, em episódios semelhantes, sempre exigia de si mais força para permanecer e conquistar seu espaço profissional a todo custo.

Ao contrário de outras repórteres do jornalismo televisivo, Paula começou a aparecer nas telinhas já com seus quase 40 anos de idade. Apesar de vaidosa desde a juventude, vinda do impresso, a jornalista nunca tinha encarado uma cobrança taxativa quanto a estética dentro de sua profissão. Quando menina, Paula sempre teve que lidar com comentários sobre estar acima do peso. No entanto, à medida que ia crescendo e com seu ingresso na prática de esportes, na adolescência, perdeu bastante peso e sua estética já não lhe incomodava mais. Contudo, em frente às câmeras, Paula teve que lidar novamente com os conflitos que a afetavam na infância.

– *Você tá ocupando quatro palmas da tela! Tá muito cheinha no vídeo, hein?* – comentavam

– *Mas gente, eu tenho que ser magra para trabalhar? Por acaso eu não estou passando a informação direito?* – refletia Paula sobre os comentários.

Seja com os apontamentos dos colegas ou de entrevistados, a exposição da TV fez Paula perceber que, independente de estar bem com o seu corpo e fazer o que sente vontade sem ter que dar satisfações para alguém, o peso da pressão estética ainda existe. Ele, muitas vezes, é verbalizado em comentários que parecem ser inofensivos, mas que se assemelham a um tipo velado de assédio moral.

Pensando sobre todas essas questões, Paula ainda refletia: será que essa mesma ditadura da beleza seria imposta a um repórter homem? Implicações sobre roupas, cabelos, maquiagem, peso, será que isso valeria mais do que a própria notícia que ela estaria transmitindo para milhares de pessoas? Para ela, não. Paula sabia que, no fim, o seu conhecimento profissional era o que de fato importava, mesmo que essas opiniões em forma de brincadeiras, muitas vezes afetassem o seu psicológico.



Entrevista de Paula com Demerson Dias, presidente da Câmara Municipal de Presidente Prudente, ao lado do cinegrafista Sandro Bittencourt (Arquivo pessoal: Paula Sieplin)

Hoje, como jornalista, Paula se sente realizada e apaixonada pelo que faz. Diariamente, ao chegar na redação da TV Fronteira, sabe que nada será igual como no dia anterior. Novas histórias, novas pessoas, novos acontecimentos, tudo será como uma nova aventura diária, talvez a parte mais cativante da profissão. Ser mulher, ser mãe, ser jornalista. Paula sempre soube muito bem como alinhar as quase três jornadas de trabalho. Assim como ela, tantas outras mulheres também passam pela mesma situação e, ao se deparar com um cenário cada vez mais ascendente quanto à presença feminina nas redações, Paula se sente feliz, pois, assim como ela e mesmo em meio a tantos desafios, outras jovens mulheres cada vez mais terão a oportunidade de trazer todo o empoderamento feminino para a produção de um jornalismo de qualidade.

Aficionada pela medicina desde criança, percebeu que no jornalismo também poderia mudar uma situação ou a vida de alguém de alguma forma. Assim como na citação de Rui Barbosa, estava ali para cumprir a sua missão de ser os olhos do povo. Mesmo não tendo juntado milhões ou enriquecido, com suor de seu trabalho, conseguiu criar o maior tesouro, que é o filho, e sobretudo dar voz àqueles que nunca foram ouvidos.

Posfácio

Bárbara Munhoz



Há um ano, deparei-me com a responsabilidade de desenvolver um Trabalho de Conclusão de Curso que fizesse sentido não só à minha trajetória acadêmica e profissional, mas à minha história e ao que acredito. Enquanto mulher e futura jornalista, em um país que ocupa o 5º lugar no ranking de feminicídio e, diariamente, é palco de ataques à classe jornalística, em especial a profissionais mulheres, estar a frente do Margaridas foi uma experiência ressignificadora. Mergulhar nas histórias dessas mulheres, compartilhando suas dores e alegrias como se fossem nossas, trouxe uma nova perspectiva de mundo e inquietação frente às injustiças sociais e disparidades entre gêneros, conjunturas que podem e devem ser transformadas também por meio do jornalismo. Certa vez, Nina Simone disse que liberdade é não ter medo. Por isso, agradeço a essas mulheres pela coragem em compartilhar suas histórias tão potentes, dando-nos a chance de eternizá-las por meio dessa obra. Ao passo em que se fala em história e gratidão, aproveito, destarte, para homenagear as mulheres de minha vida: Alessandra, minha mãe e Elza, avó; referências de luta, amor e liberdade há vinte e dois anos. Obrigada por acreditarem. Seguimos, para sempre, juntas.

Izabelly Fernandes



A produção do livro “Margaridas: O florescer das mulheres no Jornalismo” durante a minha formação como jornalista, significou a realização de um sonho. Grande admiradora de livros-reportagem, ao folheá-los e adentrar nas mais diversas histórias, sempre imaginava quando chegaria o momento em que eu, como futura profissional, poderia contribuir com a sociedade com uma obra semelhante. Para isso, foram cerca de 500 dias de muita luta, determinação, renúncias e desafios, em um busca de um único objetivo: cumprir nossa missão de contar histórias que possam inspirar pessoas de alguma forma. A cada término de entrevista e a cada palavra escrita, eu era tomada por um sentimento de satisfação pelo privilégio de tantos relatos estarem sendo confiados a nós e ao nosso trabalho. Para mim, poder revelar as diferentes jornadas e os desafios sofridos por estas seis jornalistas foi uma grande responsabilidade, mas, sobretudo, motivo de um imenso orgulho. Como autora desta obra, espero que cada uma dessas histórias possam inspirar futuras jornalistas, assim como qualquer mulher leitora deste livro, a também serem protagonistas de suas próprias jornadas e compreendam que, apesar dos obstáculos enfrentados ao longo de suas carreira profissional, não deixem de acreditar em seus sonhos. Aos nossos leitores, desejo que percebam a importância de tais relatos, e que cada vez mais possam se tornar indivíduos conscientes para um mercado de trabalho mais igualitário, longe do preconceito, racismo, assédio, desigualdade salarial e de gênero.

Melissa Andrade



Carrego comigo a teoria de que para evoluir é preciso refletir. Por isso, ter produzido o Margaridas me trouxe um sentimento de esperança, e sei que com cada relato estaria contribuindo de alguma maneira para essa evolução, a evolução da mulher na sociedade que ainda a inferioriza e discrimina. Foi uma honra ter tido a confiança de mulheres tão incríveis e ouvir cada detalhe da história delas, dessa forma conseguimos transmitir a mesma sensação em forma de palavras. O que me chamou muita atenção durante as entrevistas foi que cada jornalista possui a sua particularidade, a torna única, a essência de ser mulher. Reafirmei comigo também a ideia de que no contexto de cada trajetória há uma realidade muitas vezes subentendida, mas que só elas sabem o que sentiram ao passar por essas situações. Por outro lado, a força e a coragem falam sempre mais alto em meio a tudo isso. Nesse 1 ano de trabalho, além do prazer de ter desenvolvido um material com histórias tão necessárias e ricas para reflexão da mulher na sociedade, tenho a certeza de que muitos também se sensibilizarão em prol de mudanças com essa discussão, da mesma forma que elas me tocaram nos processos de produção. Como mulheres que florescem a cada dia naquilo que amam, firmes da raiz até o florear, vamos cultivar nossa união e estar juntas, inspirando umas às outras, bem como as flores margaridas.

Agradecimentos

Nossos agradecimentos, primeiramente, às jornalistas, que confiaram a nós os prazeres e dores de ser mulher num cenário tão machista como o nosso. Vocês são referência e fonte de inspiração para as futuras gerações de mulheres jornalistas.

Agradecimentos que se estendem aos nossos mestres, que acreditaram no potencial deste trabalho e nos auxiliaram durante toda a trajetória acadêmica, em especial, nossa orientadora, Profa. Dra. Fabiana Aline Alves.

À nossa família, alicerce permanente, que nos proporcionou o acesso à faculdade e suporte em todos os momentos, e à Caroline Luz, Dimitri Stocker e Thiago Ferri, que nos ajudaram nas importantes transcrições das entrevistas efetuadas para a produção desta obra.



Bárbara, Melissa, Fabiana e Izabelly

